

JAMILA MAFRA UM AMOR E UM AMIGO

JAMILA MAFRA

UM AMOR E UM AMIGO

"...Nada neste mundo pode impedir que um sentimento verdadeiro aconteça..."





PERIGOSAS NACIONAIS

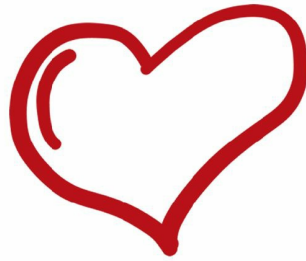
Esta é uma obra de ficção juvenil baseada na livre expressão artística e sem compromisso com a realidade. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos ou são produto da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com acontecimentos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua utilização, nem a sua transmissão em qualquer forma ou meio, sem autorização prévia da proprietária dos direitos dos autorais. A infração das condições pode constituir um crime contra a propriedade intelectual.

Capítulo

1



Naquela inesquecível noite de céu estrelado, Ana Maria entrou no avião, carregando consigo um livreto de bolso, seu sobretudo pendurado no braço direito e também, em seu íntimo, novas expectativas. Ela jamais imaginaria tudo de incrível que o destino lhe reservava. Com uma feição de ansiedade, sentou-se em sua poltrona, suspirou e finalmente relaxou, com ares de alívio.

— Hm, que poltrona macia! — disse, entusiasmada.

Antes mesmo do aviso da aeromoça que passou perto e lhe sorriu, essa jovem colocou o cinto de

segurança, abriu o livro e começou a lê-lo. E naquele ambiente de idas e vindas, ainda era possível ouvir o barulho das turbinas dos outros aviões aterrissando e os sons das vozes anunciando o voo.

Depois de contemplar as estrelas através da janela, um tempo depois da decolagem, Ana reclinou a cabeça, fechou seus olhos e relembrou alguns dos últimos acontecimentos de sua vida, entre eles seu último dia de aula na escola.

Em sua doce memória, novamente o relógio da parede marcava meio-dia quando o sinal tocou no tradicional colégio católico São Francisco de Assis, anunciando o fim do último dia de aula. Um pouco séria e em passos apressados e ansiosos, Ana caminhou pelos corredores em direção ao portão de saída. Suas mãos delicadas de princesa carregaram pela última vez seu material escolar, comprimindo-os contra seu colo. E o som inquietante produzido

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas solas de seus sapatos pretos se misturava ao barulho das pisadas dos outros estudantes, que também transitavam pelos corredores. Como sentiria falta de tudo aquilo! Até do seu uniforme; saia azul, sapato preto, meias e blusas brancas. Sentiria saudades do trajeto costumeiro que sempre fazia a pé de casa até a escola, principalmente em dias de chuva.

Inclusive a escola não era longe. Ficava na mesma avenida de sua casa, a das Nações Unidas. Inevitavelmente sentiria também muita falta de sua amada cidade, São Paulo. Ela quando caminhava gostava de observar tudo ao redor: os prédios, as árvores, o trânsito, as pessoas passando na calçada... Enfim, tudo. Era uma maneira peculiar dela se distrair.

Então finalmente ela estava partindo, mas para um nobre propósito: morar com seu amado pai, na Cidade Eterna, Roma!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nada mais poderia ser tão emocionante quanto isso. Aquela jovem cheia de coisas para viver mal podia esperar pela hora do desembarque.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2



Em Roma, na casa da família Migliaccio, Irma e sua filha Celenia conversavam sorridentes no sofá da sala, quando Victorio, o chefe da família, chegou do trabalho. Em seu típico traje de executivo, e sócio administrador, do restaurante Spezzato, ele foi recebido calorosamente pela filha.

— Pai querido! — Celenia exclamou, abraçando e beijando-o.

Ele retribuiu.

— Oi, amor! — Irma agradeceu-o.

Depois do abraço da filha, largou a maleta na mesinha, beijou a esposa, sentou-se no sofá e

afrouxou o nó da gravata.

— Boa noite, minhas queridas mulheres! — sorriu cansado. — Conversei com Giulio hoje. Está confirmado, Ana chega amanhã a Roma.

Neste momento, Cristiano, o filho do meio, apareceu na sala, quieto. Permaneceu no canto, discretamente, de onde ouviu conversa.

— Que maravilhosa notícia, pai! Então amanhã mesmo verei a minha amiga depois de tanto tempo! — Celenia bradou, eufórica.

— Celenia, não vá assustar sua amiga logo no primeiro dia! A Ana vai chegar cansada, a viagem de avião é longa — Irma advertiu-a.

— Que bobagem, mãe! Ela vai adorar me ver assim que chegar. Temos tantas coisas para conversar! Além do mais, eu sei que ela está morrendo de saudades de mim. Eu também dela! — Saudade... doce palavra portuguesa capaz de exprimir a nostalgia da alma! — a jovem defendeu-

se, fazendo expressões alegres.

— Não dê atenção à sua mãe. Amanhã, assim que a Ana chegar, eu mesmo levarei você ao Gran Prezzo para vê-la — Victorio acalmou-a.

— Obrigada, pai, te amo! — ela agradeceu, enchendo-o de beijos.

Já com a face ruborizada devido à notícia, Cristiano sentiu um nó na garganta. Naquele momento faltou-lhe o ar somente por ter ouvido o nome de Ana Maria. Um tanto quanto desnortado, ele saiu da sala. Seus pensamentos não poderiam estar mais confusos. A partir daquele instante, a presença da jovem que fazia seu coração bater mais forte seria constante.

E ele? O que era? Tão simplesmente um pobre rico rapaz imaturo de doze anos, quase treze, como ele dizia. Fazia ainda parte da família a pequena Teresa, de sete anos de idade. Essa, mesmo tão nova era um pouco atrevida, estava sempre

querendo saber de tudo e fazer tudo.

Enfim era chegada a hora. Depois de uma longa viagem dentro daquele avião, ela finalmente desembarcava no aeroporto internacional Leonardo da Vinci, também conhecido como Roma-Fiumicino.

O frio era intenso. Afinal, era o início do inverno europeu. Trajado em seu sobretudo cinza, Giulio Spezzato seguiu em direção ao portão de desembarque com dificuldade. O aeroporto estava cheio. Pessoas passavam de um lado para o outro, carregando suas malas e junto a elas muitas expectativas para aquele fim de ano.

Hora ou outra alguém esbarrava nele. Pedidos de desculpa eram o que se ouvia a todo o momento. Este pai e conhecido empresário romano mal conseguia disfarçar sua ansiedade. Por um minuto ele parou, observou, e finalmente pôde avistar sua amada filha ainda ao longe, vindo com a bagagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de contemplá-la por alguns segundos, vindo por entre as pessoas, ele sorriu. Ana também sorriu ao ver o pai, do qual a saudade lhe esmagava a alma.

— Ana Maria, querida! — gritou irreverente.

— Pai! — manifestou-se com um grito não menos ousado. Seu coração acelerou enquanto sua face reluzente transparecia muita calma. Sem esperar nem mais um minuto, ela correu em direção à Spezzato, quase deixando sua bagagem para trás. Pai e filha se abraçaram fortemente.

— Minha menina, que saudade!

— Também senti saudade, pai! Até pensei que morreria — confessou, apertando o pescoço do pai com seu abraço.

— Finalmente agora você vai morar comigo para sempre, filha! — exclamou de alegria, ajeitando seu cachecol desarrumado depois do abraço de Ana.

PERIGOSAS ACHERON

— As tias mandaram lembranças para você, pai. E disseram que assim que puderem, virão à Roma nos visitar — deu-lhe o recado, entusiasmada.

— Que ótimo! Pelo que vejo, suas tias cuidaram muito bem de você! Agora vamos, o motorista nos espera lá fora. Eu levo sua bagagem! — disse, sorrindo.

Com uma deliciosa conversa de pai e filha, eles caminharam até a saída do aeroporto.

— Estou ansiosa para ver a Celenia, e passear pela cidade — afirmou empolgada.

— Tenha calma, Ana Maria! Terá muito tempo para rever sua amiga e toda a cidade! Afinal, Roma é a Cidade Eterna, ela não acaba nunca! — acalmou-a.

Incontestavelmente, Ana ainda possuía dentro de si, uma meiguice e trejeitos de criança. Talvez por essa moça órfã de mãe ter sido criada e educada por duas tias beatas nos mais rígidos padrões morais

católicos, sua ingenuidade ainda estava preservada. Em pleno século XXI, essa moça de dezessete anos ainda não sabia o que era o amor, ou, em outras palavras, a paixão, muito menos o sofrimento que esse sentimento poderia causar. Perdera a mãe no mesmo minuto em que nascera, portanto não poderia sentir tanto pesar pela morte dela.

Até houve a sugestão de que Ana Maria fosse para o convento, mas tal hipótese foi logo descartada quando esta decidiu morar com o pai, um conhecido empresário romano, dono do famoso restaurante Spezzato, e estudar Filosofia em Roma. Não, ela não queria ser freira. Quem sabe filósofa?! No fundo, no fundo, queria apenas ser livre.

No banco de trás do carro, ela observava tudo pelo vidro da janela. Já fazia alguns anos que estivera em Roma pela última vez. Ela devia ter uns doze anos. Depois disso, era seu pai que sempre ia ao Brasil visitá-la, junto com sua amiga Celenia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cristiano, quase todos os anos. Mas nesta ocasião, já estavam há pouco mais de um ano sem se verem.

As ruas romanas e sua paisagem eram mais que uma novidade para aquela moça de cabelos compridos cor de mel. Eram simplesmente o anúncio da chegada de novas descobertas.

Enfim o carro parou em frente ao elegante edifício Perlla de Gran Prezzo, localizado no submunicípio Città Dell Sole, próximo ao Vaticano. Ana Maria respirou fundo, olhou mais uma vez pelo vidro e saiu do carro. Seu pai e o motorista também saíram. Ele envolveu a filha em seus braços e apresentou-lhe seu mais novo lar, enquanto Antônio, o motorista, retirava as bagagens do porta-malas.

— Filha querida, eis aqui a nossa casa! Moramos no penúltimo andar! — apontou para o prédio, que Ana contemplou sorrindo.

— É lindo, pai!

PERIGOSAS ACHERON

Ambos entraram de braços dados, transbordando de alegria pelo edifício.

Dentro do apartamento foi uma verdadeira festa! Giulio apresentou Ana às empregadas, que demonstraram empolgação com essa novidade. Eram elas Ilda, a arrumadeira e lavadeira e Egizia, a cozinheira que inclusive sempre achava que ele andava meio triste e sozinho, precisando mesmo de uma companhia tão louvável e maravilhosa quanto a de sua própria filha.

Os olhos de Ana Maria brilharam ao vislumbrar toda a beleza daquele apartamento. Seu pai mostrou-lhe cada cômodo em detalhes. Os enfeites, quadros e tapetes raros a impressionaram. Mas nada se comparava ao incrível momento em que ela conheceu o seu quarto. Giulio abriu a porta e ela contemplou o que havia de mais moderno diante de si.

O teto era branco, a parede bege, nas janelas

PERIGOSAS ACHERON

cortinas da cor do teto também combinando com a cama de casal grande, retangular e branca, sobre o carpete marrom com manchas pretas no chão. Nada de muitos enfeites ou coisas assim. A única exigência de Ana foi a cama de casal. Ela gostava de muito espaço para se sentir à vontade. Um magnífico closet atendia as suas necessidades quanto ao local para guardar suas roupas.

Havia ainda uma salinha anexa, com uma pequena biblioteca e um computador à sua disposição. E finalmente ela ganhara um banheiro digno de uma artista de cinema, com direito a banheira de hidromassagem e tudo mais. Seu pai não economizara nem um euro para agradar e dar o melhor à sua filha. Empresário bem-sucedido que era, dinheiro jamais seria o seu problema.

— Obrigada, pai! — ela exclamou alegre, beijando-lhe a face.

Ele ainda ressaltou que o seu motorista Antônio

PERIGOSAS ACHERON

estaria sempre à disposição para levá-la aonde quisesse. E mais uma vez empolgada, agradeceu ao pai com mais um beijo e um sorriso.

Ele sentou-se à beira da cama com Ana ao seu lado. Por alguns instantes permaneceram em silêncio e ele, com o olhar compenetrado, acariciou o cabelo da filha com a mão direita.

— Seu cabelo cor de mel continua lindo igual ao de sua mãe — afirmou sorrindo, conseguindo tirar mais um sorriso dela.

— As tias também sempre me diziam isso. Estou tão feliz por estar aqui com você, pai.

— E eu mais ainda, filha. Mas minha alegria seria ainda maior se a sua mãe estivesse aqui conosco — ressaltou cabisbaixo.

— É verdade. A mamãe faz muita falta. Apesar de não me lembrar dela já que só tenho as fotos, eu sinto saudades. Mesmo assim, você e as tias falam tanto sobre a mamãe, que sinto como se ela

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse viva — consolou-o.

Os olhos de ambos lacrimejavam naquele momento de mais puro sentimento.

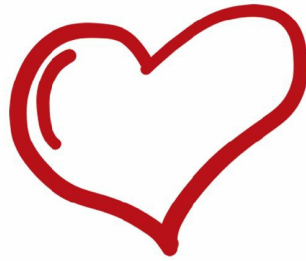
— E de certa maneira, ela está viva dentro de nós.

— concordou, abraçando-a emocionado naquele momento único.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo

3



Celenia entrou eufórica na sala segurando o celular. Ela cantarolava feito um disco quebrado. Sua face inquieta lhe entregava. Ela trazia consigo uma grande notícia. Irma estava sentada no sofá lendo uma revista, quando questionou o brado exagerado da filha.

— Celenia, mas que gritaria é essa?

— Ana já chegou a Roma! Papai acabou de me ligar para avisar — anunciou.

— E precisa fazer esse escândalo só por causa disso? — perguntou num tom de repreensão.

— É que eu estou muito feliz! Finalmente terei

PERIGOSAS NACIONAIS

minha melhor amiga por perto para fazer tudo! Iremos juntas para faculdade — defendeu-se.

— As aulas dela na faculdade só começam no ano que vem, daqui há alguns meses.

— Eu sei, mas até lá vamos passear muito pela cidade. Ainda temos os preparativos para o natal! Falando nisso, o que você e o papai decidiram, mãe?

— Seu pai e eu conversamos e então decidimos aceitar o convite do Spezzato, para passarmos o Natal na casa dele. Vamos trocar presentes neste ano e, a pedido de Ana Maria faremos a brincadeira do Amigo Secreto, como fizemos daquela vez no Brasil, você se lembra? — explicou-lhe.

— Claro que sim! Que notícia boa, mãe! Agora fico ainda mais contente! Aquela vez no Brasil foi muito legal, apesar de que já faz tempo que não vamos à terra do samba. Sinto saudades — afirmou sorridente.

PERIGOSAS ACHERON

— Depois dos presentes iremos juntos à missa da meia-noite, no Vaticano. Amanhã eles jantarão conosco para acertarmos os detalhes. Mas que bom que é assim; pelo que percebo, você está mesmo empolgada com a chegada da Ana. Fico feliz.

Sorriram juntas e Celenia agraciou a mãe com um beijo.

Em quase todos os anos anteriores era Giulio Spezzato que passava os Natais na casa da família Migliaccio, mas naquele fim de ano foi a vez dos Migliaccio passarem o feriado na casa dele.

Egizia preparara uma ceia espetacular, digna de receber aqueles convidados tão especiais. Um grande e delicioso tachinno fora colocado no centro da mesa. Ao redor não poderia faltar também o arrosto tachinno, a incrível macarronada italiana. A

PERIGOSAS NACIONAIS

pedido de Ana, tinha pizza napolitana, batatas assadas, arroz branco, frango grelhado, salada de alface, palmito e azeitonas, e tantas outras peculiaridades que a culinária italiana e a brasileira oferecem. E para beber nada de álcool! Suco de frutas era o que havia. As sobremesas foram igualmente bem selecionadas e preparadas com todo o cuidado, para servir bem a todos os gostos.

Em cada ponta da mesa estavam sentados os chefes das famílias. Do lado esquerdo estavam sentados lado a lado Teresa, Cristiano, Irma e, do outro lado, Ana e Celenia.

— Eu posso ter vivido longe daqui, mas nunca esqueci o sabor delicioso do legítimo tachinno italiano — Ana Maria comentou empolgada, degustando uma garfada.

A ceia seguia tranquila. Entre um minuto e outro, Giulio e Victorio comentavam algo sobre os negócios.

PERIGOSAS ACHERON

— Que ótimo! Se os negócios continuarem indo bem assim logo teremos uma franquia do restaurante na Lua! — Victorio comentou bem-humorado.

— Imaginem só, todos nós embarcando em uma espaçonave para comer macarronada na Lua! — Irma supôs, mantendo o bom-humor.

Todos riram.

— Até que seria divertido! — Celenia concordou com a ideia.

— Bela sugestão, Victorio, mas acho melhor voltarmos para Terra — Giulio disse, trazendo-os de volta a realidade.

— Concordo! — Victorio encerrou o assunto.

Todos riram novamente e brindaram. Entre uma garfada e outra, Ana Maria e Cristiano trocavam olhares e sorrisinhos discretos. Eles já haviam se visto algumas vezes desde que ela chegara à cidade. Essa jovem encantadora parecia exercer certa força

PERIGOSAS NACIONAIS

de atração sobre Cristiano, que estava começando a descobrir novas sensações. Não era nada escandaloso nem proibido, ele apenas achava Ana uma moça muito bonita e cativante. Coisas de um menino que está começando a descobrir a vida.

Já Ana Maria retribuiu os olhares e sorrisinhos por pura simpatia. Ela também o achava um rapazinho bonito, mas era só isso.

Depois da ceia, todos se dirigiram à sala de estar para a entrega dos presentes.

Devidamente acomodado em sua poltrona, Giulio deu a ordem para começarem.

— Bom, já podemos começar a entrega dos presentes. Ana Maria, minha filha, como esse é o seu primeiro Natal em Roma depois de tanto tempo, você começa!

Ana Maria levantou-se e diante de todos anunciou quem era seu amigo secreto. As atenções e olhares se voltaram para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, o meu presente vai para uma pessoa muito especial. Ele é bonito e inteligente. Espero conhecê-lo melhor. O meu amigo secreto é você, Cristiano! — revelou sorrindo.

Naquela hora o coração de Cristiano disparou. Acelerou de tal modo que seria possível ouvir e sentir suas batidas apenas com uma pequena aproximação. Ele perguntou em seu íntimo “o que ela quis dizer com conhecê-lo melhor?”. Conforme Ana Maria se aproximava para entregar-lhe o presente, ele ficava ainda mais nervoso.

— Espero que goste do presente. Escolhi sozinha. Fiz questão de não pedir a ajuda da sua irmã para não estragar a brincadeira. Pegue — entregou-lhe, sorriu mais uma vez.

— Obrigado. — Cristiano agradeceu sem graça.

Cristiano pegou o presente, demonstrando desconcerto. Eles se cumprimentaram apenas com um aperto de mão discreto e em seguida Ana Maria

sentou-se. Ele abriu o embrulho diante de todos: havia ganhado um par de patins, com equipamento de segurança completo e alguns adesivos radicais.

— Que legal, era um desses que você queria! — Irma comentou.

— Vai virar um esportista radical! — comentou Victorio.

Logo que chegara a Roma, Ana Maria ouvira Celenia comentar que o irmão gostava de esportes radicais, patinação, skate e surf! Por isso, decidiu dar-lhe os patins. Mas o nervosismo de Cristiano tinha uma razão maior de ser: sua amiga secreta também era Ana Maria. Era a ela que ele ofertaria a sua dádiva. Era a vez de ele dizer para quem seria o seu presente envolto em papéis coloridos. Seu coração disparou novamente, só que dessa vez com mais intensidade. Suas mãos trêmulas seguravam o pacote, até grande por sinal. No meio da sala, diante de todos, sua voz tímida balbuciou:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha amiga secreta é uma pessoa muito bonita e educada, é...

De repente, Cristiano ficou mudo. Tentou falar, mas não conseguiu.

— Então, meu filho, para quem é o seu presente?

— Irma questionou-o.

— Vamos, Cristiano! Não temos a noite inteira!

— Victoro pressionou-o.

— Ele está nervoso! — Teresa disse bem alto, soltando uma gargalhada em seguida.

Houve um instante de silêncio. Todos olharam fixamente para Cristiano, que respirou fundo, criou coragem e balbuciou:

— Meu presente é para você, Ana Maria!

— Que coincidência! — Celenia exclamou, surpresa.

— Vai logo, filho. Entregue o seu presente à Ana

— Victoro pediu.

— É filho, entrega logo! — Irma insistiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Cristiano, entregue! — Giulio incentivou-o.

— Ele está nervoso! — Teresa exclamou novamente, entre risos.

Cristiano estava confuso. Ficou parado, completamente imóvel. Naquele instante seu pensamento se perdeu em dúvidas.

Percebendo o seu nervosismo, Ana Maria foi se aproximando para pegar o presente e, nas míseras frações de segundos que ainda restavam a esse pobre rapaz antes do contato, ele se perguntou: “Será que eu beijo ou não beijo a Ana? Será que eu a abraço ou não?”

Sim, ele se questionou quanto a isso, pois talvez essa fosse sua única chance! Mas antes mesmo que seu raciocínio se concluísse Ana Maria já estava ali, diante dele, e sem que ele pudesse pensar em mais nada ela pegou o presente, beijou-lhe a face e em seguida abraçou-o. Isso já foi suficiente para Cristiano tremer todo por dentro. Foi como se uma

PERIGOSAS ACHERON

corrente elétrica tivesse atravessado seu corpo de ponta a ponta. É o tipo de sensação que ninguém deseja sentir, um arrepio misturado a um calafrio.

Enfim, ela abriu o presente e agradeceu. Era uma linda réplica do quadro *Moça com Violão* do pintor Vermeer. Ao abrir o presente, Ana Maria se encantou.

— Adorei, Cristiano! — deu-lhe mais um beijo estalado.

Naquele fim de tarde, o céu estava cinzento e o clima frio, muito frio!

Neste cenário, aquele jovem de vinte anos, trajado com seu sobretudo um tanto quanto surrado, ao invés de meditar sobre o destino talvez brilhante que poderia ter pela frente estava sentado em uma mesa de apostas, rodeado de marginais jogando

PERIGOSAS NACIONAIS

cartas em um local sujo, escuro e escondido. Tudo ali era clandestino. Não só a prática das apostas, mas também outros atos perigosos. A fumaça de cigarro dominava o ambiente e a beleza daquele jovem, para muitos sem futuro, por sorte ainda não havia sido estragada por seus atos. Ele era magro, alto, cabelo liso, preto e a pele branca.

Diego Generatto Della Rosa era órfão de pai e mãe. Iniciara sua vida difícil e repleta de vícios aos quinze anos de idade, quando fugira de um abrigo para menores na Sicília. E assim passou a viver nas ruas, com más companhias.

Ele não era um sujeito de mau coração. Aliás, todo mal que praticava era sempre contra si mesmo. Diego teve pouco estudo, apenas o primário, mas até que sabia ler e escrever muito bem para um indivíduo como ele, considerado de baixa categoria.

Depois de perambular por anos pelas províncias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

italianas, finalmente Diego estabelecera residência fixa em Roma, onde dividia com seu amigo Lucio um quartinho, alugado em um beco qualquer. Seu traje era do típico motoqueiro, jaqueta preta de couro, óculos escuros e calça jeans. Sempre teve moto. Gostava de adrenalina. E seu meio de sobrevivência não poderia ser outro, faturava um pouco com apostas ou envolvido em algum serviço ilícito, como repasse de drogas. Diego era um ótimo jogador.

Ele passava para trás todos aqueles senhores mais velhos, ganhando quase sempre todas as rodadas. Não era uma grande quantidade de dinheiro, mas apenas o suficiente para cobrir as despesas com seu vício, sua moto e aluguel. Lucio, por sua vez, tinha quase o mesmo histórico que o amigo, contando apenas com duas diferenças: a primeira é que fazia parte de outra turma, e a segunda precisa ser muito bem explicada.

PERIGOSAS ACHERON

Diego era homossexual e Lucio não. Sem preconceitos Lucio compreendia numa boa a escolha do amigo e isso em nada atrapalhava a amizade de ambos. Mas Della Rosa não aparentava ser o que era. Pelo contrário, ao observá-lo valente e destemido, gritando na mesa de apostas, qualquer mulher diria que ele era o homem mais heterossexual entre todos.

— Essa rodada eu vou ganhar! — Diego berrou na mesa de aposta.

— Ora rapaz, se enxergue, não vamos perder para um frangote! — disse um dos senhores.

Todos riram.

— Não leve em conta minha pouca idade. Tenho a mente livre e despreocupada. Raciocino melhor, tenho estratégia! — mais uma vez gabou-se.

Todos riram novamente.

— Então vamos ver! — disse outro.

— Está certo! Para mostrar a vocês que não tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

medo, coloco agora aqui na mesa, quinhentos euros! — Diego desafiou-os.

— Se eu fosse você não faria isso, caro jovem! — Um sujeito de meia idade alertou-o.

Os senhores ao redor riram pela terceira vez, dando socos na mesa.

Era mais uma daquelas tardes em que não se tem vontade de fazer nada porque o frio do lado de fora não deixa.

Ana Maria e Celenia tagarelavam na cozinha ao redor da mesa, muito bem servidas por pães italianos preparados por Egizia. A casa de Ana Maria era o mais novo ponto de encontro dessas duas amigas inseparáveis. Naquela tarde, Celenia guardava consigo uma fofoca para ser contada a amiga. Não era bem uma fofoca, era mais um

PERIGOSAS ACHERON

comentário muito bem fundamentado, sobre seu irmão Cristiano.

— Eu vou te contar uma coisa, mas não vá rir, hein? — Celenia começou a conversa.

— Ah! Agora me conta logo que eu estou curiosa.

— Ana disse, demonstrando curiosidade.

— Está bem! Mas promete que não vai rir? — questionou novamente.

— Sim, eu prometo. Diga-me logo!

— Então está certo. Lá vai: o meu irmão Cristiano está apaixonado por você! — revelou-lhe.

— O quê? — Ana começou a rir, pondo a mão na boca.

— Você prometeu que não riria!

— Você só pode estar brincando. Seu irmão apaixonado por mim? Não, isso não é possível, ele só tem doze anos. É praticamente uma criança! — discordou.

— Mas é a pura verdade. Imagine você que eu fui

até o quarto dele, para pegar uma coisa que a minha mãe pediu, e encontrei uma carta de amor caída no chão. A carta era para você, e no meio tinha um coração desenhado, escrito dentro “Ana Maria, eu te amo!” — justificou-se.

— Eu não recebi carta nenhuma — argumentou.

— É porque ele escreve a carta, mas não tem coragem de entregá-la a você. Isso sem falar que na contra capa dos cadernos dele está escrito “Cristiano e Ana Maria” por todo lugar. Encontrei também uma foto sua na agenda dele — lançou seus argumentos finais.

— Uma foto minha? E como ele conseguiu essa foto? — questionou relutante.

— É muito simples. Ele pegou a foto nas minhas coisas.

Esqueceu-se de que eu tenho muitas fotos suas guardadas comigo?

— Deve ser apenas uma fase passageira. Os

PERIGOSAS ACHERON

meninos geralmente passam por coisas assim — ela concluiu, dando risinhos.

— Bom, eu ainda acho que ele está gostando de você para valer! — Celenia finalizou a conversa num tom hilário.

Elas riram, enquanto mordiscavam pedaços de pão.

Um pouco longe dali, nem tanto fisicamente, mas em uma realidade completamente oposta de Ana Maria, Diego chegava a casa depois de uma noite de jogos. Ele parou sua moto naquele beco sempre escuro, desceu e, em seguida, entrou no seu casebre, saudando o amigo que dormia.

— Acorda, Lucio! Já cheguei! Trago boas notícias... Não vamos morrer de fome pelo menos nos próximos dois meses. Ganhei as últimas três

PERIGOSAS NACIONAIS

partidas de hoje. Ah, se não fossem aquelas cartas!

Lucio abriu os olhos e ainda meio zozzo, balbuciou:

— Você chegou! Pensei que não viria mais hoje.

— Lucio, ouviu o que eu falei? — perguntou insistente.

— Não! Mas quando amanhecer, você me conta. Boa noite — resmungou mais uma vez, voltando a dormir em seguida.

Diego tirou o sobretudo e foi logo se jogando na beliche para relaxar e descansar, estava satisfeito depois de um dia compensador.

O jantar de réveillon aconteceu na casa da família Migliaccio.

Como de praxe, os chefes das famílias sentaram-se nas pontas de cada mesa. De um lado sentaram-

PERIGOSAS ACHERON

se Irma, Teresa e Cristiano. Do outro Ana Maria e Celenia.

A ceia transcorria tranquila. Irma notou que Teresa se ausentara da mesa por uns instantes, até que de repente lá veio ela, cantarolando de modo escandaloso, segurando um papel na mão.

— O Cristiano está apaixonado pela Ana Maria! Lá! Lá! Lá! Lá! Lá! Lá! Ele a ama! Olha aqui o coração desenhado nesse papel! Está escrito Cristiano e Ana Maria! Ele escreveu Ana Maria, eu te amo! — ela exclamou em alto e bom som.

Todos ficaram surpresos, mudos e pasmos com a cena presenciada. Para Cristiano, nada poderia ter sido pior do que aquele momento em que seu segredo mais íntimo estava sendo revelado a todos de uma maneira tão cruel. Todos prenderam o riso o máximo que puderam. Sem pensar nem mais um minuto, Cristiano levantou-se da mesa e foi correndo para seu quarto onde se trancou

totalmente envergonhado. Todos soltaram um risinho logo em seguida, com exceção de Irma que advertiu Teresa severamente.

— Teresa! O que você fez?! Vá já para o seu quarto agora mesmo! Vamos ter uma conversa séria, mocinha! Com licença a todos.

Irma pegou Teresa pelo braço e arrastou-a para o quarto.

— Ana Maria, Giulio, desculpem o incidente! — Victorio pediu desculpas.

— Sem problemas, meu amigo Victorio. Essas coisas acontecem nas melhores famílias! Isso é até uma coisa natural. Minha filha Ana é mesmo muito bonita — tranquilizou-o.

— Eu vou agora mesmo conversar com o Cristiano. Ele deve estar arrasado! — Celenia compadeceu-se com o sofrimento do irmão.

— Não, Celenia. Com a permissão do seu pai, eu mesmo gostaria de conversar com o seu irmão

agora — Ana propôs.

— Mas, Ana Maria... — Celenia tentou argumentar.

— Não precisa falar nada, Ana. Vá ao quarto e converse com ele. Quem sabe assim ele já perde a vergonha. — Victorio concordou bem-humorado, trazendo um gole de suco em seguida.

Cristiano se encolheu no chão ao lado da cama. De cabeça baixa e braços apoiados nos joelhos, ele amargava a desonra juvenil da qual fora vítima minutos antes. Sem muitas cerimônias, Ana deu duas batidinhas leves na porta e entrou no quarto.

— Com licença, estou entrando — anunciou-se.

Ela se aproximou e se agachou diante dele, que já estava com o rosto banhado em lágrimas.

— Cris, não fique assim. Eu sei que você está constrangido e compreendo isso. As ideias estão confusas na sua cabeça com uma explosão de sentimentos. Você me acha bonita e apesar da

nossa tênue diferença de idade também acho você um rapaz muito bonitinho. Mas independentemente de tudo isso, eu acredito que podemos ser grandes amigos. Podemos passear e ir à missa todos os domingos juntos. Não chore, nem se magoe pelo que sua irmã fez. Ela é só uma criança e não sabe como agir — tentou consolá-lo.

Cristiano ouviu tudo calado, de cabeça baixa, sem olhar nos olhos dela.

— Você deve estar me achando um bobo! — ele disse com coragem, demonstrando uma notória indignação.

— Não, não estou! Eu só quero que você fique bem. Não quero ver o seu coraçãozinho sofrendo. — ela esclareceu.

Ele levantou a cabeça e finalmente olhou nos olhos de Ana. Ela respirou fundo, beijou o rosto dele, levantou-se e em seguida saiu do quarto, acompanhada pelo olhar compenetrado daquele

jovem rapaz que a mirou até a porta se fechar.

O ano de 2005 chegou com muitos planos e expectativas para Ana Maria. Alguns meses após a sua chegada em Roma aproximou-se a data em que ela iniciaria seus estudos em Filosofia na Universidade Gregoriana. Ela estava entusiasmada e mal podia conter sua ansiedade. Enquanto as aulas não começavam, amava perambular durante a noite pelas ruas da cidade ou ir até a casa de Celenia.

Um dia, teimosa como sempre, preferiu ir a pé até sua casa do que chamar seu motorista ou aceitar a carona da amiga. Sua desculpa foi que queria apreciar o Coliseu com calma e mais de perto. Tudo bem se isso fosse durante a tarde, mas já eram quase onze da noite e seu pai não iria gostar nada

disso.

Lá estava ela, Ana Maria Spezzato, caminhando pela Via dei Fori Imperiali em um horário não recomendado para uma moça frágil. Sua face vislumbrada logo após ter contemplado o Coliseu iluminado jamais transmitiria qualquer sinal de medo ou solidão.

A estrada estava vazia. Vez ou outra passava um carro, era uma noite sem movimento. Uma noite primaveril um tanto quanto gelada. Mas nada que uma blusinha de manga comprida não resolvesse. No silêncio daquela noite, um fato inesperado aconteceu.

De repente surgiu uma dupla de motoqueiros arruaceiros e cercaram Ana Maria, acelerando entre a calçada e a pista, rodeando-a, sem deixar chance de saída. Enquanto andavam em círculos gritavam, zoando com a cara dela e até ameaçaram pegar-lhe a bolsa. Sim, ela ficou um pouco assustada, mas

PERIGOSAS ACHERON

seu medo durou muito pouco. Em dois minutos, surgiu também um terceiro motoqueiro, gritando furioso.

— Saiam daqui! Vão embora agora mesmo! Não tem vergonha de assustar uma moça indefesa? — ele exigiu.

Depois dessa ordem oportuna, os motoqueiros arruaceiros foram embora sem contrariar. E quem seria esse terceiro motoqueiro tão poderoso nas palavras, trajado em sua jaqueta preta de couro? Era Diego, obviamente. Sim, ele já conhecia pessoas daquela laia. Aliás, de jovens sem futuro ou moral, que se divertiam assustando mocinhas, isso quando não lhes roubavam de fato.

— E aí moça, está tudo bem com você? Eles te fizeram algum mal? — perguntou preocupado, erguendo o capacete.

— Não, não, moço. Eles não fizeram nada de mal além de me assustar. Está tudo bem. Graças a Deus

PERIGOSAS ACHERON

e a você, que chegou a tempo de me salvar — ela afirmou, respirando fundo.

— Uma moça igual a você não pode andar por aí sozinha de noite na rua. É perigoso — argumentou.

— Eu sei, mas é que o Coliseu é tão bonito iluminado à noite que de tanto admirá-lo nem vi a hora passar. Estou vindo da casa de uma amiga. Mas muito obrigada, moço, eu lhe agradeço — justificou-se.

— Você mora longe? — perguntou.

— Nem tanto! Moro na Magno Stefano, no edifício Villagio Perla Di Gran Prezzo, em Città Del Sole, perto do Vaticano — explicou-lhe.

— Oh, sim! Aceita uma carona? Eu te levo para casa! — ofereceu-se.

— Não sei — respondeu insegura.

— Você decide!

— Já é tarde, estou aqui sozinha e provavelmente meu pai vai brigar comigo. Você me ajudou... Está

certo! Eu aceito!

— Então sobe aqui na moto e coloque o capacete. Sempre ando com mais um, pois costumo dar caronas para os amigos.

Ela subiu na moto e eles seguiram rumo ao Gran Prezzo.

Ana Maria estava ficando liberal, até demais, para quem havia sido criada quase como uma freira! Andando por aí sozinha, de noite, sem se preocupar com as horas e agora aceitando a carona de um estranho. Não, ela já não era mais a mesma. Bastou alguns meses em Roma e ela já estava assim. Está certo que Ana não havia feito nada de tão grave nem mesmo reprovável, porém algumas mudanças aconteceram sim. Pelo menos no que diz respeito a se abrir para as pessoas ao seu redor.

Diego parou com a moto bem em frente ao edifício Gran Prezzo. Ela desceu, tirou o capacete, devolveu-lhe e agradeceu a gentileza do rapaz em

PERIGOSAS ACHERON

levá-la em casa.

— Enfim chegamos. Meu pai deve estar furioso comigo, com toda certeza. Meu nome é Ana Maria. O seu, qual é? — perguntou curiosa.

Sem responder nada, Diego ligou a moto, acelerou e foi embora. Ela até tentou chamá-lo gritando, mas ele simplesmente não a ouviu. Já estava longe demais para isso.

— Ei moço, qual é o seu nome?! Eu hein, que homem mais esquisito! Foi embora sem dizer o próprio nome.

Ana Maria tinha toda razão. Seu pai estava furioso! E não era só isso, ele observara toda a cena de sua chegada através da janela do apartamento e não gostou nem um pouco de vê-la descer de uma moto, dirigida por um sujeito desconhecido, tarde da noite.

Claramente Ana teria muito que explicar.

Dias depois, ela voltou a ver Diego, totalmente

PERIGOSAS ACHERON

por acaso, enquanto caminhava com Celenia pela Piazza Della República. Logo que o avistou de longe, já o reconheceu. Parou, olhou e teve certeza que era ele, o motoqueiro misterioso. Ele estava mais adiante, meio recostado na moto, conversando com outro sujeito. Impulsivamente Ana Maria se aproximou e Celenia acompanhou-a.

— Olha ali! Aquele é o rapaz que me ajudou naquela noite. Vamos lá! Venha comigo, quero agradecê-lo — disse, depois de indicá-lo para a amiga.

— Mas que rapaz esquisito. Foi ele mesmo que te salvou dos ladrões? — Celenia questionou desconfiada.

— Foi ele sim, eu tenho certeza. Conheço aquela jaqueta. Vamos! — respondeu insistente.

— Ei, moço! — Ana Maria chamou-lhe, já de perto.

— O que você quer? — Diego perguntou, com o

PERIGOSAS ACHERON

olhar assustado.

— Oi moço, você se lembra de mim? Eu sou a moça que você salvou naquela noite! Quero te agradecer mais uma vez por ter me protegido. Tudo foi tão rápido que eu nem te agradei direito. Obrigada... e a propósito, qual é o seu nome mesmo? — persistiu em seu intento.

— Nossa senhora do céu! Moça, como você fala! Sim, eu me lembro de você, é a garota do Coliseu. Não precisa agradecer. E o meu nome... Você não precisa saber. Agora com licença, tchau! — ele exclamou, irritado, subindo na moto.

E mais uma vez em um de seus pequenos impulsos, Ana Maria, com sua mão direita, segurou o braço do seu jovem herói, que já estava na moto pronto para partir mais uma vez, insistindo na pergunta.

— Espere! Você vai embora de novo sem me dizer o seu nome?!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diego! — ele respondeu indo embora em seguida.

Celenia observou tudo atenciosamente e exclamou, entre risos.

— Amiga, essa é a cena mais hilária que eu já presenciei até hoje aqui em Roma! Mas o que foi isso? Ele te deixou com cara de boba falando assim. Também, onde já se viu uma coisa dessas, você falar assim com um sujeito que você mal conhece!

— Pare com isso! Que preconceito é esse? Garanto que você está falando assim só porque ele deve ser mais pobre do que nós, não é mesmo? — confrontou Celenia.

— Ah! Nem tanto por isso. Mas você reparou o jeito esquisito que ele tem? E além do mais, você deveria desconfiar do fato dele ter tanta autoridade sobre aqueles marginais dos quais ele te livrou — Celenia rebateu convicta de desconfiança.

PERIGOSAS ACHERON

— Ora, talvez ele tenha mesmo uma convivência com esse tipo de gente, mas não parece ser uma má pessoa — Ana encerrou o assunto.

Em mais uma de suas andanças pelas ruas ao redor de Città Dell Sole, Ana Maria reencontrou por acaso o sujeito estranho novamente. Dessa vez, ela estava de bicicleta, pedalando livre como um pássaro alegre.

Ao menos dessa vez era dia, mais ou menos umas duas horas da tarde. Aquele céu azul sorrindo ao fim da primavera italiana através daquele dia ensolarado, trazia uma sensação ainda maior de liberdade àquela brasileira em terras paternas. Foi quando viu que do outro lado da rua estava Diego, todo ocupado na oficina mecânica da esquina, ouvindo o problema que o mecânico diagnosticara

em sua moto que acabara de quebrar, ali mesmo naquela via.

Diego já estava saindo pela porta, nervoso porque teria que seguir o restante do caminho a pé, quando ela desceu da bicicleta, atravessou até o outro lado da rua e foi direto falar com ele. Ainda sem perceber a presença de Ana Maria, ele ficou parado por uns instantes na esquina, olhando para o lado direito da via.

— Ei, Diego! — ela chamou-o pelo nome.

Ele virou a cabeça para o lado com certa expressão de espanto.

— Oh, é você! — exclamou, não muito contente em vê-la.

— O que aconteceu? Sua moto quebrou? Eu estava observando tudo do outro lado da rua — explicou.

— Sim! E agora vou ter que ir para casa a pé, já que estou sem dinheiro para o ônibus. Não esperava

por isso! — reclamou em voz alta, acendendo um cigarro em seguida.

Depois de acender o cigarro, Diego começou a fumá-lo freneticamente, na tentativa de minimizar seu nervosismo. A presença da donzela não lhe motivou nem um pouco em deixar esse ato para depois.

— Não esqueci o seu nome, é Diego, não é mesmo? — perguntou, já irritada com a fumaça do cigarro.

— Sim, é Diego! — ele respondeu, meio sem paciência, soltando fumaça pelo nariz e pela boca.

— O meu nome é Ana Maria... — sem aguentar muito tempo aquela fumaceira, já que ele parecia um dragão, resolveu desabafar — E pelo amor de Deus, pare de fumar essa coisa! Apaga esse cigarro, essa fumaça me mata! Fumar faz mal, sabia? Vai prejudicar a sua saúde! Talvez se você não gastasse tanto com o seu vício, sobraria dinheiro para você

pagar o ônibus.

— Ah, é?! E você sabia que se intrometer na vida dos outros e falar demais faz mal também?! Deixe-me fumar meu cigarro em paz, menina! — ele exclamou com raiva, quase gritando.

— Ei, que mau humor! Não precisa ficar nervoso. Estou apenas alertando você sobre os males que o vício traz! — justificou-se.

— Não me diga! Você não deve ter nem dezoito anos, menina. O que entende da vida? Quem é você para me dar conselhos? — questionou-a, ainda mais irritado.

— Tenho dezessete anos, mas sei muita coisa sobre a vida. E você deve ter uns vinte anos e já se acha velho. Acertei? — afirmou, num tom desafiador.

— Como é esperta! Vou fazer vinte e um anos daqui alguns dias. Agora não me irrite mais, por favor! — pediu, até que mais calmo.

— Tive uma ideia! Eu te dou uma carona na minha bicicleta e levo você até em casa. Assim retribuo o que você fez por mim naquela noite. Vamos, não tem problema, você me diz onde você mora então iremos pelas vielas! Os guardas nem vão nos ver! — convidou-o.

— Menina, você está louca?! Acha mesmo que eu sou maluco para subir nessa bicicleta com você? Nem pensar, eu não vou!

— Não seja bobo. Estou vendo que você está morrendo de preguiça de andar. O que foi, está com medo de andar na minha bicicleta? — perguntou de modo irônico.

Diego apagou o cigarro, abaixou a cabeça, ponderou sobre aquela proposta por alguns instantes e, sem saber o que o motivara a aceitá-la, subiu na garupa da bicicleta. Quando menos esperava, já estava explicando para Ana Maria o caminho de sua casa. Sim, as vielas eram apertadas

PERIGOSAS ACHERON

e tornava o caminho até o lar doce lar de Diego um pouco mais difícil e aventureiro. Fora de Città Dell Sole, Ana Maria pôde começar a enxergar realidades diferentes da sua. Durante o trajeto, Diego reclamava muito. Uma hora do balanço desagradável produzido pela bicicleta em contato com o chão repleto de pedregulhos, outra porque dizia que Ana era uma péssima condutora de bicicletas. Fosse pelo que fosse aquela moça quase beata já estava irritada com os murmúrios de seu herói do Coliseu. Então foi sua vez de exclamar, irritada.

— Diego, pare de reclamar! Assim você me atrapalha!

— Cuidado o cesto de tomate! Droga! — gritou apavorado.

— Oh, não! — ela também gritou. Logo depois, a atrapalhada Ana Maria perdeu o controle da bicicleta e desceu a ladeira, totalmente

descontrolada, esbarrando com força num cesto de tomates de uma pequena mercearia. Foi tomate ladeira abaixo, sem contar Ana e seu passageiro, que caíram estatelados, um por cima do outro.

Nos primeiros instantes depois da queda, os dois jovens permaneceram em silêncio, soltando pequenos gemidos de dor. Ana olhou bem na face de Diego e não se conteve: começou a rir sem parar daquela situação hilária. Ele, a princípio fez cara de bravo, de quem vai xingar, mas de repente Diego foi acometido por um surto de bom humor e não resistiu. Também começou a rir. Gargalhou incansavelmente mesmo com um arranhãozinho ardido no braço. Sentia-se novamente uma criança, uma sensação que ninguém jamais o fizera sentir antes desse acontecimento. Certamente Ana Maria pagaria pelos tomates destruídos. Porém, naquela hora, isso era o que menos a preocupava.

Depois de se recompor, Ana Maria continuou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o trajeto levando seu passageiro de volta ao lar. O fim desse passeio foi no final de um beco sem saída, literalmente falando. Era uma viela triste onde Diego morava. Para espanto daquela moça rica que jamais experimentara a pobreza, seu mais novo amigo habitava um ambiente humilde.

— É aqui que você mora? — perguntou, um tanto quanto assustada.

— Sim. Obrigado pela carona, tchau — ele respondeu sério, saindo da bicicleta.

— Tchau — ela se despediu.

Diego entrou em casa apressado. De certa maneira, em seu rosto transparecia o constrangimento por ter visto o espanto de Ana Maria, ao se deparar com seu pobre habitat. Ela, por sua vez, nunca tivera um contato direto com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pobreza. Frequentemente avistava os mendigos caminhando sem rumo pelas ruas de São Paulo, mas numa favela mesmo ou num bairro pobre ela jamais havia posto os pés até aquele momento. Amigos pobres ela também nunca tivera. Seus colegas da escola eram todos filhos da alta burguesia paulistana. Ela precisou viajar para o outro lado do mundo para vislumbrar o oposto do seu mundo de riquezas.

Por mais algumas vezes ela esteve com Diego, foram encontros por acaso, na cidade, iniciaram uma amizade, foi tudo muito natural, sem intenção, algo tão espontâneo.

Foi em certa noite de céu estrelado no Trastevere que ocorreu o primeiro passeio entre Diego e Ana Maria. Já haviam combinado um passeio assim

PERIGOSAS ACHERON

desde a última vez que se encontraram por acaso, próximo a Fontana di Trevi, em um dia em que ela passeava com Celenia e Cristiano.

Aquela noite no Trastevere estava sendo fantástica. Caminhar por aquelas ruas repletas de restaurantes acolhedores e pessoas em busca de distração era realmente emocionante, principalmente para Ana que estava saindo a dois pela primeira vez.

A essa altura dos acontecimentos, eles caminhavam de braços dados pela Piazza di Santa Maria.

— Meu pai quase não me deixou vir. Quer que eu esteja em casa no máximo às dez horas! — ela advertiu.

— Ele deve ser um homem rígido nos cuidados com você — Diego comentou sem graça.

Sorriram, mas de repente um trio de bagunceiros se aproximou para acabar com a paz e alegria

PERIGOSAS NACIONAIS

desses dois amigos. Os três sujeitos do trio estavam visivelmente bêbados, segurando garrafas de cerveja. Infelizmente reconheceram Diego e abordaram-no.

— Diego, é você! Há quanto tempo! — disse um dos sujeitos, remexendo a cabeça, tonto.

— É, Diego. Faz tempo que nós não te vemos lá naquele lugar, você sabe onde... E quem é essa, mais uma daquelas suas coleguinhas?! Espertinho!

— disse outro, também zonzo, fazendo todos soltarem uma irônica gargalhada.

— Ela é minha amiga e exijo respeito com ela! — exclamou nervoso.

— Você exigindo respeito? Ah, Diego, para com isso! E aí, moça, vai uma cervejinha? — ofereceu um deles à Ana Maria, estendendo a garrafa de cerveja a ela.

— Não, obrigada, eu não bebo álcool. — ela agradeceu, sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diego, está servido? — o outro ofereceu-lhe.

— Não! — negou já furioso.

— Nenhum cigarrinho? — o mais bêbado insistiu, ironizando.

— Eu já disse não! Saiam daqui! — Diego gritou irritadíssimo.

O trio de moços arruaceiros riu da cara de Diego, que certamente já estava constrangido diante de sua amiga. Mas eles não pararam por aí. Um deles provocou ainda mais.

— Diego, até uns dias atrás você era nosso camarada, nosso acompanhante de aventuras proibidas! E que aventuras! Não me diga que agora você virou santo! — debochou, fazendo seus comparsas rirem.

— Então agora temos que avisar o Papa que você virou santo para que construam um altar para você na igreja! Já imaginou Santi Diego Generatto! — o trio de pervertidos riu ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

Num impulso de fúria, Diego tentou avançar para cima de seus agressores, mas foi impedido por Ana Maria, que sugeriu ponderadamente.

— Diego, vamos embora. Vamos sair daqui.

Ele acompanhou-a, ainda nervoso.

— Ana Maria, não se importe com o que eles disseram sobre mim. Eles estavam bêbados. — Diego justificou-se, já longe dos arruaceiros, mas carregando dentro de si uma enorme vergonha.

Era impossível não perceber a expressão de constrangimento e vergonha explícitos naquele momento na face tão humilhada do jovem Diego Generatto. Ana Maria, com toda sua candura, tentou encerrar o assunto com as palavras mais suaves que encontrou.

— Não se preocupe. Eu não me importo nem um pouco com o que eles disseram. Além do mais, eles estavam bêbados e mal conseguiam pronunciar as palavras — confortou-o.

Eram exatamente dez horas da noite quando Diego deixou Ana Maria em frente ao edifício Perlla di Gran Prezzo. Logo que desceu da moto ela pediu que ele entrasse ao seu lado no apartamento e conhecesse seu pai.

A princípio ele hesitou, pois sabia se colocar em seu lugar. Tinha quase certeza de que o senhor Giulio Spezzato jamais aprovaria a amizade de sua filha com um sujeito pobre tal qual ele era. Mesmo assim, decidiu enfrentar a fera. Ao lado de Ana Maria ele até se sentia mais seguro. Diego espantou-se mesmo com aquele ingênuo convite e a intenção de Ana em apresentá-lo ao seu pai. Ela argumentou:

— Meu pai até hoje está curioso para conhecer o jovem herói que me resgatou das garras do inimigo naquela noite!

Diego nunca esteve tão receoso na sua vida quanto naquele momento em que estaria frente a

PERIGOSAS ACHERON

frente com quem provavelmente seria seu futuro maior rival. Sim, ele entendia muito bem dessas coisas de preconceito que os ricos tinham com indivíduos como ele.

Ficou um tanto vislumbrado com toda a beleza interior do edifício e, ao entrar no apartamento de Ana Maria, admirou o ambiente ainda mais. Logo na sala se depararam com Egizia passando e Ana perguntou a ela se seu pai ainda estava acordado.

A resposta foi óbvia: era claro que estava. Spezzato estava sentado em uma poltrona em seu escritório particular, local onde adiantava seu trabalho nos dias em que não ia para a sede administrativa do restaurante.

Em poucos segundos lá estavam àqueles dois jovens complicados adentrando a sala do grande pai. Ele analisava alguns papéis enquanto os dois entravam. Assim que escutou o barulho da porta, Giulio ergueu os olhos. Ficou intimamente surpreso

ao ver sua filha chegar acompanhada de um sujeito aparentemente tão sem classe, melhor dizendo, de baixa classe.

— Boa noite, pai! Esse aqui é o Diego. Ele me trouxe em casa, por isso fiz questão que ele viesse até aqui para apresentá-lo a você — apresentou-os ingenuamente.

Giulio levantou-se da poltrona, já com uma expressão de aflição indisfarçável. Então, ele e o plebeu se cumprimentaram com um frio aperto de mãos.

— Diego Generatto Della Rosa. Prazer em conhecê-lo, senhor Spezzato — disse seco, tentando esconder seu desconforto.

— Muito prazer. Sente-se. — O dono da casa convidou-o, quase não conseguindo disfarçar seu ar preconceituoso.

Ana e Diego sentaram-se nas poltronas ao redor e a conversa começou até mais calma do que se

PERIGOSAS ACHERON

poderia esperar.

— Então é você o tal Diego de quem minha filha tanto fala! — comentou fingindo interesse.

— Sim, sou eu mesmo. — respondeu, percebendo a expressão indiferente do dono da casa.

— Já havia dito à minha filha que eu não queria vê-la andando sozinha de noite pela cidade. Mas ela é teimosa e insiste em andar a pé por aí. Temos carro para quê, não é mesmo? Mas de qualquer maneira muito obrigado, rapaz. Foi muito gentil de sua parte ter defendido minha filha naquela noite. Garanto que isso não irá mais acontecer. Só a deixei sair hoje porque ela me disse que voltaria cedo e que viria com um amigo. Eu só não imaginava que esse amigo seria você — declarou, esperando a concordância de Diego.

— Não precisa me agradecer, senhor Spezzato. Fiz o que deveria ser feito. Roma está mesmo ficando perigosa — ele respondeu, tirando as
PERIGOSAS ACHERON

honras de herói.

— O Diego é um ótimo rapaz, pai! — Ana o elogiou, sorrindo e demonstrando sua ingenuidade juvenil.

Já era quase onze horas da noite quando Diego levantou-se para ir embora. Na verdade, ele não se sentiu nem um pouco à vontade na casa de Ana. Tampouco na presença do seu pai. Foi indisfarçável o incômodo de Spezzato por ver sua filha na companhia de um sujeito de baixo nível.

Mas antes que Diego fosse embora, Ana pegou-o pelo braço e o conduziu até sua sala de piano:

— Diego, espere! Antes que vá quero lhe mostrar algo. Venha comigo. — ela disse, empolgada.

Eles entraram e ela fechou a porta. Assim que viu onde estava, Diego exclamou surpreso e curioso ao contemplar o piano:

— Que lindo piano! É seu?

— Sim. Ganhei de presente do meu pai, ainda

nesta semana. — respondeu sorrindo.

— Você não me disse que tocava — afirmou, em um tom de cobrança.

— Esqueci, me desculpe. Eu amo música. Toco piano desde os doze anos de idade. É algo que já está dentro de mim. Bom, para me redimir deste sacrilégio de não ter lhe contado nada sobre o piano, vou tocar uma música para você agora mesmo. Sente-se, não vai demorar — convidou-o sorrindo.

Diego sentou-se prontamente na poltrona em frente ao piano. Sim, ele realmente ficou surpreso em saber que além de rica e religiosa, Ana Maria era pianista. Na verdade, sempre sentiu que ela possuía um talento ainda não revelado. Agora para ele, sua jovem musa de Roma era completa aos seus olhos! E que talento Diego tinha? Bom, além de ser um excelente jogador de cartas ele tinha certa beleza, uma energia capaz de encantar

PERIGOSAS ACHERON

qualquer mulher.

— Vou tocar para você a música Per Amore, amo essa música na voz de Andrea Bocelli. É linda! — declarou sorrindo, iniciando a música em seguida.

Os dedos de Ana Maria suavemente deslizavam sobre as teclas do piano, tal qual plumas flutuando no ar. O som suave daquela canção entrou profundamente na alma de Diego, fazendo com que ele sentisse a cura tão próxima de sua vida. Sim, Ana Maria era tudo que ele precisava, tudo! E ao vislumbrá-la naquele momento divino, esse jovem rapaz teve a certeza em sua mente de que a partir daquele instante jamais poderia viver sem ela, o seu anjo.

Diego não dormiu direito naquela noite, nem na seguinte, nem em todas as noites que se seguiram

PERIGOSAS NACIONAIS

depois de ter descoberto que o amor verdadeiro existia. Em sua mente permanecia apenas a imagem de Ana Maria. E em uma dessas noites, já deitado na parte de baixo da beliche, as luzes já estavam apagadas, Diego suspirava de emoção. Lucio não estava entendendo nada e decidiu questionar o amigo lá mesmo, deitado na cama:

— O que foi Diego? Está suspirando pelo quê? Ultimamente você anda muito estranho.

— Oh, Lucio! Não sei se você vai me compreender. Mas eu preciso mesmo lhe contar o que está acontecendo comigo.

— Diga logo! Agora estou curioso — Lucio se mostrou ansioso.

— Lucio, meu amigo, acho que pela primeira vez na minha vida estou amando alguém de verdade. É um sentimento diferente, uma sensação de bem-estar. Não é só prazer — disse, suspirando em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diz para mim, quem é ele? Algum daqueles seus amigos do pôquer? — Lucio perguntou descrente.

— Não, Lucio! Não é nada disso! É uma garota. Ela é estudante de Filosofia. Chama-se Ana Maria Spezzato. É a moça que eu defendi naquela noite uns meses atrás, lembra-se? Eu te contei.

Lucio ficou pasmo com aquela resposta tão inimaginável e inesperada. Chegou até a pensar que aquilo fosse um sonho, ou então que Diego estivesse bêbado ou sob o efeito de entorpecentes. Mas era tudo verdade. As palavras que saíram da boca de Diego nunca foram tão lúcidas quanto naquela noite.

— Quando foi que você mudou de opção e não me contou nada? — Lucio perguntou, pasmo.

— Quer saber? Acho que foi desde o primeiro dia em que eu a vi. Só demorei um pouco para perceber tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas você mesmo dizia que que gostava mesmo era de homens — lembrou.

— Sim, Lucio, eu dizia. Mas agora tudo mudou. A Ana Maria é diferente. Ela é maravilhosa e especial. Simplesmente é uma pessoa em quem eu posso confiar. Só sei que a Ana despertou em mim um sentimento incrível que eu jamais senti antes.

— Diego afirmou, sem disfarçar a emoção.

— Meu amigo, confesso, estou em estado de choque com a notícia. Espera aí, o pai dela é aquele empresário, dono do restaurante Spezzato, não é mesmo? — Lucio questionou, já calculando os impedimentos para o amor de seu amigo.

— Sim. — respondeu tranquilo.

— Diego, ela é rica! Por que você foi decidir virar homem logo com uma moça rica? É um mundo totalmente diferente do nosso! O pai dela com certeza não gostaria nem um pouco de saber disso!

— Lucio exclamou, já prevendo o drama.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, meu amigo. Você tem razão. Mas o que eu posso fazer? Já descobri esse sentimento que uma vez despertado jamais pode ser escondido. — Diego afirmou sem medo, num tom poético.

— Olha só para isso! Você virou até poeta! Mas me diga, mate a minha curiosidade: você já contou para ela que você é gay ou era? — Lucio perguntou atônito.

— Não, eu não contei nada e nem pretendo contar. A Ana Maria é pura demais e não merece ouvir tanta confusão. — respondeu com mais seriedade.

— Então o caso é sério. Pelo que eu vejo você está mesmo apaixonado por essa moça.

— Sim, hoje eu pensei nela o dia todo e nem senti vontade de fumar. Nem toquei no cigarro. Aliás, hoje até esqueci que o cigarro existia! Só tinha o rosto da Ana na minha mente. Sim, o amor verdadeiro existe. Ela é o meu anjo — Diego

proclamou com todo o seu sentimento.

— Camarada, quando todo mundo souber que você virou heterossexual ninguém vai acreditar! É o fim do mundo! Meu amigo Diego está apaixonado por uma mulher! Pensando bem, nem eu acredito!

Os dois riram, e Diego dormiu mais aliviado naquela noite, após compartilhar com o amigo seu mais novo segredo.

Ana Maria, com todo seu vigor e vontade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, frequentava as missas alternando as catedrais. Naquela manhã de domingo, ela foi à Archibasílica Sanctissimi Salvatoris. Chegou cedo, de carro, dessa vez acompanhada por seu motorista. Logo que entrou na Basílica, tomou seu lugar favorito na fileira da

frente. Ao término da missa, ela mal poderia imaginar o que veria ou quem veria ao olhar para trás naquela manhã de domingo; para sua surpresa, Diego estava lá. Ele assistiu à missa na fileira dos fundos. Ainda era tímido para aderir à causa religiosa. Seu figurino não estava nos padrões dominicais, mas ele estava ali.

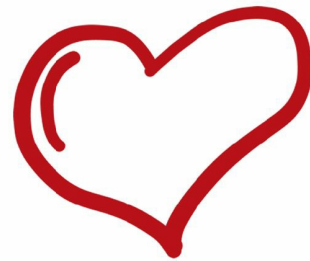
Ao vê-lo de longe, Ana não se conteve e correu em sua direção. Eles se abraçaram.

— Diego, você por aqui! — ela exclamou feliz ao encontrá-lo.

— Sim, aprendi com você! — respondeu sorrindo.

Capítulo

4



Aquele foi um dia agitado na Universidade Gregoriana, até para Ana, que se atrasara devido a um incidente no meio do caminho. Ela não era a única atrasada, havia mais alguns jovens apressados pelos corredores. Estudantes esbarrando-se eram algo muito comum naquele horário. Mas com Ana Maria o que aconteceu naquele instante foi mais intenso: ela esbarrou em ninguém mais, ninguém menos do que Eric Bennett, um jovem norte-americano, estudante de Ciências Jurídicas, filho de pai norte-americano e mãe italiana. Ele trocou as regalias de Princeton pela simplicidade romana.

Subitamente ele e Ana se esbarraram no corredor. Os livros dela caíram todos no chão e antes que eles fossem pisoteados, ela se abaixou para resgatá-los:

— Oh, desculpe-me! — ela exclamou apressada.

— Não! A culpa foi toda minha! Eu ando meio distraído... Vou ajudar você a recolher os livros. — Eric desculpou-se, auxiliando-a naquela tarefa.

— Não precisa se desculpar, isso acontece! É muita gente para lá e para cá — ela o perdoou, já em pé, olhando no fundo de seus olhos.

— Bom, de qualquer maneira foi um prazer conhecê-la... Apesar da situação. Eu sou o Eric — apresentou-se de modo gentil.

— Muito prazer. Meu nome é Ana Maria — anunciou, sorrindo.

Esse foi realmente um encontro inesperado para aqueles estudantes estrangeiros. No intervalo das aulas, voltaram a se falar no refeitório. Foi

PERIGOSAS ACHERON

engraçado por que quem os visse conversando com tanto ânimo logo pensaria que eles já eram amigos há muito tempo.

— Então você é norte-americano! — Ana exclamou, ajeitando a bandeja na mesa do refeitório.

— Sim, vim do estado de Idaho diretamente para Roma, estudar Direito! Estranho, não? — bem-humorado levantou a questão.

— Nem tanto, eu também sou estrangeira. Sou brasileira, minha mãe também era. Meu pai é italiano. A propósito, tenho uma amiga que também estuda aqui. É a Celenia, ela estuda Teologia.

— Que bom! Então estou diante de uma futura filósofa! — Eric exclamou, sorrindo.

— Bom, ao menos pretendo ser algum dia. — declarou modestamente.

— E qual é o seu filósofo preferido? — perguntou, endossando a conversa.

— Por incrível que pareça, Nicolau Maquiavel. A coisa mais certa que ele disse foi: “é que os homens julgam mais pelos olhos do que pelas mãos. Todos podem ver, mas poucos são os que sabem sentir. Todos veem o que parece ser, menos o que é realmente”. De fato o ser humano é exatamente assim — respondeu com a face reluzente.

— Maquiavel disse isso? Não me recordava! — salientou.

— Sim. Mas me diga, por que você trocou Princeton por Roma? Não que isso tenha sido ruim, mas é que você fugiu muito da sua cultura americana. — questionou.

— Na verdade eu sempre gostei daqui. Meu pai é americano, mas minha mãe é italiana. Passo férias aqui na Itália desde criança. Estudar em Roma sempre foi o meu sonho. É óbvio que houve aqueles incentivos para que eu fosse para Harvard ou Princeton, mas no fim, meus pais respeitaram a

PERIGOSAS ACHERON

minha decisão de estar aqui. — explicou-lhe.

— Compreendo.

— Me desculpe por perguntar, mas eu reparei que você se referiu à sua mãe dizendo que ela era brasileira, e não que ela é brasileira. Por quê? — Eric perguntou curioso.

— Minha mãe morreu no mesmo instante em que eu nasci, no parto. Tereza de Andrade era nome dela. Fui criada por minhas tias em São Paulo, onde nasci. Agora estou aqui em Roma com o meu pai.

— revelou-lhe com uma feição triste.

— Eu lamento — condoeu-se, percebendo a dor da colega.

— Não lamente. Minha mãe ainda vive dentro de mim.

Aquele foi um período de novas experiências e

descobertas para Ana Maria. Diferentemente dos tempos de seu antigo colégio, agora ela tinha amizades masculinas na faculdade.

Durante os dias que se seguiram, Ana apresentou Eric à Celenia, que também se tornou amiga do rapaz. Até rápido demais por sinal.

Muito entusiasmada com seu novo amigo, Ana Maria decidiu apresentá-lo a seu pai. Foi num dia ensolarado de outono depois da aula que ela o levou até sua casa. Eric ainda não havia conhecido o edifício Perlla de Gran Prezzo. Ficou admirado com a beleza e elegância do edifício.

Giulio Spezzato não esperava aquela visita. Seus olhos se surpreenderam ao verem sua filha adentrar seu escritório domiciliar acompanhada por um belo rapaz que, acima de tudo, aparentava boa educação e alta posição social, bem diferente daquele que ela lhe apresentara tempos atrás.

A comparação com Diego foi inevitável, na mente

PERIGOSAS ACHERON

daquele pai logo vieram as antigas imagens de sua filha se aproximando com aquele motoqueiro da periferia romana. Então naquele mesmo instante veio-lhe um alívio na alma por constatar que as amizades de sua filha estavam elevando-se de nível.

— Pai, quero lhe apresentar uma pessoa. Este é Eric Bennett, meu mais novo amigo da universidade. Ele é norte-americano e estuda Direito, como já havia lhe falado. — ela apresentou-o com a face cheia de sorrisos. — Eric, este é meu pai, Giulio Spezzato.

— Muito prazer, senhor Spezzato. Já almocei várias vezes em seu restaurante, só não imaginava que o conheceria pessoalmente. Seu cardápio é divino, meus parabéns! — Eric o bajulou.

— Obrigado, jovem rapaz. O prazer em conhecê-lo é todo meu. Obrigado pelo elogio. Sem dúvida alguma o cardápio do Spezzato Restaurante é feito

PERIGOSAS ACHERON

especialmente para pessoas como você — retribui o elogio.

— Bom, acho que já vou para casa. Não quero incomodá-los. Só vim a esta hora porque a Ana insistiu — Eric desculpou-se.

— Ora, mas o que é isso? Não há motivos para se desculpar. É uma honra tê-lo aqui. Aliás, minha filha, confesso que agora fiquei muito surpreso, pois o nível de suas amizades tem melhorado muito. Parabéns, Ana. Seja bem-vindo, Eric. Você realmente parece ser uma excelente companhia para minha filha. Fique e almoce conosco. Melhor, acabo de ter uma ideia, vamos agora mesmo para o restaurante e almoçamos todos lá. Juntos poderemos conversar melhor. Assim você pode me contar mais sobre você, Eric. E então? O convite está feito — Giulio sugeriu satisfeito.

— Não exagere. Sou apenas um simples universitário! — Eric declarou sua modéstia.

— Não seja tão modesto. Minha filha fala muito sobre você. Eu praticamente já o conhecia!

— Papai, ele está encabulado, mas gostei da ideia de irmos ao restaurante. Vamos, Eric? — ela perguntou sorrindo.

— Se não for um incômodo.

— De maneira nenhuma. — Spezzato ressaltou.

— Então vamos agora mesmo. — Eric disse com alegria.

Eles sorriram e seguiram para o restaurante. Conversaram, almoçaram e Spezzato ficou ainda mais convicto de que Eric era o rapaz certo para cuidar de sua filha nos momentos de sua ausência.

Eric organizara uma festa entre amigos em seu apartamento, bem no centro de Roma. Ana Maria foi a primeira pessoa convidada. Celenia também

participaria, inclusive era a mais animada para ir a essa festa. Comprou até roupas novas. Embora ninguém percebesse, na verdade ela pouco conseguia disfarçar seus sentimentos por Eric. No entanto, somente aqueles com maior sensibilidade e um pouco de desconfiança perceberiam o que dizia o olhar daquela estudante de Teologia.

Enfim chegara a noite tão esperada. Era uma festa moderna, com muita música americana e, é óbvio, que as mais lindas canções italianas estavam presentes para embalar aquela noite.

Ana chegou à festa acompanhada de Diego e Celenia. Ao entrarem no apartamento, Eric ficou um tanto admirado ao recepcionar uma visita surpresa entre os convidados oficiais. Até então Eric ainda não conhecia Diego. Ana chegara a lhe

falar algo sobre um amigo que lhe defendera uns meses atrás, mas Eric nunca demonstrara interesse em saber mais detalhes sobre o ocorrido, nem sobre o sujeito envolvido. Ana e Celenia se aproximaram e as apresentações foram feitas.

— Eric, este é meu amigo Diego, aquele de quem eu lhe falei! Diego, este é Eric, meu amigo americano — Ana Maria apresentou-os.

Eles se cumprimentaram com um gélido aperto de mãos. Em seguida, Eric cumprimentou Ana com um abraço e também cumprimentou Celenia com um beijo no rosto. Passada as apresentações, ele foi recepcionar os outros que estavam chegando.

— Aproveitem a festa, fiquem à vontade.

A festa estava tranquila. Os jovens burgueses romanos eram maioria lá. Diego se sentiu deslocado, um peixe fora d'água, quase um intruso! As músicas tocavam sem parar. A festa começou com um repertório dance, já que Eric havia

PERIGOSAS ACHERON

contratado um DJ particular.

A primeira música Ana dançou com Eric, mas ao olhar ao redor e ver Diego sozinho no canto apiedou-se e tirou-o para dançar a música seguinte. Foi muito divertido aquele momento, principalmente porque era uma de suas músicas eletrônicas favoritas, Ana dançou com Diego Something do grupo Lasgo.

Após essa dança eles descansaram um pouco e tomaram um refresco. De repente, o DJ preparou uma surpresa. Começou a tocar Angel do John Secada. Eric se aproximou de Ana e convidou-a para esta dança. Ela aceitou prontamente, o que causou em Diego muito ciúme. Não! Não foi nada fácil para ele ver aquela cena: Ana dançando uma canção tão romântica com um jovem americano que visivelmente estava interessado nela.

Para Eric aquele momento foi mágico. Sentir Ana tão perto fazia com que sua mente viajasse ainda

PERIGOSAS ACHERON

mais nos seus sonhos de amor.

A próxima canção foi Incancellabile da Laura Pausini. Dessa vez Eric dançou com Celenia. Para ela, essa dança foi um grande presente recebido naquela noite inesquecível.

Da parte de Eric a dança não foi tão especial, foi comum. Mas mesmo assim ele fez Celenia sonhar mais alto, ir além das possibilidades e até mesmo da realidade daquele momento.

A noite foi incrível! Para os três convidados principais mais ainda. Apesar de ter se sentido um pouco desconfortável, Diego conseguiu se divertir um pouco. Ana ainda na mais pura alegria da amizade e Celenia com ares suspirosos de amor platônico.

Diego e Ana Maria chegaram à Fontana di Trevi

depois de um passeio pela cidade. Sentados lado a lado, na borda da fonte, conversavam como fazem os velhos amigos. Mas havia algo de muito diferente acontecendo com Diego. Já há algum tempo ele aparentava não estar passando bem. Sua aparência se tornara muito pálida, ele emagrecera e uma gripe repentina que nunca desaparecia o debilitara visivelmente.

Mas mesmo assim ele se fazia de forte e indestrutível, na sua insana consciência acreditava que a simples companhia de Ana Maria lhe era suficiente para sobreviver. Afinal, ela o transformara completamente. Diego parou de beber e de fumar, estava procurando um emprego para poder largar de vez o jogo.

Ali mesmo na fonte ele teve uma crise de tosse. Começou a tossir sem parar, colocando as mãos na boca.

— Diego, você está bem? O que está

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo? Eu percebi que você anda meio doente durante as últimas semanas.

— Ana argumentou, demonstrando preocupação.

— Não é nada. É só uma gripe à toa, vai passar — disse com voz fraca.

Ana Maria observou-o mais compenetrada, tocou no pescoço dele e percebeu que havia pequenos nódulos.

— Diego, o que é isso no seu pescoço? São nódulos?! Você não está bem... Deve procurar logo um médico, não tente disfarçar. — alertou-o expressamente.

— Você tem razão, minha amiga. — concordou, sem resistência.

Há quem viva nesse mundo sobrevivendo e suportando tudo. E foi isso que aconteceu com

Diego. Não teve outro jeito: ele teve que procurar um médico, o que para ele foi muito estranho e incomum, pois nunca sentira nada antes, nem mesmo nos seus períodos de maior vício.

Ele era do tipo saúde de ferro, porém o ferro mais cedo ou mais tarde sempre enferruja. No consultório médico, do Hospital San Lazzaro, diante do doutor Matarazzo, ele começou a descobrir esta inconveniente verdade.

O doutor o interrogou, fez várias perguntas de praxe, como: “Você já usou drogas, fuma ou bebe?” E também, aquelas referentes ao contágio de doenças venéreas.

Diego respondeu positivamente para a maioria das perguntas, seus antecedentes não eram dos melhores. Ele jamais se cuidara e ainda assim jamais tivera a pretensão de frequentar consultórios médicos. Agora tudo mudara. Estava ali expondo sua vida ao doutor que de maneira urgente,

PERIGOSAS ACHERON

solicitou uma série de exames a serem feitos. Inclusive o doutor até cogitou solicitar de imediato a internação dele e só não o fez porque Diego afirmou enfaticamente que ainda estava em condições de voltar para casa e comparecer novamente ao Hospital quando os exames estivessem prontos.

Na verdade, o pobre jovem doente saiu arrasado daquele hospital. Sim, sua alma já podia pressentir as aflições que lhe adviriam.

Tudo corria bem para Ana Maria. Suas aulas na faculdade fascinavam lhe e aos poucos ela se ambientava à vida acadêmica, naquele dia, caminhava ao lado de Celenia pelo corredor da universidade gregoriana, conversando em meio aos outros estudantes transeuntes.

— Ana Maria, como vai o Diego? Nunca mais o vi, ele não apareceu mais por aqui. — Celenia perguntou curiosa.

— Amiga, eu também não sei. Não o vejo desde aquele dia na Fontana di Trevi, há umas duas semanas já. Eu telefono, mas ele não atende o celular. Fui à casa dele, mas seu amigo, o Lucio, me contou uma história inusitada. Disse que ele foi visitar um parente fora de Roma, o que eu achei estranho porque pelo que o Diego me contou ele é órfão e não tem família. Perguntei para Lucio se o Diego havia melhorado, e ele me disse que já estava tudo bem, que ele só teve uma virose e já estava melhor. Mas sei lá, ele estava tão esquisito, parecia até estar me escondendo alguma coisa.

— Realmente é muito estranho. Bom, eu já vou para sala de aula. Tchau! Até mais tarde, amiga! — Celenia despediu-se.

— Até mais, Celenia. Qualquer novidade eu te informo — despediu-se.

Em passos angustiados e mãos trêmulas, Diego Generatto Della Rosa dirigiu-se ao consultório do doutor Matarazzo. Com seus exames nas mãos ele já esperava pelo pior. Já estava muito fraco. Conhecendo a vida da maneira que ela lhe tratava, não pretendia alimentar coisas boas, tampouco esperanças falsas.

Educadamente ele pediu licença ao doutor, entrou no consultório, sentou-se, os exames já estavam nas mãos do médico. Diego tossiu, colocou a mão na boca para disfarçar sua evidente e indisfarçável fraqueza.

O doutor analisou minuciosamente os exames mais uma vez. Diego, por sua vez, com expressão aflita encarou o doutor que também o encarou.

— Então, doutor, o que dizem os exames? — perguntou impaciente.

— Diego, os exames mostram claramente que

você é soropositivo. Você é portador do vírus HIV e tem AIDS. — sentenciou.

O coração de Diego acelerou de modo tão imensurável que todo seu corpo começou a tremer sem parar. Ele olhou de um lado para o outro enquanto passava as mãos na cabeça. Não sabia o que dizer, nem mesmo o que pensar. De repente, num tremendo impulso de fúria e revolta, aquele jovem sem sorte levantou-se da cadeira, debruçou-se na mesa e gritando desesperadamente, exclamou:

— O quê? Doutor, eu tenho AIDS? Isso não pode ser verdade! Doutor, o senhor tem certeza disso?

Matarazzo assustou-se um pouco com a reação do paciente. Até o presente momento, havia sido a mais agressiva em toda a sua carreira. Das outras vezes, seus pacientes costumavam apenas chorar ou desmaiar ao receber a notícia. Na tentativa de acalmar Diego, o doutor também se levantou, foi até ele e colocou-o novamente sentado.

— Acalme-se! Não adianta se desesperar. Respire fundo. — tranquilizou-o, sentando-se em seguida. — Seu teste de Western-Blot não deixa dúvidas, você realmente é portador do vírus HIV. Seus sintomas são mais que evidentes, você está com uma série de infecções causadas por sua debilidade imunológica. Pedirei sua internação agora mesmo. Mas não se preocupe, embora a AIDS não tenha cura, o tratamento contra essa doença é muito eficaz quando seguido corretamente. Você poderá levar uma vida normal, apenas terá que ser tratado rigorosamente e respeitar esse tratamento depois que sair do hospital. Ficará internado por alguns dias para tratar sua pneumonia e terá acompanhamento psicológico, recebendo todas as informações de que precisa. — o doutor orientou-o.

As lágrimas da amargura corriam pelo rosto de Diego, tais quais as águas da maior cachoeira do mundo correndo ao seu destino. Suas mãos suavam

PERIGOSAS ACHERON

e tremiam de nervoso. Ele simplesmente não queria acreditar no que estava acontecendo, era peso demais para suas costas carregarem.

Dessa vez o doutor Matarazzo sentiu-se comovido pelo caso de Diego. Antes de internar-se, ele telefonou para Lucio e lhe pediu que fosse com urgência até o Hospital San Lazzaro. Lucio atendeu assustado o chamado do amigo e em seguida foi direto para o hospital.

Diego estava lá, sentado no corredor frio e solitário daquele hospital, esperando que o socorro ou ao menos o consolo chegasse das mãos de seu melhor amigo.

Com sua mente extremamente perturbada, Diego mal percebera a chegada de Lucio e só depois, ao olhar para o lado, viu ali o amigo que viera ao seu encontro. Sua face expressamente transmitia preocupação e não poderia ser diferente.

As lágrimas do arrependimento e da tragédia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corriam pela face de Diego, tais quais as águas da correnteza de um rio furioso.

— Diego, meu amigo, o que aconteceu? Por que me chamou até aqui? Você está chorando?! O que há? — Lucio perguntou desorientado.

— Lucio, eu estou doente. — respondeu chorando.

— O que você tem? É grave? Pare de chorar e me diga logo o que você tem! — exclamou sem paciência.

Diego se aproximou e olhando no fundo dos olhos de Lucio, declarou com voz amarga:

— Eu tenho AIDS.

O amigo arregalou os olhos. Não esperava por aquela resposta tão cruel.

— O quê? — quase não acreditou.

— É isso mesmo que você ouviu. Estou contaminado pelo vírus HIV. — reafirmou enfaticamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Cara, você tem certeza disso? Sei lá, de repente o exame pode estar errado!

— Certeza? Olhe bem para mim e veja como estou! Acabado e cheio de infecções! E se não fosse a Ana Maria para me mandar ir ao médico eu não teria vindo! Meu Deus, eu já havia me esquecido da Ana! Há dias não nos vemos! Lucio, como ela está? Eu estava enganado quando acreditei que eu poderia ser uma nova pessoa e amar alguém de verdade!

— A doença vai te impedir de amá-la.

— Acabou tudo, Lucio, acabou! A Ana nunca mais vai olhar para minha cara e com razão! Por favor, não diga nada a ela! Se ela me procurar, diga que eu fui viajar para longe! O médico solicitou minha internação aqui no hospital. Foi por isso que lhe chamei. Minha vida acabou! Perdi meu amor para sempre! — explicou.

Depois de explicar tudo ao amigo, Diego desatou

PERIGOSAS ACHERON

a chorar ainda mais. Os dois se abraçaram, compartilhando um sentimento fraternal que jamais poderia acabar.

— Diego, estou sem palavras! — Lucio confessou ao abraçar o amigo.

— Lucio, por que isso foi acontecer comigo logo agora que eu comecei a amar alguém? Se antes já era impossível, agora então é mais ainda!

— Não se antecipe. Espere pra ver como ela irá reagir. Se ela te amar vai entender.

— E mesmo que a Ana Maria me aceitasse assim, ela não merece um homem indigno como eu! Eu mudei por ela, parei de fumar, de beber, comecei a frequentar a missa... Mas de que tudo isso adiantou se eu não poderei ficar com ela? O estrago já está feito! Agora eu estou condenado. Vou me afastar dela, está decidido — Diego lamentou nos ombros do amigo.

— Calma, Diego. Não tire conclusões

PERIGOSAS ACHERON

precipitadas. Viva um dia de cada vez. Pense em você agora. Tudo ocorrerá bem, você vai ver.

Diego foi internado. Aqueles dias no hospital foram terríveis para ele. Os efeitos colaterais dos remédios a princípio o deixaram ainda mais debilitado, mas milagrosamente, com o passar dos dias, ele foi se reabilitando e retomando o fôlego para continuar a viver.

Ele fez muitos planos no leito do hospital. Decidiu seguir em frente, mas sozinho. Suportaria a dor de viver para sempre longe da mulher que amava. E isso para que ela não sofresse também. Claramente isso seria mais triste do que a própria doença que invadira seu pobre corpo mortal. Porém a escolha precisava ser feita e ele a fez. No período de sua internação, Ana Maria foi à viela procurá-lo, mas Lucio inventou uma desculpa: disse a ela que Diego fora viajar para fora de Roma, rever uns parentes. Mais uma vez ele mentira para ela, que

PERIGOSAS ACHERON

com certeza desconfiou.

Um mês havia se passado desde que Ana Maria vira Diego pela última vez. Sem alimentar maus pensamentos, ela jamais havia suposto o verdadeiro motivo do afastamento dele.

Antes de voltar para casa, Diego esteve mais uma vez no consultório do doutor Matarazzo para receber as instruções de praxe. O doutor lhe explicou tudo que ele precisaria saber dali em diante, e como deveria viver, de modo a promover a eficácia do tratamento e assim prolongar a sua vida.

Os efeitos colaterais já acometiam o novo paciente, já eram presentes enquanto estava internado. O doutor reforçou mais uma vez que se seguisse o tratamento corretamente poderia sim ter

uma vida normal.

Lá estava ele! Diego Generatto Della Rosa saindo do hospital, com inúmeros papéis de exames nas mãos e uma sacola cheia de remédios. Mesmo passados alguns dias, seu corpo ainda tremia de nervoso. Caminhou como que sem rumo pelas ruas da Cidade Eterna. Ele não sabia o que fazer. Na verdade, sua vontade era de chegar a lugar nenhum. Se ao menos o mundo acabasse naquele momento.

Mas o mundo não acabou. Sua falta de esperança era total e absoluta. Pretendia pegar um ônibus que o deixasse próximo ao beco imundo da viela onde morava. No entanto, não demonstrava o mínimo de ânimo para nada. Logo agora que ele estava amando alguém isso teve que acontecer?! O destino não lhe estava sendo benevolente e, apesar de tudo, decidiu continuar vivendo, vivendo sozinho.

Em suas idas e vindas em Roma, Ana Maria começou a avistar de longe Diego. Geralmente ele estava em farmácias. Às vezes, ele estava de moto. Ela gritava, acenava, mas ele não respondia e fugia ou simplesmente fingia que não a via. Então sim, começou a surgir uma desconfiança em seu interior.

Ela se questionava o porquê de seu grande amigo estar se comportando daquela maneira, sem nenhuma explicação plausível até o momento. A pobre jovem não sabia. Dois meses sem vê-lo e foi assim que ela teve seu primeiro sentimento negativo. Sim, de fato essa foi a primeira maldade que entrou em seu coração de donzela.

Ana Maria passeava de táxi nos arredores do Vaticano quando avistou Diego dentro de uma farmácia. Mas dessa vez ela decidiu agir diferente das outras vezes. Pediu ao taxista que a esperasse

PERIGOSAS NACIONAIS

por um instante enquanto iria até a farmácia. Diego estava de costas pegando algo na prateleira, por isso não a viu se aproximar. Ana foi devagar quando algumas pessoas passaram diante dela. Com a mão direita tocou nos ombros de seu amigo fugitivo.

— Diego, é você? — o abordou.

Ele virou-se e encarou-a com espanto.

— Ana Maria! — exclamou, arregalando os olhos.

— Estou surpresa em encontrá-lo aqui! Você está bem? Há tempos tento falar com você, mas parece que está fugindo de mim. Mando mensagens pelo celular e você não responde, te ligo, e você não atende. — argumentou, sorrindo inocente.

Diego hesitou, balançou a cabeça perdido e ficou nervoso, não sabia o que dizer. Mas em um ato de coragem sua boca pronunciou as seguintes palavras:

PERIGOSAS ACHERON

— Ana Maria, tudo que eu lhe peço é que você fique longe de mim para sempre. Você ainda é muito nova para conviver com esse tipo de coisa, vai ser melhor para você. Isso é tudo que eu posso te dizer no momento. Adeus! — ele foi saindo.

Ela não se deu por vencida, segurou no braço dele e exigiu uma explicação aceitável para a atitude tão rude.

— Mas, Diego, o que pode haver de tão ruim que você não possa me contar? E de tão maléfico que irá nos separar para sempre, mesmo que estejamos morando na mesma cidade? Então, o que está acontecendo? Diga agora para que eu possa te ajudar. Eu sou sua amiga e não há motivos para que eu deixe de ser.

— Pode haver motivos para que eu não queira mais ser seu amigo. Eu tenho medo e vergonha de te contar o que está acontecendo comigo, simplesmente porque depois que eu te contar tudo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você nunca mais vai querer ficar perto de mim. É uma coisa horrível! Por isso, eu te aviso enquanto ainda há tempo. Afaste-se de mim, você não merece isso — ele tentou avisá-la.

— Não o deixarei ir antes que me conte tudo o que está acontecendo! — ela exigiu saber.

— Então você quer mesmo saber. Tudo bem, eu vou te dizer tudo, mas não aqui, dentro da farmácia. Vamos para outro lugar — sugeriu, vencido.

— Sim! Estou de taxi. Vamos até a Praça de São Pedro. Lá em frente à Basílica sentiremos paz e poderemos conversar com calma. — ela sugeriu.

— Vamos, então. Dispense o táxi, nós vamos em minha moto. — ele convidou-a.

Diante da Basílica de São Pedro aqueles jovens tiveram sua conversa.

PERIGOSAS ACHERON

— Já pode me dizer o que está acontecendo, Diego. Então, comece a contar... —ela exigiu.

A chuva começou a cair, mas eles estavam em um local coberto. Diego abaixou a cabeça e começou a balbuciar:

— Ana Maria, eu nunca fui a pessoa que você pensou que eu fosse. Lembra-se daquele dia lá na Fontana di Trevi? Depois daquele dia eu procurei um médico e descobri que eu estou doente. Aquele tempo em que eu sumi não estava viajando. Estava internado no hospital.

— Eu sabia que o Lucio estava mentindo para mim! Mas me diga o que você tem, está melhor? — perguntou ingênua.

— Eu tenho AIDS! — revelou.

Diego começou a chorar sem parar. Seus olhos não puderam conter seu desespero e dor.

— AIDS! Meu Deus! — exclamou, abismada.

— Mas não é só isso. Tem outra coisa que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também preciso lhe contar — anunciou.

— O que é? — perguntou com o coração acelerado.

— Eu sou gay! — revelou mais uma vez.

— O quê? Você é homossexual? — questionou nervosa.

— Sim. Eu sou. E aqui está o resultado de todo o meu descuido comigo mesmo: um sujeito miserável e doente. Perdoe-me, Ana Maria! Por isso eu achei melhor me afastar de você. Acreditei que não desejaria me ver nunca mais depois que soubesse de tudo disso. O pior é que eu me sinto tão sozinho. — explicou-lhe chorando.

Ela ergueu a cabeça de Diego, enxugou suas lágrimas e disse:

— O que fez você pensar que eu deixaria de sua amiga só por causa dos seus problemas? Sim, eu sou uma moça religiosa, mas eu não tenho preconceitos. Esse fato não altera nem diminui o

PERIGOSAS ACHERON

seu valor nem a nossa amizade. Você com certeza é uma pessoa melhor agora. Eu vejo nos seus olhos que você mudou e mesmo antes de mudar você já era maravilhoso. O caráter de uma pessoa não tem a ver com a orientação sexual, nem mesmo com uma doença! Você está até melhor de saúde agora do que quando eu te vi. O tratamento está surtindo efeito. — ela afirmou, abraçando-o comovida.

No momento daquele abraço Diego e Ana sentiram suas almas se unirem em uma só. Eles sentiram a força do amor verdadeiro que ali permanecia.

— Diego, eu vou te ajudar. Não se preocupe, eu estarei sempre ao seu lado. — ela garantiu, abraçando-o ainda mais.

— Obrigado, você é minha melhor amiga! — ele lhe agradeceu abraçando-a mais uma vez.

Talvez Ana não percebesse ainda, mas sua vida estava se transformando. Sua maneira de se

PERIGOSAS ACHERON

relacionar com as pessoas evoluíra. Não era mais apenas uma simples universitária estrangeira sustentada pelo pai rico, tampouco apenas mais uma garota devota e seguidora de sua religião. Era mais que isso! Aquela jovem, aos poucos, se tornava um ser humano disposto a romper barreiras e enfrentar tudo em favor de um sentimento puro e verdadeiro.

Em uma daquelas conversas informais entre amigas, Ana Maria, no intervalo das aulas, contou tudo a Celenia que abordou uma hipótese real:

— Ontem aconteceu algo que eu preciso lhe contar. Você nem vai acreditar.

— Pois me conte logo, estou curiosa! O que aconteceu? Ana, não me deixe curiosa.

— Eu encontrei o Diego.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Encontrou?

— Sim, eu o encontrei por acaso. Ele estava em uma farmácia perto do Vaticano. Eu passava por lá de carro quando o vi.

— E aí? Ele falou para você por que estava fugindo?

— Sim, eu o forcei a me dizer tudo que está acontecendo e ele foi obrigado a me contar. Eu mal pude imaginar tudo que fiquei sabendo.

— Então? Me diga logo. O que houve?

— Naquele tempo que ele sumiu, na verdade ele estava doente, internado no hospital e preferiu me esconder tudo. Foi por isso que o Lucio mentiu para mim. Não queriam que eu soubesse o que estava acontecendo — explicou.

— Mas e agora, ele está bem? Já sarou? — Celenia perguntou ainda sem saber do pior.

— O que eu vou te contar agora é segredo, sagrado, por favor, não conte a ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está certo. Pode me dizer, eu juro que não contarei a ninguém — prometeu, mal disfarçando sua curiosidade.

— O Diego tem AIDS.

— O quê?! — perguntou, quase gritando.

— Não grite, Celenia, fale baixo! — Ana exigiu, tentando conter o espanto da amiga.

— Oh, me desculpe, mas você está me dizendo que ele tem AIDS? Foi isso mesmo que eu ouvi?

— Sim, é isso mesmo que você ouviu. Ele é soropositivo.

Mas não é só isso, tem mais uma coisa.

— Mais uma? O quê?

— Ele é gay! Ele tinha vergonha de me contar.

— O quê? Meu Deus! Então é por isso que ele estava fugindo. Ele está completamente envergonhado e não é para menos. Confesso que estou surpresa, mas e você, como reagiu? — perguntou em voz baixa para que ninguém ouvisse.

PERIGOSAS ACHERON

— Confesso que tive que controlar o meu nervosismo. Eu também não esperava que ele fosse me dizer essas coisas. Nunca havia passado por esse tipo de situação. Confesso que até me assustei um pouco na hora, mas de repente eu agi tão naturalmente que eu nem sei te explicar direito como foi. Eu só sei que quando eu menos esperava, já estávamos abraçados. Enquanto a chuva caía, eu o consolava — relatou.

Celenia analisou o relato por alguns instantes e não pôde deixar de questionar a amiga em tom de desconfiança.

— Você, me desculpe, mas eu preciso te dizer. Eu sempre desconfiei e agora depois de saber de tudo isso eu tenho quase certeza. Acredito que o Diego está gostando de você. Sinceramente, ele está apaixonado por você e você por ele também!

Ana Maria quase não acreditou que Celenia levantara essa louca hipótese. Sua mente juvenil,

PERIGOSAS ACHERON

que ainda não havia amado ninguém, inconscientemente temeu essas palavras.

— Que loucura é essa que você está me dizendo, Celenia? Você só pode estar brincando. O próprio Diego me confessou que ele é gay! Tudo bem que eu gosto dele de qualquer maneira, sendo gay ou não, mas isso que você acabou de dizer é um absurdo sem nenhum fundamento. Somos apenas amigos verdadeiros! — discordou, com toda a sua força.

— Ele pode até ser mesmo gay, mas está na cara para quem quiser ver que ele ama você. Sabe, naquele passeio de vocês no dia da festa na casa do Eric, eu percebi o jeito que ele te olhava. Pode ser que ele ainda não saiba, mas se eu fosse você eu teria mais cuidado.

— Cuidado, por quê? Não estou entendendo!

— Serei direta, tenha cuidado para não o amar também. Porque se isso acontecer será um amor

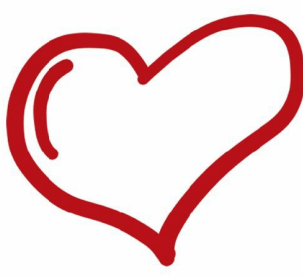
impossível. Seu pai nem gosta dele na condição de amigo, tampouco se ele for seu namorado. — concluiu.

— Vamos mudar o assunto. Não concordo com o que você está me dizendo. — Ana respondeu nervosa.

Esta deveria ter sido uma conversa secreta e seu conteúdo mantido em segredo. E quase teria sido se Eric não tivesse escutado tudo. Sim, ele escutou tudo, todos os detalhes e pormenores daquela conversa extremamente confidencial, escondido entre os estudantes. Ele não deveria saber de nada, mas a partir daquele momento também partilhava desse segredo sem que suas amigas soubessem.

Capítulo

5



Giulio optou por não se casar mais uma vez. Preferiu ficar sozinho e ter apenas uma filha e essa sua decisão impediu que Ana Maria tivesse o privilégio de ter irmãos. Ela jamais soube o que era ter que dividir suas coisas com alguém. Tudo sempre foi só para ela; os quartos, a TV, os passeios, os presentes, etc. Mas uma grande novidade agitaria os ânimos na casa da família Spezzato. Uma notícia modificou para melhor essa realidade, pelo menos por um tempo.

Ele entrou no quarto da filha.

— Com licença. Estou entrando.

— Pai, o senhor por aqui! A que devo sua nobre vinda ao meu quarto? — ela perguntou sorridente.

— Minha filha querida, eu tenho duas notícias para você. Uma boa e outra ruim.

— Uma boa e outra ruim? O que é? Diga logo! Estou curiosa, pai!

— Lembra-se de meu primo Agnello da Sicília? — indagou.

— Mais ou menos. Na verdade, vi-o somente uma vez quando eu era pequena. Lembro-me pouco. Sei apenas que naquela época ele era um adolescente.

— Então, também não o vejo há tempos. Acontece que hoje recebi um telefonema da esposa dele. Eles têm dois filhos pequenos. Ela disse que o Agnello está muito doente no hospital, a família está passando por dificuldades. Enfim, eles me pediram para ficar um tempo com as crianças até que tudo se resolva por lá. Eles são humildes, você sabe. Então pensei, já que minha filha está aqui

PERIGOSAS ACHERON

poderá me ajudar com as crianças! O que você acha? — propôs.

— Sinceramente essa foi a melhor notícia que eu já recebi desde que cheguei aqui em Roma! Essa casa está realmente vazia e precisando da presença de crianças. Vai ser ótimo tê-los aqui por um tempo. Lamento pelo primo Agnello, mas será maravilhoso cuidar das crianças. Pai, pode contar comigo — ela comemorou, batendo palmas de maneira eufórica.

— Eles se chamam David e Liza, é um casal. David tem 9 anos e Liza tem 6. Preciso que saia com Ilda para comparar tudo que eles possam precisar, desde roupas de cama até material para a escola. Viajo até a Sicília para buscá-los amanhã mesmo e volto daqui uns dois dias. Já deixei ordem com a empregada para preparar um dos quartos de hóspedes, onde eles vão ficar. Precisa ser personalizado, por isso quero que você cuide de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo. — concluiu.

— Com certeza, amanhã mesmo irei bem cedo às comparas. — empolgada, bateu palmas mais uma vez.

Dois dias depois, as crianças chegaram ao Edifício Gran Prezzo. A princípio estavam tímidas, tristes, desanimadas por estarem longe de seus pais. Tudo aquilo oprimia muito o psicológico daqueles pequeninos inocentes. Mas Ana Maria não permitiu que as coisas continuassem daquela maneira e providenciou uma série de atividades para que Liza e David ocupassem bem a mente durante aquele tempo no qual estariam longe dos pais.

Ela fazia questão de buscá-los na escola com o motorista e tanto ela quanto eles saíam de manhã cedo para os estudos e voltavam sempre juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Muitas vezes ela variava o itinerário. Ao invés de irem direto para casa, almoçavam no Spezzato restaurante ou em uma lanchonete menos formal.

Ana colocava as crianças para dormir toda noite, as acordava e arrumava-as para irem à escola todas as manhãs. Sentia com isso uma sensação sublime. Para ela, David e Liza eram seus próprios irmãos.

Era sábado. As crianças ainda estavam deitadas dormindo, cada uma em sua cama, quando Ana Maria entrou no quarto, agitada, batendo palmas.

— Crianças, acordem! Acordem!

As crianças se ergueram sonolentas. Ana Maria sentou-se na poltrona e anunciou:

— Crianças, hoje nós vamos passear! Vou levá-los para conhecerem um grande amigo meu. Levantem-se logo! Temos que aproveitar o dia

todo.

— Oba! Hoje verei o castelo de perto! — David comemorou.

— Sim, verá! — ela confirmou.

O encontro entre Diego, Ana Maria e as crianças foi marcado para acontecer em frente ao Castelo de Santo Ângelo.

Ana Maria e os pequenos foram os primeiros a chegarem. Um tempo depois Diego chegou. Logo que avistou sua amada com as crianças foi ansioso ao seu encontro. Ele cumprimentou-a com um abraço e um beijo no rosto. Em seguida vieram às apresentações. As crianças gostaram muito de conhecê-lo, demonstraram muita afinidade um com o outro e Diego demonstrou ter muito talento para lidar com elas.

Depois de conhecerem o castelo, foram todos para o cinema no Shopping Center da cidade. Assistiram a um desenho infantil divertidíssimo! Lado a lado, PERIGOSAS ACHERON

eles sorriram juntos comendo pipoca, com os olhos fitos na tela, atentos ao filme. Logo depois, a brincadeira continuou pelos corredores do Shopping.

Diego brincou de correr com as crianças, sem ao menos se importar se alguém riria da sua cara por estar brincando de jogos infantis. Ana Maria, sem fôlego, apenas observava de longe a brincadeira e ria da cena que presenciava. David e Liza amaram! Nunca haviam sido tão felizes longe de seus pais quanto naquele dia.

Houve outras vezes e outros passeios. No último em que se viram, logo que chegou Diego cumprimentou Ana Maria, tirou uma rosa do bolso de sua jaqueta e entregou-a para Liza.

— Para minha princesinha Liza — entregou a

PERIGOSAS NACIONAIS

rosa, beijando o rosto da pequena em seguida.

— Obrigada! — a pequenina agradeceu.

Diego olhou para David e cumprimentou-o, afagando sua cabeça de modo a bagunçar o cabelo do menino.

— E aí, campeão?!

— E para mim, não trouxe nada? — questionou, percebendo a injustiça.

Todos riram.

Naquele dia, na Sala de Santa Petronilla da Pinacoteca, Ana Maria, Diego, Liza e David observaram lado a lado os quadros La Buona Aventura e San Giovanni Battista.

— É a primeira vez que vejo esses quadros de Caravaggio. — Diego revelou.

— Pessoalmente também é minha primeira vez. Caravaggio foi realmente um grande artista. — ela comentou, com os olhos fixos na obra de arte.

PERIGOSAS ACHERON

Não era raro o doutor Matarazzo jantar no restaurante Spezzato. Ele era um conhecido de longa data de Giulio e os dois até mantinham certa amizade. O doutor ainda não conhecia Ana Maria pessoalmente, apesar de ela estar em Roma há mais de um ano. Em uma dessas ocasiões, eles jantavam juntos quando o doutor Matarazzo questionou:

— Mas me diga, meu amigo, quando me apresentará a sua filha? Estou curioso para conhecê-la e quem sabe apresentá-la ao meu filho mais velho. Ela veio do Brasil, não é mesmo?

— Sim, sim. Acontece que minha filha está sempre muito ocupada com as coisas da faculdade e agora que ela está me ajudando com as crianças, está com menos tempo ainda. Ela quer ser filósofa. Ainda assim pretendo marcar um jantar para os amigos, aqui mesmo, no restaurante. O doutor já

está convidado, mas pelo que sei o senhor também é muito ocupado com sua carreira de médico e também quase não tem tempo para nada, não é mesmo? — levantou a questão.

— É verdade. De fato, a vida de um médico exige total dedicação. Ainda mais de um infectologista. Pois além de tudo temos que ser psicólogos ao lidar com as reações mais imprevisíveis e diversas dos pacientes.

— De verdade não deve ser fácil — Spezzato concordou.

— Sabe, a imparcialidade na nossa profissão é essencial em quase todas as circunstâncias. Não podemos nos deixar levar pela emoção. O que exige esforço, pois somos também seres humanos e não robôs vestidos de branco.

— Deve ser mesmo muito difícil.

— Há um tempo, eu atendi em meu consultório um jovem rapaz que descobriu ser portador do
PERIGOSAS ACHERON

HIV. Ele tem AIDS. Nunca me esquecerei do semblante decepcionado daquele rapaz ao descobrir que tinha a doença. Ele suspirou de agonia, quase virou minha mesa, colocou as mãos na cabeça e chorou, gritou. Comoveu-me pessoalmente o seu desconsolo, pois ele ainda é tão jovem e apesar de doente, parece até um galã de cinema, estilo motoqueiro, cabelos pretos, olhos verdes. O pobre nem tem família! Imagine enfrentar tudo isso sozinho, sem a ajuda de ninguém! Mas agora ele está bem melhor. Acho que conseguiu uma nova amizade, parece que ele gosta de uma moça. — o doutor relatou.

Spezzato fez cara de espanto quando o doutor concluiu suas palavras. Por um instante ele ficou intrigado e seu pensamento foi longe na descrição do sujeito doente.

Inevitavelmente a imagem de Diego veio-lhe à mente. Então surgiu a pergunta inevitável:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Doutor Matarazzo, qual é o nome desse paciente, lembra-se?

— Não posso dizer o nome dele, é antiético. Mas posso garantir-lhe que você não o conhece. Ele é da periferia e jamais frequentou nosso meio social. Por que esse interesse em saber quem ele é? Parece estar nervoso com isso. — o doutor comentou.

— Eu acho que já sei quem é esse sujeito. Se eu lhe disser o nome dele pode confirmar? Diga-me logo, doutor. O nome dele é Diego Della Rosa? — exigiu a resposta quase aos gritos.

O doutor engoliu em seco. Não esperava que um simples comentário sobre um de seus pacientes fosse acarretar toda essa reação em Spezzato. Sem pensar, ele confirmou tudo.

— Sim, Spezzato, é ele. Você o conhece? De onde?

— Vou direto ao assunto. Minha filha está envolvida com ele! Esse sujeito é perigoso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinceramente, eu não imaginava que ele estivesse envolvido com sua filha! Acalme-se, não há motivos para pânico. Ele é um homem de boa índole e tenho certeza que não fará nada de mal a ela! — tentou desfazer a gafe inutilmente.

Giulio saiu dali furioso, foi direito para casa, desesperado para tomar satisfações da filha.

— Onde está Ana Maria? — ele perguntou aos gritos para a empregada que ficou assustada.

— Ela está no quarto. Mas o que aconteceu?

Ele subiu as escadas querendo voar até o quarto dela. Ana estava tranquilamente deitada em sua cama, ouvindo música em seu MP3 enquanto folheava uma revista.

— Ana Maria! — ele gritou invadindo o quarto.

— Pai, aconteceu alguma coisa? Por que está gritando comigo?

— Não quero mais que seja amiga daquele tal Diego!

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? Do que está falando?

— É isso mesmo que você ouviu! Eu não quero mais ver você com o Diego. Não chegue perto dele nunca mais! Se eu souber que está se encontrando com ele será castigada. — avisou.

— E eu posso saber por quê? — questionou com ousadia.

— Simplesmente porque ele é um doente, não presta, é um vagabundo, uma péssima companhia para você uma moça de família! Você sabe disso e provavelmente me escondeu essas coisas. Esse seu amigo é aidético e isso é mais que um motivo para eu não querer você perto dele. Ele não é de confiança e provavelmente quer te levar com ele para o fundo do poço. Esse tipo de rapaz não presta! Minha filha, estou dizendo tudo isso para o seu próprio bem! Escute-me! — argumentou enfático.

— Deixe-me ver se eu entendi. Quer que eu me

afaste do meu amigo porque ele tem uma doença, é isso?

— Também por esse motivo! Aquele homem é uma má influência para você que é uma moça de família. Já sabia que ele tem a doença?

— Pai, por favor, não grite! As crianças estão dormindo e podem se assustar. Sim, eu já sabia. Esse tempo todo eu sempre soube, mas nunca disse nada. Achei que era desnecessário sair contando isso por aí. Não iria contar nem mesmo para o senhor. Até porque, esse era para ser um segredo, e eu nem sei como ficou sabendo... Pensando melhor, já sei! Foi o Victorio que lhe contou, não é mesmo? Eu pedi para Celenia não contar nada para ninguém! — ela respondeu atônita.

— Não, não foi o Victorio que me contou. A sua amiga não tem nada a ver com isso. Vou lhe dizer apenas uma coisa, afaste-se deste rapaz.

— Pois lamento informar, mas eu não me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afastarei dele. Mesmo que isso seja contrário à sua vontade. Ele é meu amigo. E tem mais, ele não é nenhum marginal nem mau caráter como o senhor está dizendo. É apenas um rapaz que está tentando sobreviver em meio a tanto preconceito — argumentou convicta.

— Está certo, se é assim que você prefere vou lhe dar um tempo para que pense melhor no que está fazendo. Mas saiba que eu tomarei as minhas providências. — declarou, em tom de ameaça.

— Pai, esteja à vontade para fazer o que bem entender. Agora me deixe sozinha. Quero descansar em paz. — rebateu, com ironia.

Não demorou nem mesmo dois dias para que Spezzato fosse até a viela procurar Diego. Ele chegou de carro e bateu na porta do casebre.

PERIGOSAS ACHERON

— Senhor Spezzato, bom dia. Em que posso ajudá-lo? — Diego cumprimentou-o depois de abrir a porta.

— Não seja hipócrita, rapaz. Vou direto ao assunto; quanto você quer para se afastar para sempre da minha filha? Quanto você quer para ir embora de Roma e não voltar nunca mais? Vamos, seja sincero, todo mundo tem um preço. — fez-lhe a proposta.

— Escute aqui. Quem o senhor pensa que eu sou?! — Diego questionou, indignado.

— Quer mesmo que eu responda a sua pergunta?

— Pois saiba que eu não sou esse tipo de pessoa que você pensa. Não tenho preço! Nunca vai conseguir controlar a vida da sua filha, por mais que queira. Ana Maria já é adulta e sabe muito bem o que faz! — desafiou-o.

— Dobre a língua antes de falar da minha filha. A Ana ainda é só uma adolescente que não sabe nada

sobre a vida! Rapaz, não sente vergonha de estar usando uma moça inocente para curar seu complexo de rejeição e depressão? Deveria ter consciência do perigo que você representa para ela agora que está doente e é um jogador cartas!

— Mas que absurdo! Eu não estou usando ninguém! Jamais faria isso com quem eu tanto gosto. Eu gosto da sua filha, somos amigos.

— Não sabe o que diz! Pensa que me engana com essa história de amizade? Eu sei reconhecer um homem apaixonado. Se realmente se importasse com ela teria a consciência do perigo que representa e se afastaria.

— Com todo o respeito não vou discutir mais nada com o senhor. Com licença, eu tenho mais o que fazer! — Diego encerrou a conversa.

— Tudo bem, eu vou embora, mas não pense que vou desistir de vê-lo longe da minha filha! Sei que mais cedo ou mais tarde irá ceder! — declarou,

entrando no carro e indo embora em seguida.

Diego ficou nervoso. Quase não conseguiu dormir naquela noite. Sentiu que uma terrível guerra se iniciara. Ana telefonou para ele e lhe contou tudo. Sua paz acabara e talvez esse amor jamais se concretizasse daquele momento em diante.

Apesar de todo o conflito, os dias que se seguiram foram tranquilos para Ana Maria. É claro que seu pai estava diferente. Seu olhar de pai amoroso já não era o mesmo para ela. Suas perguntas e restrições referentes às suas saídas com amigos eram mais constantes e seus horários eram mais controlados. Mas ela não deixou se oprimir e continuou vivendo sua vida de maneira normal tal qual quando chegara a Roma.

Victoro e Irma organizaram uma festa de

aniversário para comemorar os catorze anos de Cristiano. Havia muitos convidados na casa da família Migliaccio, entre eles Eric, Ana Maria e Diego.

— Ana Maria, que bom vê-la aqui! Já estava preocupado. Não poderia começar a festa sem você. Que bom que seus amigos também vieram. Fiquem à vontade — Cristiano recepcionou-os.

Ele cumprimentou Ana Maria com um abraço e em seguida deu um aperto de mão em Eric e Diego, que inclusive chegaram simultaneamente à festa.

— Cristiano, onde está Celenia? — Ana perguntou, à procura da amiga.

— Minha irmã está no quarto se arrumando. Mulheres! — Cristiano respondeu, sorrindo.

No decorrer da festa, Ana Maria fez uma surpresa ao aniversariante. Ela se dirigiu até o piano que ficava no canto da sala e pediu a atenção de todos.

— Senhoras, senhores e jovens aqui presentes.

Peço alguns minutos da vossa atenção. Quero aproveitar esse momento para tocar uma linda música ao piano. Eu ofereço esta canção ao aniversariante, meu querido amigo Cristiano e também ao meu amigo Eric, pois sei que esta é uma de suas músicas favoritas. Chama-se Angel, de John Secada.

As atenções se voltaram para aquela donzela. Ana Maria sentou-se ao piano e começou a tocar a música. Eric ficou fascinado ao contemplar a cena. Aquela garota era o seu anjo. Conforme o som da canção penetrava nos ouvidos do norte-americano, a paz daquele amor lhe adentrava a alma e sua imaginação ia além. Em sua mente, a linda moça já era sua para sempre.

Era uma manhã fria, mas ensolarada. Ana Maria

saíra do banho, ainda vestida de roupão e toalha na cabeça, quando seu celular tocou. Estava em cima da mesinha. Ela pegou-o, sentou-se na cama e atendeu, ainda sem saber quem era do outro lado da linha.

Era Diego! Ele lhe telefonou porque queria contar uma novidade. Ele estava eufórico! Mas essa novidade não poderia ser contada por telefone, deveria ser anunciada pessoalmente.

— Diego, é você? Estou surpresa com a sua ligação a esta hora. Não poderia imaginar que você já estivesse acordado. Ainda são oito horas da manhã e hoje é sábado! Esqueceu-se? — ela questionou-o.

— Ana Maria, é lógico que eu não esqueci. É que ontem no fim da tarde eu recebi uma boa notícia e eu quero que você venha aqui onde estou para te contar pessoalmente. Estou ansioso, não aguentei esperar para mais tarde. Além do mais há dias não

nos vemos. — ele disse eufórico.

— Bom, estou vendo que a notícia é boa mesmo. Você está tão alegre. Onde você está?

— Estou aqui na Praça de São Pedro! — respondeu alegre.

— Tudo bem! Espere uns minutos que eu já estou indo. Vou demorar um pouco, pois irei de bicicleta para que meu pai não desconfie nem implique comigo. Tchau!

Ela se arrumou, agasalhou-se, tomou um copo de leite rápido e desceu até a garagem. Pegou sua bicicleta e seguiu rumo ao encontro. A caminho do Vaticano, ela sorria sem parar enquanto pedalava, mesmo com o vento gelado que parecia cortar seu rosto. Esse sorriso tinha um motivo; o jeito de criança que Diego tinha ao falar com ela há pouco. Para ela, seu amigo parecia uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo. Não que o considerasse um bobo, isso não! Ao contrário, o

PERIGOSAS ACHERON

achava um homem muito sensível, em contraste com o homem durão que ele parecia ser nos tempos em que o conhecera.

Ao chegar à Praça São Pedro, ela já avistou Diego mais adiante. Assim deixou a bicicleta num canto e foi ao encontro dele, que andava de um lado para o outro de tanta ansiedade. Na verdade, essa notícia que ele tanto queria lhe contar era no fundo mais um pretexto para vê-la.

— Diego! — ela exclamou, sorrindo. — Aqui estou! O que tem de tão importante para me dizer?

Ele olhou para ela como se olhasse para a luz do sol depois do longo período de escuridão. Por um momento ele ficou estático, contemplando-a.

— Eu queria te dizer pessoalmente. Ana Maria, eu consegui um emprego. Fui aceito para trabalhar em uma loja de roupas aqui mesmo em Roma, na Via Bocca. A gerente da loja me achou bonito e com o perfil perfeito. Isso não é ótimo?! E nem se

importaram com o fato de eu ser soropositivo!

— Que maravilhoso! Estou muito feliz por você! Agora eu tenho um amigo que será o melhor vendedor de Roma! — ela comemorou, sorrindo.

Por um instante ficaram completamente calados, apenas se olhando, até que em um tremendo impulso, Ana Maria e Diego se abraçaram fortemente. Ele segurou-a pela cintura, quase a pegando em seu colo e como ela era mais baixa, seus pés ficaram um pouco suspensos.

Ainda abraçados, ele girava Ana Maria, os dois sorrindo muito. Mas aos poucos aquele abraço foi se acabando e os pés de Ana Maria novamente tocaram o chão. As laterais de suas faces foram se encostando, seus olhos foram se encontrando, seus lábios foram se tocando e assim se beijaram por alguns segundos.

E durante esses instantes em que conheceram o ofegar de suas respirações, ambos sentiram o calor

PERIGOSAS ACHERON

de seus corpos unirem suas almas em uma só. Nesse momento Diego passava sua mão direita nos cabelos de Ana Maria, que permanecia com as mãos trêmulas nos ombros dele. Dos cabelos a sua mão deslizou, passando suavemente pelo pescoço dela até finalmente chegar à cintura da donzela, findando assim aquele beijo.

Esse foi um beijo de amor e não de paixão. Pois o beijo de amor não necessita da satisfação física, ao contrário do beijo da paixão. O beijo do amor é inesperado, acontece de surpresa. O beijo de amor não é bom, nem ruim. É simplesmente um beijo, uma demonstração de puro afeto. Esse foi o primeiro beijo de amor na vida de Diego. Os outros beijos que ele dera em outros homens durante a sua vida foram de mera lascívia.

Havia sido também o primeiro beijo de todos na vida de Ana Maria. Ela nem sabia direito o que era isso, mas logo nessa primeira vez pôde sentir o

PERIGOSAS ACHERON

amor penetrar no âmago de seu espírito. Talvez muitos duvidem disso por causa dos seus poucos dezoito anos de idade, quase dezenove, ou podem até dizer: Todo mundo sempre acha que o primeiro amor é eterno, mas na verdade não é. Há ainda os que acreditam que os jovens são imaturos demais e que ainda não são capazes de saber o que é um sentimento verdadeiro.

Entretanto, o caso de Ana Maria era diferente, pois o mundo ainda não havia contaminado sua mente com maldades que pudessem corromper seu coração, de modo que a impedisse de reconhecer a força do verdadeiro amor.

Totalmente sem graça e extremamente constrangida, Ana Maria abaixou a cabeça, afastando-se de seu novo amor.

— Ana Maria, desculpe-me! Eu não deveria ter feito isso. Estou muito envergonhado. — ele rogou, quase murmurando.

— Não se preocupe, você não fez isso sozinho. Eu preciso ir para casa agora, tchau. — ela se despediu friamente, indo embora em seguida.

Ela ficou assustada com o que aconteceu, pois não esperava que esse sentimento se manifestasse assim, tão inesperadamente. Sua voz quase não saiu e naquele momento ela se arrependeu de ter deixado a bicicleta tão longe. Tudo isso porque ela sentiu que aquele não foi um beijo qualquer; sabia que Diego a amava. Uma avalanche de sentimentos dominou a alma daquela donzela. Foi um verdadeiro caleidoscópio de emoções. Tinha medo, êxtase e insegurança se revirando dentro dela. Era algo inédito em sua vida.

Também um tanto constrangido e emocionado, Diego não disse nada. Não fez nada, nem se mexeu, apenas deixou que Ana Maria fosse para casa. Ele sabia que ela estava constrangida e sem graça, mas por dentro ele estava explodindo de alegria!

PERIGOSAS NACIONAIS

Com as mãos e pernas trêmulas, Ana Maria subiu na bicicleta e pedalou de volta para casa. Suas mãos que seguravam o guidão tremiam tanto que quase a fizeram perder a direção. Quase caiu, por sorte colocou o pé no chão. Não, o trajeto do Vaticano até Città Dell Sole nunca foi tão longo. Com mais sorte ainda, ela conseguiu chegar a casa sã e salva, sem nenhum arranhão.

Foi direto para o quarto onde se trancou, jogou-se na cama e refletiu muito sobre tudo aquilo que estava acontecendo em sua vida. Chegou à conclusão de que Diego era um fardo pesado demais para os seus míseros dezoito anos carregarem. Pela primeira vez, o medo do preconceito de seu pai começava a invadir lhe a alma.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo

6



Por uma semana Ana Maria não viu Diego. Faltava coragem de ambas as partes se manifestarem. A princípio, ela teve receio de contar tudo que aconteceu à Celenia, mas já não estava mais aguentando e precisava dividir seus sentimentos com alguém. Foi na universidade, no pátio, durante o intervalo, que revelou tudo à amiga.

— Eu preciso te contar uma coisa que aconteceu. Não estou mais aguentando guardar segredo, preciso desabafar com alguém. — revelou.

— Mas que cara é essa? O que você tem para me

contar? — perguntou-lhe muito curiosa.

— Amiga, você nem vai acreditar. Aconteceu uma coisa entre mim e o Diego. Algo que eu não esperava. — fez suspense.

— Entre você e o Diego? Vamos, me diga logo, o quê? Agora estou curiosíssima para saber tudo!

— O Diego me beijou na Praça de São Pedro. — falou, em um tom mais baixo.

— O quê? Ele te beijou?! — exclamou surpresa, exaltando a voz.

— Fale baixo! Estamos no pátio da universidade e isso é um segredo! — advertiu a amiga.

— Está certo, prometo controlar a minha voz. Mas me diga, ele beijou assim... Foi um beijo mesmo? Na boca? Eu quero dizer... Como isso aconteceu? — perguntou pasma e surpresa com a notícia.

— Sim. Foi um beijo de verdade, na boca. O pior é que enquanto ele me beijava eu senti que ele me

PERIGOSAS ACHERON

ama. O Diego me ama de verdade. — revelou tudo com detalhes.

— Eu sabia que isso acabaria acontecendo! Eu te avisei, lembra? Mas não entendi uma coisa; por que diz pior? Você não o ama também? — inquiriu Celenia.

— O Diego é um homem doente. Ele tem AIDS, uma doença sem cura e é pobre. Nossas vidas e realidades sociais são completamente diferentes, e meu pai nunca aceitaria que eu ficasse com ele. Estou um pouco receosa, pois antes éramos apenas amigos e eu não esperava que isso fosse acontecer. — esclareceu.

— Mas aconteceu. E agora, você vai fugir desse amor e magoá-lo?

— Sinceramente, eu ainda não sei o que eu vou fazer.

— Você o ama?

— Sim, sem dúvida nenhuma eu o amo. Não

gostaria de amá-lo, mas o amo e isso é o mais difícil. Não quero enfrentar meu pai. Não quero magoar o homem que eu amo. Estou com medo e totalmente confusa.

— O medo passa. Agora terá que enfrentar tudo isso com muita coragem para poder vencer. Seu pai enlouquecerá quando souber disso, obviamente, mas mais cedo ou mais tarde você teria que enfrentá-lo e seguir sua vida — Celenia observou.

— É verdade, você está certa. Celenia, terei que enfrentar tudo isso com coragem — concluiu, concordando com a amiga.

Mais uma vez, Eric estava escutando toda a conversa das duas amigas. Ele desconfiava de tudo, pois durante aquela semana ele notara que Ana Maria estava diferente na universidade. Seu olhar, seu semblante e comportamento eram de uma moça extasiada com a descoberta do amor e ao mesmo tempo receosa com as consequências ruins que esse

mesmo amor poderia causar.

Eric não suportou e naquela mesma hora saiu da universidade correndo diretamente para o escritório do senhor Spezzato contar a ele tudo que ouvira Ana Maria revelar à Celenia. Sua ira era enorme. Agora ele odiava Diego mais do que antes. Não! Eric não podia aceitar a ideia de estar perdendo a sua amada para um sujeito que ele considerava um delinquente. Arquetou planos no meio do caminho. Decidiu se declarar definitivamente à Ana Maria. Sim, ele ainda tinha a esperança de convencê-la de que ele, um nobre norte-americano, era a melhor pessoa para amá-la e fazê-la feliz para sempre. Seu plano arquitetado com o senhor Spezzato para conquistar Ana estava falhando e por isso Eric precisava agir rápido!

Foi logo entrando no escritório de Spezzato, sem ao menos pedir licença. O homem ficou surpreso com a visita e imediatamente questionou a aparição repentina do jovem.

— Eric! O que faz aqui a essa hora? Não deveria estar na faculdade?

— Sim, deveria. Mas é que trago más notícias! O nosso plano de afastar sua filha do marginal não funcionou, falhou, não surtiu efeito. O cretino já conquistou o coração dela! Ele e Ana Maria até já se beijaram na Praça de São Pedro, em frente à Santa Basílica!

— Que absurdo é este que está me dizendo? — Spezzato perguntou, gritando.

— É isso mesmo que o senhor ouviu. Aquele cara beijou a sua filha! Eles estão juntos. Escutei há alguns minutos a conversa da sua filha com a amiga dela, a Celenia. Nessa conversa ela revelou tudo, mas não sabia que eu estava escutando. E tem mais;

PERIGOSAS NACIONAIS

parece que o delinquente a ama de verdade segundo o relato dela. E o pior o senhor ainda não sabe... Não lhe disse nada antes porque achei desnecessário, já que não imaginava que sua filha se apaixonaria pelo marginal. Porém agora, com o surgimento desse novo fato é inevitável que o senhor saiba de tudo.

— Me diga logo! O que é? — perguntou furioso.

— O marginal por quem Ana está apaixonada, além de ser doente, é gay! — disse com fervor.

Giulio não suportou ouvir aquilo.

— Agora você foi longe demais. Está inventando tudo isso por que gosta da Ana, e ela não te quer? — tentou evitar a realidade.

— Não, senhor Spezzato. Essa é a mais pura de todas as verdades. A sua filha está amorosamente envolvida com aquele rapaz imprestável, que além de doente, também é gay!

— O que?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu ouvi sua própria filha contar em alto e bom som para a Celenia. Ultimamente elas andam conversando muito sobre isso pelos corredores da universidade e eu escuto tudo. Elas nem desconfiam que eu saiba! É isso mesmo. Está vendo, aquele cara só quer se aproveitar da Ana, nem de mulher ele gosta! — afirmou com voz altiva.

Giulio Spezzato mal podia acreditar no que acabara de ouvir. Era mais do que ele podia suportar. Saber que alguém estava se aproveitando da ingenuidade e pureza de sua única e linda filha para ele era algo pior do que a morte. Com certeza, a partir daquele momento ele tomaria suas providências, pois não permitiria mais que aquilo continuasse acontecendo com sua querida donzela.

Eric preparara tudo para enfim declarar o seu amor por sua amada Ana Maria. Era quase certo que ele já havia perdido essa batalha, mas possuía a convicção de que ela o rejeitaria para ficar com Diego. Sim, ela o havia beijado, mas a viu confessar que sente medo da doença dele e também de seu pai que era contra o relacionamento.

O encontro foi marcado próximo às ruínas do antigo fórum romano. Lá estava ela, a moça mais amada de Roma, indo ao encontro de seu apaixonado. Sim, Eric trazia consigo um punhado de rosas vermelhas para ofertá-las.

— Eric, você queria falar comigo? — ela perguntou, ignorando as rosas vermelhas que ele carregava.

— Que bom que você veio. Sim, eu preciso falar com você. Tenho algo muito importante a dizer.

— Então diga. O que é?

— Eu amo você. Sempre amei. Pegue, lhe trouxe

essas rosas como símbolo do meu amor. Quero que você seja minha namorada, melhor dizendo, quero que seja minha noiva! O que me diz? — fez o pedido com altivez.

Ela pegou as rosas, mas fez expressão de aversão à atitude de Eric.

— Obrigada pelas flores. Eu lhe agradeço muito, Eric, mas eu e você somos apenas bons amigos e nada mais. Eu lamento, mas minha resposta é não! — declarou convicta.

— Por quê? Por que você não me quer? Ama outra pessoa? Oh, sim, eu já sei! Você vai me dizer que ama aquele cara motoqueiro, não é mesmo? Prefere aquele delinquente a mim? — ele gritou com a face furiosa.

— Não fale assim! O Diego não é um delinquente! Ele me ama de verdade. — ela afirmou com vigor.

— Abra os seus olhos! Nem de mulher ele gosta!

Além de doente ele é gay! Mais cedo ou mais tarde, ele trocará você por outro homem. Ele só está se aproveitando de você, talvez por carência, sei lá! Você não é capaz de perceber isso? — ele gritou ainda mais irritado.

— Basta desse seu teatrinho ridículo! Pare de dizer esse monte de maldade. Você está com ciúmes e inveja porque eu não te amo! Acabou de provar que é um sujeito rude e egoísta! Por favor, não me dirija mais a palavra até que mude o seu pensamento e a sua atitude! Tchau! — Ana Maria encerrou a conversa nervosa, largando as flores no chão e saindo dali em seguida.

Ele ficou arrasado e lágrimas lavaram o seu rosto pálido. Nada poderia ser pior do que ser rejeitado por sua amada. Nada era mais torturante do que saber que ela preferia um cara sem futuro, em vez dele que era um jovem rico, saudável e inteligente. A dor de amar às vezes parece incompreensível

para aqueles que nunca a sentiram de verdade.

Victoro adentrou o escritório de Spezzato trazendo o que ele lhe pedira.

— Giulio, aqui está o cheque de 50.000 euros que me pediu. Mas me diga antes, para que quer tanto dinheiro?

— Simplesmente para comparar a liberdade e salvar o futuro da minha filha.

— Espere um pouco, você não está pensando em oferecer dinheiro para aquele rapaz se afastar da sua filha, está?

— Sim, Victoro, você acertou!

— Amigo, não faça isso! A Ana já é adulta e tem direito de tomar suas próprias decisões. Pare de tratá-la como se ela fosse uma criança!

— Quem você pensa que é para dizer o que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

devo ou não fazer com minha filha? Eu sei o que é melhor para ela.

— Está certo, não se irrite. Eu só acho um exagero o que está fazendo. É um extremo absurdo subornar o rapaz. Isso é coação!

— Pare de dar palpites!

— Tudo bem, já não está mais aqui quem falou! Eu só queria aconselhá-lo. Faça como bem entender. Aqui está o cheque — Victorino entregou-o nas mãos de Spezzato.

— Obrigado, Victorino. — concluiu, olhando fixamente para o cheque.

Victorino se retirou em seguida e Spezzato permaneceu ali planejando a maneira mais eficaz de convencer seu mais novo inimigo a se afastar para sempre de sua querida filha.

PERIGOSAS ACHERON

Era uma manhã ensolarada. Diego arrumava os manequins em uma vitrine da loja quando inesperadamente foi abordado por Spezzato.

— Senhor Spezzato, que surpresa! Não esperava vê-lo aqui! Veio comparar roupas?! — Diego perguntou com ironia.

— Obviamente que não! Na verdade, quero que você vá hoje até meu escritório, preciso conversar com você. Pode ser no seu horário de almoço — Spezzato convocou-o.

— Está certo, chefe! Eu estarei lá para conversarmos. Será um prazer ter uma conversa sincera com vossa senhoria! — confirmou, em tom de desconfiança.

Diego na hora do almoço foi ao local combinado.

Aquele escritório nunca foi tão gélido e sombrio

quanto naquele dia. Sim, o sol brilhava intensamente naquele céu do lado de fora, mas dentro do prédio o tempo havia escurecido com as mais densas nuvens.

Com a cabeça erguida Diego entrou no escritório de Spezzato e apresentou-se.

— Então, aqui estou! O que tem a me dizer, senhor Spezzato?

— Sente-se! — convidou-o.

— Não, obrigado! Estou bem em pé — recusou.

— Pois então, vou direto ao assunto. Você mais do que ninguém sabe que nesta vida nada é como nós queremos. Eu não sou nenhum bandido, por isso jamais usaria de força bruta para conseguir o que eu quero, nem para proteger a vida daquela que mais amo no mundo, a minha filha. Sendo assim, costumo fazer tudo da maneira mais elegante e educada possível para não ferir ninguém. Diego, aqui neste envelope tem um cheque de cinquenta

PERIGOSAS NACIONAIS

mil euros. Pegue! Em troca peço apenas que se afaste da minha filha. O que me diz? — propôs.

Transbordando de fúria, Diego exclamou, encarando Spezzato frente a frente.

— Senhor Spezzato, me faça um favor; pegue o seu dinheiro, jogue-o no vaso sanitário e dê a descarga! Não admito essa ofensa contra o meu caráter! Não aceito o seu suborno! E quer saber mais? Eu amo a sua filha! Somente ela decidirá se quer ou não ficar comigo. Porque nem eu, o senhor ou ninguém pode obrigá-la a fazer ou deixar de fazer o que ela não quiser! E agora, se era só isso que o senhor tinha a me dizer, com sua licença! — Diego declarou firme, se retirando do escritório de Spezzato.

Diego até bateu a porta de tanta raiva que sentiu naquela hora. Sim, Spezzato se enfureceu com o fracasso de sua proposta, mas ele não desistiria de vê-lo longe da sua filha.

PERIGOSAS ACHERON

Eric também não se deu por vencido e foi até a espelunca onde Diego morava para ter uma conversa séria com seu rival.

— Eric, o que faz aqui? — Diego perguntou surpreso com a visita.

— Diego, qual é o seu problema? O que pretende? O seu estoque de homens acabou e agora você decidiu correr atrás de uma moça pura e inocente? Não sente vergonha em fazer isso? Ou você quer simplesmente se divertir com ela para depois abandoná-la? Destruir a vida dela com sua doença, é isso? Bom, seja lá qual for a alternativa, saiba que o senhor Spezzato não vai descansar até afastá-la de você!

— Eric, você não tem nada a ver com essa história. Essa guerra é entre mim e ele.

O jovem colocou sua mão esquerda no ombro direito de Diego. Respirou fundo.

— Diego, aqui entre nós dois, você realmente acredita que é digno do amor da Ana Maria? Ela é uma moça pura, educada, de família nobre. Olhe só para você, acorde! Veja onde você mora, nem família você tem! E o pior: tem uma doença complicada.

— Escute aqui, seu americaninho, eu amo a Ana Maria e sei que ela também me ama. Nada vai nos separar — Diego afirmou com os olhos lacrimejando.

— Ah! Está certo, Diego. Faça o que você quiser, mas vai se arrepender. Só não diga que eu não lhe avisei. Tchau — Eric se despediu, indo embora indignado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Discórdias à parte aquela primavera estava divina! Não somente as flores nasciam, mas também o amor nos corações daqueles jovens que da maneira mais sublime descobriam a alegria de viver um sentimento verdadeiro. Roma não poderia estar mais linda do que naquele momento! Diego e Ana Maria passeavam felizes pela Fontana di Trevi, onde já haviam vivido tantos outros momentos agradáveis.

Com todo o seu romantismo, Diego pegou uma flor num canteiro nos arredores e entregou-a para o seu amado anjo chamado Ana Maria.

— Para uma linda jovem — ele disse, entregando-lhe a flor.

— Muito obrigada, digníssimo cavalheiro — ela agradeceu, aceitando o presente.

— Oh, sim, quase me esqueci — ele sorriu, beijando a mão de Ana com certa rapidez.

— Hum, quanta delicadeza...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele percebeu que havia beijado a mão de sua amada muito rapidamente, por isso decidiu fazer de novo, dessa vez com mais calma e muito mais leveza. Sem pensar duas vezes, repetiu o gesto de modo ainda mais romântico.

— Espere, vou fazer direito — declarou, beijando mais uma vez a mão de sua donzela.

Aquele instante foi selado com um abraço que expressava o puro amor.

A felicidade nunca vem para todos. Celenia mal podia esconder seus sentimentos. No entanto, ela não conseguia entender porque decidiu amar justo alguém que não lhe amava. E pior, justo o rapaz que amava a sua melhor amiga. O amor que Celenia sentia por Eric não era algo banal, nem simplesmente ilusão.

PERIGOSAS ACHERON

Era algo verdadeiro que aconteceu sem que ela percebesse. O mais absurdo de tudo era que deveria manter esse amor em segredo e jamais revelá-lo, simplesmente porque seria inútil. Sim, essa seria uma dor que Celenia carregaria para sempre em seu coração e, para ela, nada poderia ser mais triste do que ficar sozinha numa noite de céu estrelado, pensativa na sacada do quarto ouvindo a música que lhe fere a alma — Incancellabile — pensando “Bem que ele poderia estar aqui comigo”. Então, na mente dessa pobre jovem surge o pior dos sentimentos, quando sua própria consciência lhe responde que Eric não a ama.

Eric também padecia do mesmo mal, pois amava Ana Maria e não era correspondido. Para ele, a música Angel seria sempre uma espada de amargura que traria à sua mente a lembrança de seu eterno anjo: Ana Maria.

Sim, o amor de Eric era explícito, todos já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabiam! Mas no caso de Celenia, a tortura era maior. E aconteceu que um dia na universidade ela não aguentou e, enquanto estavam no banheiro revelou tudo à Ana Maria. A amiga espantou-se, pois jamais esperou receber aquela notícia, tampouco ver sua amiga se derramar em lágrimas por causa de um rapaz.

— Eu amo o Eric. Eu o amo muito e nem sei o porquê. — confessou.

— Oh, minha amiga. Eu lamento que ele não te ame. Quem sabe se você contasse para ele, talvez ambos se dessem uma chance — sugeriu, tentando consolá-la.

— Não! O Eric não me ama, simplesmente porque ele ama você. E pelo que percebo, ele nunca vai deixar de te amar. — Celenia afirmou, soluçando de tanto chorar.

— Eu não quero ver você assim. Eu nem sei o que te dizer — Ana declarou, constrangida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe. Não diga nada. Sabe, o problema é que é difícil controlar a dor. Eu também não queria que fosse assim. — revelou, abraçando a amiga em seguida.

Abraçaram-se, comprovando a amizade que sentiam.

Eric estava sozinho, cabisbaixo, sentado no pátio da universidade, quando Celenia o abordou em uma tentativa de animá-lo.

— Oi, Eric. Eu estava pensando se você gostaria de ir a minha casa. Podemos assistir a uns filmes e nos distrairmos. Que tal? Tenho umas comédias muito divertidas.

— Obrigado, mas eu não quero.

— Sei que você está triste por causa da Ana Maria, mas não fique assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não me conformo que ela prefira aquele louco a mim. Um dia a Ana Maria ainda vai se arrepender de ter me rejeitado. Mais cedo ou mais tarde aquele gay irá trocá-la por outro homem e então ela verá que eu tenho razão! — declarou convicto e nervoso, com o coração cheio de raiva.

— Não fale assim! O Diego é uma boa pessoa — ela defendeu-o.

— Por favor, não defenda aquele cara perto de mim! — exclamou furioso.

— Esqueça um pouco isso e vamos para minha casa. Lá podemos nos distrair. Admita, minha companhia não é tão ruim assim — ela tentou convencê-lo.

— Eu agradeço o seu convite, mas eu prefiro ir para minha casa e ficar sozinho — ele concluiu friamente, saindo em seguida.

Com um olhar triste e desconsolado, Celenia acompanhou a saída de Eric. Continuou ali sentada,
PERIGOSAS ACHERON

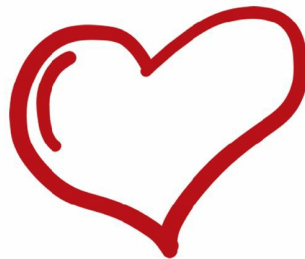
PERIGOSAS NACIONAIS

sozinha. Foi sua vez de abaixar a cabeça e se perguntar por que as coisas tinham que ser daquela maneira.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo

7



Ana combinara com Irma, de levar as crianças para passarem um dia com Tereza. Assim eles poderiam se distrair um pouco.

— Está indo aonde, minha filha? — Giulio perguntou, sério.

— Pensei que Egisia tivesse avisado. Combinei com a dona Irma de levar as crianças para passarem o dia com a Tereza hoje. Elas precisam brincar e se distrair um pouco com outros amiguinhos da sua idade. Bem, estamos indo para lá agora. Antônio nos levará de carro, e voltaremos no fim do dia. — explicou-se.

— Vai ficar o dia todo lá? — perguntou desconfiado.

— Ora, pai, mas é claro que sim! Vou ficar lá com as crianças. A não ser que a Celenia me convide para ir a algum lugar com ela. Mas não pretendo me ausentar. Certifico que no fim do dia já estaremos de volta, não se preocupe. Vamos crianças, digam tchau para o tio Giulio.

— Tchau, tio Giulio — elas disseram.

Giulio Spezzato já não era mais o mesmo com sua filha. A frieza e rudeza com que ele a tratava, demonstrava a sua raiva e rancor causados por ver sua única filha namorando um marginal. Sim, ele se sentia um pai traído. Mas ainda tinha esperança de fazê-la enxergar o erro que estava cometendo.

Irma recebeu Ana e as crianças com muita gentileza. Tereza já estava com os brinquedos preparados para iniciar a diversão com Liza e David, que inclusive aproveitaram muito aquele

PERIGOSAS ACHERON

dia.

Uma coisa incrível acontecera; Cristiano descobrira que não era mais apaixonado por Ana Maria. Sim, ele ainda gostava dela, mas dessa vez era só um sentimento de amizade. Descobriu que seu antigo sentimento foi apenas uma paixão passageira. Agora, aos seus catorze anos, ele enfim concluía que estava apenas começando a conhecer a vida.

Os meses seguiam tranquilos em Roma e o calor daquela estação estava indo embora. Diego começou a ter estranhos comportamentos diante de sua amada. Parou de ir às missas aos domingos, para começar. Sempre inventava uma desculpa para não ir, tinha crises de raiva e impaciência diante de seu anjo tão amado. Esse anjo, por sua vez, com

PERIGOSAS NACIONAIS

muita paciência procurou compreender a fase difícil de seu querido rapaz e mesmo assim permanecia ao seu lado, suportando tudo. Afinal eles se amavam e com certeza ela acreditava que esse amor seria eterno.

Em determinada noite, Lucio convidara Diego para ir a uma festa em um lugar não muito respeitado da cidade. Tudo foi arruinado ali, pois esse foi o ponto de partida para que o rapaz se desvirtuasse e errasse novamente! Todos aqueles dias em que a sua amada brasileira passara tardes e tardes ensinando-lhe os evangelhos e os preceitos bíblicos foram por água abaixo, simplesmente jogados no lixo, junto com o amor que ela havia lhe dedicado. Tudo em vão!

Mas ela ainda não sabia o que estava acontecendo, pois na sua ainda um tanto quanto infante mentalidade, aquele rapaz também a amava. Talvez ele ainda até a amasse no fundo da sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alma, porém a força da luxúria era mais forte na mente e no coração dele. Sendo assim, ele preferiu deixá-la.

Já fazia duas semanas que Ana não conseguia falar com Diego. Ele não atendia mais aos seus telefonemas e não a procurou mais, simplesmente se afastou sem que ela soubesse por que. Foi algumas vezes no beco onde ele morava, mas ele nunca estava em casa.

Ela também foi à loja, mas naquele dia disseram que ele estava de folga. Mas Ana não desistiu de saber o que estava acontecendo e mais uma vez foi até a viela tentar falar com ele. Eis que neste dia ela o encontrou. Diego estava quase saindo de moto quando ela o abordou muito espantada por vê-lo fumando um cigarro.

PERIGOSAS ACHERON

— Diego, meu amor! Eu vim falar com você. O que está acontecendo? Você está fumando! Não faça isso, joga fora esse cigarro. Vai fazer mal para você! Você está bem? Está tomando os medicamentos corretamente? Estou preocupada. Afinal, você é meu namorado.

Ele terminou de fumar o cigarro, jogou o resto no chão e, em seguida encarou-a.

— Eu precisava mesmo falar com você, Ana Maria. É o seguinte, eu descobri que religião não é coisa para mim. Essa vida de moço certinho não combina comigo e tem mais: eu sou gay mesmo, acho que esse é o meu destino. Estou até gostando de um rapaz! O meu namoro com você acabou! Desculpe opor eu não ter te procurado antes pra terminar tudo. — concluiu de forma cruel.

Naquele momento a pobre donzela não sabia o que pensar, nem o que dizer, pois ela não conseguiu acreditar que as palavras pronunciadas por seu

PERIGOSAS ACHERON

eterno amado eram verdadeiras.

— Mas o que você está me dizendo? Você só pode estar maluco! Isso não pode ser verdade. Diego, pare de dizer essas bobagens. Já sei, você andou com más companhias, não é mesmo? Eu não acredito nisso! Você não pode estar falando sério! — indignou-se arrasada.

— Pois acredite! Adeus! E saia da minha frente, eu não quero ver você nunca mais! Eu quero esquecer que você existe. Adeus — Diego concluiu, saindo de moto em seguida.

Ela permaneceu ali paralisada por alguns instantes. Sua visão embaçou, sentiu uma leve tontura e um peso enorme sobrepondo-se em sua cabeça. Com muita dificuldade, se dirigiu até a avenida e tomou um táxi que a levou até em casa. Ela entrou correndo em seu quarto, jogou-se na cama e começou a chorar desesperadamente, como jamais chorara antes! Pela primeira vez ela sentia a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dor que traz o amor.

Não! Na sua mente de donzela não entrava a razão pela qual aquele rapaz que ela tanto amava teve coragem de dizer todas aquelas coisas horríveis. Meses atrás, ele lhe fazia juras de fidelidade e amor eternos, era o mais romântico de todos os cavalheiros. Para o espanto de todos, se transformara no mais virtuoso dos homens.

E agora? Ele regredira ao seu estado inicial. Não! Aquele amor que ela sentia não poderia ser só uma simples ilusão, tampouco uma paixãozinha qualquer. Sua alma lhe dizia que era amor de verdade. Sua alma sentia que sem sombra de dúvidas Diego também lhe amava de verdade, apesar da insana atitude que tivera naquele dia. Ela só não compreendia por que ele estava agindo daquela maneira. AMOR! AMOR! AMOR! Que palavra dolorosa! Mortal para os corações desiludidos!

PERIGOSAS ACHERON

Para seu próprio bem, Ana decidiu que não procuraria mais Diego e que, daquele momento em diante, nem mesmo falaria o nome dele, mesmo que sofrendo. Prontamente comunicou sua decisão a seu pai, iniciando a conversa com a frase que a humilharia naquela mesma hora: pai, o senhor tinha razão. O Diego não merecia o meu amor, ele me enganou! Isso foi mais que o suficiente para ele comemorar a sábia decisão da filha.

Ele disfarçou a sua alegria em ouvir a notícia, pois afinal de contas sua filha estava sofrendo. Procurou consolá-la dizendo que aquilo seria o melhor para ela e que mesmo que no momento tudo parecesse muito trágico, no futuro ela respiraria aliviada por aquilo ter acontecido. A vida tem os seus mistérios e talvez Diego tivesse usando-a mesmo, como um remédio para curar sua solidão. Mas isso não faria a menor diferença; remédio ou não, o amor dele por ela era uma certeza

PERIGOSAS ACHERON

inacabável.

No fundo da alma dele, o amor permanecia ainda que um tanto adormecido pelos obstáculos da vida. Talvez tenha ficado com medo de amar e encontrou com esse afastamento a melhor maneira de fugir do futuro provavelmente difícil que o esperava. Em outra hipótese, ele pode até ter feito isso para poupar seu amado anjo do sofrimento futuro que certamente seria mil vezes maior que o sofrimento presente. Fosse qual fosse a razão para Diego ter abandonado a mulher que ele tanto amava, a verdade era uma só; ela estava com seu coração e alma em pedaços.

Nada melhor do que desabafar as mágoas com a melhor amiga.

— O pior de tudo foi vê-lo fumando de novo. Eu não me conformo com isso. Ele está se matando aos poucos. Eu aceito tudo, até que ele me troque por outro homem, mas eu não aceito que ele me

PERIGOSAS ACHERON

troque por um maço de cigarros nem que acabe com a saúde dele, o doutor falou pra ele parar de fumar por causa do tratamento! — declarou convicta, engolindo o choro de raiva.

— Sinceramente ele não te trocou pelo cigarro. Ele te abandonou porque ele não te ama de verdade. O Diego não merece o seu amor. Esqueça esse rapaz e dê uma chance, quem sabe, para Eric. Ele te ama tanto! — aconselhou-a.

As crianças estavam quase voltando para a Sicília, mas acabaram tendo que ficar por mais tempo do que imaginavam. A doença de seu pai era séria e já estavam em Roma há pouco mais de um ano. David e Liza pareciam já ter se adaptado à vida romana.

Era fim de tarde. David passava pelo corredor e Ana estava no quarto, a porta estava entreaberta. O

PERIGOSAS NACIONAIS

garoto notou que ela estava cabisbaixa, sentada na beira da cama, pensando em sua desilusão. Lentamente ele foi entrando no quarto e sem que ela percebesse sua presença, ficou olhando-a de frente.

— Prima, você está triste? O que aconteceu? — ele questionou-a com sua inocência infantil.

— Ah, David, você está aqui. Nem reparei — disse com voz desconsolada.

— Está triste? — ele insistiu.

— Não, não é nada disso. Só estou pensando — tentou disfarçar sua aflição.

— Prima, o que é AIDS? — David perguntou curioso.

— Por que está me perguntando isso? — questionou espantada com a pergunta repentina.

— Porque eu ouvi você dizer para o tio Giulio que não podia mais ficar com o Diego porque ele tem AIDS — respondeu sinceramente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Querido, AIDS é uma doença sem cura e perigosa.

— E você não pode ficar com ele só por causa disso? Meu pai também está muito doente, mas ele e minha mãe não vão se separar por causa disso — revelou sua ingenuidade.

— Eu sei, mas não é tão simples assim. No meu caso e do Diego é diferente porque além de tudo meu pai não quer que fiquemos juntos. Mas será melhor assim. Estarmos longe um do outro fará com que descubramos a verdade sobre nossos sentimentos — ela concluiu a conversa.

Abraçaram-se, um consolando o outro. Essa foi uma situação inesperada, pois Ana Maria jamais imaginara que seria abordada por seu primo menor com uma questão tão constrangedora e dolorosa.

PERIGOSAS ACHERON

Longos meses se passaram desde que as crianças voltaram para a Sicília e Ana Maria se afundara na depressão por causa de Diego. Passou o natal, o inverno e chegou a primavera triste e desconsolada, com um coração destruído pelo desamor. Ela não sentia mais vontade de tocar piano, nunca mais tocou Per Amore. As músicas românticas perturbavam a sua mente. Às vezes, enquanto passeava de carro pelas ruas romanas, ela avistava Diego de longe passando na rua e disfarçava, fingia que não o via. Mas de noite, deitada na cama, relembrava a cena e desabava em lágrimas. Suas notas na faculdade se tornaram cada vez mais baixas.

No fundo, ela ainda tinha esperança, pois Eric lutaria com todos os esforços para alegrá-la e conquistar seu coração. Não queria saber de notícias de Diego. A última vez que o vira ele estava horrível, muito magro e cheio de piercings

PERIGOSAS NACIONAIS

no rosto, digno de lástima. Celenia encontrava-o frequentemente por acaso e acabava conversando com ele, mas fora advertida pela melhor amiga a não pronunciar o nome dele e nem mesmo falar sobre suas conversas com o traidor.

Houve um dia que não foi possível Celenia manter-se em silêncio.

Na saída da faculdade era costume Ana Maria e Celenia estarem juntas. Elas sempre conversavam um pouco até cada uma entrar em seu carro e ir para casa. Naquele dia, Celenia estava mais séria, com uma expressão de quem tinha algo para contar.

— Amiga, sei que você não vai gostar, mas eu preciso lhe dizer...

— O que há? Reparei mesmo que está querendo me dizer alguma coisa. Vamos, diga logo, o que é?

— Ana pediu curiosa.

— Ontem no fim da tarde, eu encontrei o Diego por acaso, lá perto do Vaticano.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah não! Você sabe muito bem que eu não quero saber nada sobre ele! Por favor, me poupe dessa sua informação! Eu já estava esquecendo que ele existe — afirmou convicta e indignada.

— Eu conversei com ele. O Diego apanhou na rua. Foi espancado por uma gangue de neonazistas durante a madrugada, já faz alguns dias. Ele foi visto de mãos dadas com outro homem. Ainda está com o olho roxo e escapou por sorte. Na hora alguém passou de moto e chamou a polícia. Só achei que deveria saber — preferiu as terríveis palavras diante de uma Ana Maria estupefata.

Ao ouvir essas palavras pronunciadas por sua melhor amiga, a pobre menina rica arregalou os olhos, que começaram a lacrimejar. Ficou muda, seu coração acelerou. Aquilo era como facadas de angústia atormentando sua alma.

Não, a donzela desiludida não proferiu uma só palavra em resposta à trágica notícia que acabara de

PERIGOSAS ACHERON

receber. Nem mesmo se despediu da amiga. Simplesmente entrou no carro e foi para casa, sentindo uma raiva imensa mesclada ao desgosto. Adentrou o edifício Gran Prezzo, dessa vez sem dizer nem um obrigado ao seu motorista, como era de praxe.

Com fúria, adentrou seu apartamento e foi direto para o quarto. Jogou os livros no chão, trancou-se no banheiro, se ajoelhou no chão e começou a chorar sem parar. Chorou de raiva, de agonia e de desespero por ter recebido aquela notícia cruel. Com voz trêmula, ela balbuciou, lamentando-se: “Se ele estivesse aqui, do meu lado, isso não teria acontecido.”

Naquele momento o consolo não existia. A indignação e a tristeza eram lanças de aço cravadas no coração da jovem donzela.

Os dias se passavam cada vez mais frios para os sentimentos de Ana. Aquela moça radiante e alegre

PERIGOSAS ACHERON

que chegara a Roma há pouco mais de dois anos já não existia mais. Pensamentos ruins e negativos dominaram a sua mente e frequentemente ela tinha pesadelos sobre Diego. Todos perceberam essa grande mudança nela.

Celenia enfim conformara-se em não ter o amor de Eric. Sim, ela ainda chorava toda vez que ouvia no rádio a música Incancellabile, mas depois enxugava as lágrimas e seguia em frente. O amor é um dos sentimentos mais complicados enfrentados pelos seres humanos, pois a falta dele ou seu excesso podem prejudicar a vida em todos os seus aspectos e possibilidades.

A luz do sol brilhou sobre a fronte de Diego. O rapaz havia se arrependido de ter abandonado Ana. Procurou-a e tentou falar com ela de todas as

maneiras, mas não conseguiu. Nas vezes em que a esperara na saída da universidade ela não foi e ir até a casa dela era algo totalmente fora de cogitação. Telefonar?

Nem pensar! Primeiro porque ela mudara seu número de telefone, depois porque com certeza Ana se negaria a falar com ele. Assim, a única alternativa desse rapaz arrependido foi continuar tentando encontrá-la na saída da universidade. Em vários dias de busca ele não teve sorte. Não encontrou Ana Maria, mas conseguiu cruzar com Celenia, que poderia lhe informar o paradeiro de sua amada.

— Celenia! — ele chamou-a, se aproximando.

— Diego, que surpresa, você por aqui!

— Celenia, onde está Ana Maria? Há tempos tento encontrá-la, mas não a vejo.

— O que você quer com ela?

— Quero pedir perdão. Eu a amo. Nunca deveria

ter feito o que eu fiz — justificou-se.

— Ana Maria não veio hoje, mas tenho certeza de que ela não quer nem olhar para sua cara. Fique longe!

— Por favor, me diga onde posso encontrá-la. Preciso falar com ela. Preciso que ela me perdoe — suplicou.

Ela hesitou por alguns instantes. Não queria que sua amiga sofresse, mas sabia que Ana o amava.

— Está certo, você me convenceu. Mas duvido que ela queira falar com você. Ela estará na Biblioteca do Vaticano fazendo pesquisas. Procure-a por lá amanhã depois do horário de almoço — entregou a informação.

— Obrigado, muito obrigado! — ele agradeceu entusiasmado, beijando o rosto da amiga.

No dia seguinte lá estava ele, Diego, profundamente arrependido, indo pedir perdão à sua amada, ao seu anjo. Mal podia esperar chegar à

PERIGOSAS ACHERON

tarde para ir ao encontro dela.

Com uma história de drama e amor, Diego conseguiu convencer o guarda da Biblioteca do Vaticano a deixá-lo entrar para falar com a sua amada. Certamente, ela não iria ao encontro dele lá fora. Diego foi levando consigo um buquê de flores.

Por entre as estantes repletas de livros, foi surgindo aquele rapaz magro, com piercings por todo o rosto — sobrancelha, nariz e orelha. Procurou-a ao redor das mesas, entre os estudantes e, de longe, avistou-a concentrada em seus estudos, sentada sozinha em uma mesa do canto. Ele foi se aproximando até que estivesse diante dela.

— Ana Maria.

Ela assustou-se, ergueu a cabeça e quase não acreditou no que via.

— Diego, o que você está fazendo aqui? Como conseguiu entrar? Essa é uma sala reservada para
PERIGOSAS ACHERON

os estudantes! O que quer?

— Eu vim até aqui para falar com você. Quero te pedir perdão. Preciso que me perdoe. Eu te amo, sempre te amei. Fui um idiota, eu errei, mas estou arrependido de todo o mal que eu cometi contra você. Eu te ofereço essas flores como símbolo do meu amor. Descobri que eu te amo de verdade, sem dúvida nenhuma! — declarou, ofertando-lhe as flores.

Ela mal podia acreditar naquilo que presenciava. Era muita ousadia, desaforo e a falta de vergonha da parte daquele rapaz procurá-la e ainda pedir o seu perdão como se nada tivesse acontecido. O coração daquela moça acelerou de raiva, seus olhos se arregalaram de nojo ao ver aquele rapaz desfigurado diante si.

Sem pensar nem mais um minuto ela levantou-se da cadeira, se pôs frente a frente com Diego, mantendo uma distância segura, e começou a falar:

— Não tem vergonha nessa sua cara?! Diego, você é mesmo muito ridículo. Destruiu o nosso amor, trocou-o por uma vida louca e amigos que querem mais é te ver morto. E depois de tudo isso que me fez sofrer ainda acredita que vai conseguir se redimir com um simples buquê de flores? Você me desprezou e não valorizou tudo que fiz. Olhe-se no espelho, você está horrível! Como tem coragem de me procurar com esse seu rosto cheio de piercings?! Vá embora daqui agora mesmo, não quero te ver nunca mais. Quero esquecer que você existe. Sim essa é a minha vontade, esquecer que você existe! — concluiu sem piedade e com o coração cheio de mágoa.

— O quê? Você não vai me perdoar? Sei que você me ama! Não faça isso! — ele exclamou quase gritando.

— Fale baixo, não grite! Você está em uma biblioteca sagrada! — advertiu-o.

— O que isso me importa?! — indignou-se.

— Vá embora e me deixe em paz. — ela encerrou a conversa sentando-se novamente a mesa, continuou sua leitura.

Diego se retirou furioso daquele lugar, quase derrubando as estantes de livros pelo caminho. Sim, ele estava completamente transtornado e se antes ele não frequentava as bibliotecas, agora é que ele não frequentaria mesmo. Pretendia não entrar ali nunca mais. Na saída, enquanto descia as escadas, ele espatifou o pobre buquê de flores, que teve suas pétalas espalhadas pelos degraus.

Ela, por sua vez, respirou fundo. Ainda estava um pouco tonta. Assim ela recobrou suas forças e aparentemente tranquila retomou sua leitura, com a certeza de que havia feito a coisa certa.

Foi assim que mais uma vez eles se separaram, pelo menos fisicamente. Porque no fundo eles não paravam de pensar um no outro. Às vezes até de

PERIGOSAS ACHERON

maneira inconsciente eles mantinham a imagem um do outro na cabeça.

Já dizia o bom e velho ditado; nada melhor do que um novo amor para esquecer um antigo amor. Com o passar dos meses Ana Maria parecia estar esquecendo Diego e, se não estava, fingia muito bem. Sua amizade com Eric se tornara mais intensa. Ele era jovem, rico e inteligente. O genro perfeito para Giulio.

Eric passou a frequentar a casa da família Spezzato quase que diariamente. Os dois saíam juntos para jantar ou ir ao cinema, essas coisas de jovens que estão se conhecendo.

Era uma daquelas lindas manhãs de domingo ensolaradas de um típico dia do verão europeu. O céu estava muito azul e as flores coloridas. O sol

brilhava forte e, como de costume, Ana Maria foi à missa. Surpreendeu-se ao ver Eric por lá. Após a missa, tal qual era de praxe, ela sentou-se por alguns minutos nos degraus da escada da entrada da Basílica. Naquele momento, ela pensava e refletia sobre sua vida, admirando a paisagem e as pessoas ao seu redor. Abriu a Bíblia e leu alguns versículos. Tão introspectiva estava em sua leitura que nem percebeu quando Eric se aproximou e sentou-se ao seu lado.

O rapaz estava em trajes dominicais; camisa social branca, gravata vermelha e sapato preto, um verdadeiro príncipe. Já Ana Maria, vestia uma blusinha azul jeans com botões na frente, saia de seda preta até os joelhos, meia-calça e sapatos pretos. Seus cabelos soltos ao vento davam o toque final à cena.

— Lendo a Bíblia? — ele perguntou depois de sentar-se ao lado dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh Eric, é você. Nem percebi quando se sentou ao meu lado — ela afirmou, com um tom de voz suave.

— Vim devagar para lhe fazer surpresa. Espero não atrapalhar a sua leitura.

— Não, eu já estava terminando. Realmente estou surpresa em encontrá-lo aqui — esclareceu, fechando a Bíblia.

— Para falar a verdade, não costumo frequentar a missa. Afinal, não sou católico, meus pais são protestantes. Minha mãe era católica, mas ao se casar com meu pai se converteu ao luteranismo. Vim mesmo porque sabia que você estaria aqui, para lhe fazer companhia. E claro, fazer uma surpresa — explicou-se.

— E conseguiu me surpreender, vindo até a Igreja só para me ver! Obrigada — agradeceu-lhe.

— Hoje o dia está tão lindo. O céu está azul, o sol brilha forte, os pássaros cantam e eu quero tirar

PERIGOSAS ACHERON

uma foto com você agora, Ana. Eu trouxe aqui comigo minha câmera fotográfica — ele declarou sorridente.

— Quer uma foto comigo aqui mesmo na escada?

— Sim, Ana, aqui mesmo na escada. Ei, você poderia tirar uma foto minha com minha amiga? Aqui está a câmera — pediu a um homem que passava pelas escadas da Basílica.

— Sorriam para a câmera — o homem disse, tirando a foto.

Sorriram e assim nasceu aquela foto de Eric e Ana Maria sentados juntos, nas escadas.

Depois desse encontro na Basílica houve um passeio na Pinacoteca Capitolina e no decorrer daquela semana muitos outros ainda iriam acontecer. Ele estava eufórico para rever os quadros de Caravaggio. Desde que iniciara o ano ainda não estivera lá. Decidido a conquistar de vez o coração de sua amada, ele iniciou conversas sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

arte e seus artistas, enquanto adentravam a pinacoteca.

Na sala de Santa Petronilla, eles se maravilharam ao verem os quadros do famoso pintor:

— La Buonaventura e San Giovanni Batista! Ele realmente era um grande artista — ela disse, contemplando os quadros.

— Sim, Caravaggio era o mestre da arte, tinha ousadia — ele afirmou enquanto admiravam as pinturas.

Houve um instante de silêncio, onde somente os dois estavam na sala. Eric e Ana ficaram apenas se olhando, frente a frente. E ali naquela sala, diante dos quadros, eles se beijaram. Sem vontade, ela retribuiu aquele beijo que não teve graça, não teve emoção. Suas almas não se uniram em uma só.

Eric, sem constrangimento, sugeriu:

— Vamos sair daqui.

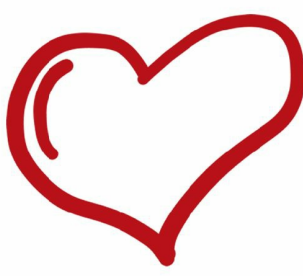
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo

8



Ana Maria não amava Eric, mas sentia por ele um carinho especial e certa simpatia que faziam com que ela sentisse vontade de ficar perto dele. Sim, ela decidiu dar-lhe uma chance e assim começou a namorá-lo.

Ele estava na casa dela, depois de passarem uma tarde deliciosa passeando, aproveitando seu primeiro dia de namorados. Era mais ou menos umas oito horas da noite quando ele fez um pedido para sua namorada.

— Gostaria que fôssemos até a sala de música e que você tocasse para mim “Angel”.

Surpresa com o pedido a princípio deduziu ser muito fácil realizá-lo.

— Sim, mas é claro que toco para você essa linda canção. Vamos até a sala de música. — respondeu com segurança.

Ana sentou-se sorrindo diante do piano. Aquela seria a primeira vez que tocaria em particular para Eric. Tocara outras vezes, mas nunca sozinha com ele.

Seus dedos começaram a tocar as teclas e o som da música surgiu. Os olhos daquele jovem americano brilhavam de emoção. Mas conforme as mãos delicadas daquela donzela formavam as melodias, seus olhos foram se enchendo de lágrimas, pois naquele momento ela lembrou-se de que tempos atrás, naquela mesma sala, ela tocara uma música para alguém pela primeira vez. Sim, tocara sua música preferida para Diego, o rapaz que amava de verdade. E não foram só as lágrimas que

PERIGOSAS ACHERON

começaram atrapalhá-la; o rosto de seu amado surgiu em sua mente com tal intensidade que seu coração parecia estar no meio de um furacão. Eric não entendia nada e achou melhor não perguntar o motivo daquele pranto.

Pensava consigo; ela deve estar emocionada com a música e com o início do nosso namoro.

Doce ilusão na cabeça desse pobre rapaz.

Alguns meses se passaram. Não muitos, uns três. Diego ia saindo do banco onde acabara de receber seu salário de vendedor de loja quando, sem esperar, encontrou Eric. Foi por destino ou por azar. O caso é que Eric, por sua vez, não poupou esforços para provocar a ira de seu inimigo número um. Foi logo proferindo suas irônicas palavras.

— Diego, você por aqui? No banco?! Como vai

você? Oh, sim, me desculpe a pergunta. Sei que não está bem... A Ana não te aceitou de volta, não é mesmo? Você perdeu, playboy. Ela agora é minha namorada.

— Eric, não seja falso. Sabe perfeitamente que você e o senhor Spezzato viviam colocando ideias na cabeça da Ana Maria para que ela me deixasse. Sempre desejaram que ela se afastasse de mim, mesmo quando estávamos juntos — Diego defendeu-se.

— Ah, é verdade! Quem foi mesmo que disse qualquer coisa a ela? Como pôde acreditar que ela te aceitaria novamente depois de tudo que você fez? Ela nunca vai ficar com você — o norte-americano esnobou convicto.

— Tem razão. Faz uma coisa, americano, fica com ela. Vocês ricos são mesmo todos iguais — Diego disse irritado, saindo dali em seguida, furioso devido aos insultos que ouvira.

O norte-americano ainda deu um risinho irônico ao ver seu rival sair dali nervoso e, em sua visão, derrotado.

Muitas vezes durante nossa vida não sabemos o que é pior: fugir do amor ou enfrentar a dor que esse mesmo sentimento pode lhe causar? Com Ana Maria não era diferente. Ela estava fugindo do amor, simplesmente por não querer enfrentar a amargura que esse sentimento já lhe trouxe e certamente lhe traria. Ela não conseguia mais se concentrar nas aulas da faculdade, nem em seus trabalhos, em mais nada! Chegou ao ponto de sua melhor amiga adverti-la:

— O que está acontecendo com você? Anda tão distraída, não sente mais vontade de fazer nada. Suas notas na faculdade estão péssimas, está quase

reprovada. O que está acontecendo?

— Vejo que não posso mais esconder. Eu estou muito mal. Completamente arrependida de não ter perdoado o Diego. Eu o amo. Fiz aquilo por raiva momentânea. Eu o amo mais do que tudo. É por isso que estou assim — revelou.

— O que está esperando? Saia já daqui e vá agora mesmo falar com o Diego. Peça perdão a ele e diga que o ama. Se não fizer isso agora você morrerá. Depois você acerta as contas com o Eric. Vá logo! — Celenia ordenou.

A garota arrependida pegou um táxi e foi direto para a loja onde Diego trabalhava. Era umas dez horas da manhã. Ela fugiu da faculdade só para fazer isso. Logo que entrou pela porta da loja, Diego já a avistara e foi direto ao seu encontro.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou, transparecendo toda sua raiva no rosto.

— Eu preciso falar com você — ela respondeu

singelamente.

Automaticamente eles se dirigiram para fora da loja, onde iniciaram a conversa.

— O que tem a me dizer? — perguntou, ainda com raiva.

— Eu sei que talvez seja tarde para me arrepender. Fui fraca e inconsequente. Sei que estou sofrendo por isso. Só Deus sabe o quanto estou penando por não ter te perdoado naquele dia. Diego, eu te amo. Perdoe-me por eu não ter te perdoado. Diante de você eu agora espero ter o seu perdão. Não suporto mais viver longe de você. Sabe o que a Celenia acabou de me dizer? Ela disse que eu estou morrendo. E estou... Tudo isso porque eu te amo e não posso ficar sem você — suplicou.

— Sinceramente não sei como eu pude amar você um dia. Sim, eu errei, errei muito quando te abandonei, mas agora eu tenho certeza que eu errei mais ainda quando fui te pedir perdão naquele dia

na biblioteca. Você preferiu o americano, pois fique com o seu americano. Ele vive se gabando, dizendo que venceu e que você é dele sempre que me encontra por acaso. Ana Maria, corra para chorar nos braços do seu namorado! Esqueça que eu existo — sentenciou sem misericórdia.

Ao ouvir essas palavras, os olhos de Ana se encheram de lágrimas. Ela deixou seu exemplar de Lisis cair no chão. Enfim sentira que perdera para sempre o homem que amava.

— Eu acho que será melhor assim — ela conformou-se, abaixando a cabeça.

Depois de mais um suspiro de desgosto ela foi para casa, no mesmo táxi que a trouxera. Diego ficou transtornado com o aparecimento de Ana na loja. Ele não esperava que ela viesse lhe pedir perdão. Sim, ele queria perdoá-la, a amava. Porém, seu orgulho ferido não permitia isso. E agora estava definitivamente sozinho, já que seu amigo Lucio

PERIGOSAS ACHERON

fora embora, fugido da polícia por ter se envolvido com um grupo de infratores.

A mente de Diego era torturada toda noite pela imagem de Ana dizendo que o amava.

Mais dois meses se passaram desde que tudo isso acontecera. Ana se recompôs e decentemente, ainda que sem vontade, sustentava seu namoro com Eric.

Em uma conversa descontraída com a melhor amiga fora informada que Cristiano partira para a França, onde terminaria seu curso colegial ao lado de sua namorada francesa.

— E pensar que um dia ele foi apaixonado por mim! — Ana exclamou sorridente para a amiga.

Sem amor, amigos ou saúde, Diego voltou a vagar pelas ruas romanas em busca de locais nos quais ele pudesse jogar.

Sim, ele continuava a trabalhar na loja, mas durante a noite mal podia se conter de ansiedade para cair no vício. Ao menos ele tivera a decência de não beber, pois sabia que isso prejudicaria ainda mais sua saúde. Agora as consequências de seus atos seriam muito mais sérias do que quando era saudável. No âmago de sua alma, tinha medo de sofrer de maneira pior, embora tentasse aparentar extrema valentia e independência. Diego não deixara de ser um ser humano por portar o vírus HIV. Mas a revolta em seu coração era explícita em suas atitudes e pensamentos. Como desejara voltar no tempo e nunca ter abandonado Ana Maria, seu único amor e seu anjo celestial. Se pudesse, com certeza faria isso.

Assim passava por várias crises emocionais. Vinha aquela vontade de beber, se drogar, mas não o fazia. Ainda havia dentro dele um pouco da luz do amor. Ninguém na vida deseja que essa luz se

PERIGOSAS ACHERON

apague. Entretanto, se ela, por uma infelicidade, começar a querer se apagar, podemos lutar para que continue acesa, mesmo que isso seja difícil e cause sofrimento. Porque é melhor sofrermos um pouco do que não ter nenhum pouco desse sentimento chamado amor.

No ápice de um de seus momentos de crise emocional, Diego saiu da loja nervoso. Subiu em sua moto e seguiu sem rumo pelas ruas romanas. Com sua mente perturbada, ele passava pela movimentada Viale Castro Pretório quase sem consciência do que fazia. Por fim, entrou na contramão. Perdendo totalmente o controle de sua motocicleta, Diego se chocou contra um caminhão que fez sua moto e seu pobre corpo serem lançados longe naquela avenida. Todo o trânsito parou no mesmo instante e tudo se tornou um verdadeiro caos de pessoas aglomeradas. Com a chegada da polícia, a confusão e a multidão de curiosos só

PERIGOSAS ACHERON

aumentou.

Coincidentemente ou não, toda essa tragédia acontecia exatamente nas proximidades da Biblioteca Romana, onde exatamente naquela hora Ana Maria e Celenia concluíram seus estudos de pesquisas. Após uma longa tarde de leituras, as duas amigas saíam da biblioteca quando puderam avistar ao longe uma aglomeração de pessoas na avenida. Era uma mistura de polícia e curiosos, uma verdadeira bagunça!

— Mas o que está acontecendo ali? Que confusão é aquela na avenida? — Ana questionou-se ao lado da amiga.

— Ora, só indo até lá para sabermos. Vamos! — sugeriu.

Como se algo a atraísse, sem mesmo olhar para os lados, Ana Maria dirigiu-se ao local do acidente. O coração dela foi acelerando como se já estivesse pressentindo uma notícia ruim. Quase não piscou e

sua respiração tornou-se ofegante. Finalmente chegou a avenida. Sem pensar em mais nada foi pedindo licença para passar. Ninguém entendia mais nada do que realmente acontecia naquele momento.

Aquela donzela desejou ser cega naquele instante em que seus olhos contemplaram o local do acidente e o acidentado. Sim, ela viu o que jamais imaginara: Diego jogado no chão com sua face e corpo ensanguentados, bem próximo da sua motocicleta esmagada. Ao motorista do caminhão nada havia se infligido a não ser uns dois arranhões na testa por causa da freada que dera.

— Meu Deus, é ele mesmo. É o Diego! — Ana exclamou aterrorizada. Com seu corpo trêmulo, ela deixou os livros e cadernos caírem no chão e começou a chorar sem parar. Não sabia o que fazer.

— O que aconteceu? — gritou desesperada, ajoelhada diante de Diego jogado no chão e coberto

de sangue.

— Ele entrou na contramão. Praticamente se jogou diante do meu caminhão. Tentei evitar, mas não pude. Deve estar bêbado — disse o motorista.

Naquele instante de desespero a ambulância chegou. Os paramédicos afastaram os curiosos e ela, fizeram os primeiros socorros e imobilizaram a vítima. Ao conduzirem Diego para a ambulância, Ana Maria os seguia gritando:

— Cuidado com ele! Ele é soropositivo!

Foi a preocupação que dominou a sua cabeça naquele instante trágico. Celenia, por sua vez, nada fez. Permaneceu imóvel ao testemunhar aquela cena tão chocante que abalara profundamente a sua alma.

Ana Maria queria ir junto à ambulância, o médico questionou-a:

— A senhorita é parente da vítima?

— Sou irmã dele! — ela respondeu na hora do

desespero e do medo de não a deixarem entrar.

Já na ambulância a caminho do hospital, ela explicou tudo à equipe médica sobre a doença de Diego. No hospital, ela repetiu toda a explicação ao doutor Bocelli, médico de plantão na emergência no hospital.

A dor que ela sentia era maior do que as palavras podem expressar. Em Roma, ela começou a conhecer a vida e ali ela presenciou seu grande amor jogado no chão, ensanguentado. Seu amor transpareceu de maneira explícita e inegável diante deste acontecimento.

Na sala de espera, a ansiedade por notícias sobre o estado de Diego consumia a alma dela. Foram horas de tortura à espera de palavras que pudessem ao menos acalmar seu coração.

Enfim o doutor Bocelli estava diante dela, preparado para lhe dar um parecer.

— Então, doutor, como ele está? Vai sobreviver?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acalme-se senhorita. Você disse que é parente do paciente?

— Sim, sou. Quero dizer, doutor, eu sou apenas amiga dele, a única pessoa que ele tem nesse mundo. Ele é órfão e não tem família. Não tem ninguém a não ser eu — respondeu, derrotada.

— Senhorita, seu amigo sobreviverá. Mas precisará de muito apoio e consolo para seguir em frente. Ele está paraplégico e sendo soropositivo terá que ficar internado aqui no hospital por algum tempo até se recuperar e poder voltar para casa.

— Meu Deus, paraplégico?! O que será dele agora?

— Os exames mostram que a paraplegia dele não é permanente. Com um bom tratamento ele poderá voltar a andar em dois anos, talvez. Ele acaba de ser operado e está na UTI. Até o presente momento, tudo é incerto. Faremos novos exames assim que ele estiver em condições — o doutor explicou.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, doutor — agradeceu desconsolada, sentando-se novamente.

Os dias seguintes foram os piores. Ela terminou o namoro com Eric, pois tinha certeza que não era justo continuar um relacionamento com uma pessoa que ela não amava. Em casa não contara a ninguém sobre o acidente, somente ela e Celenia sabiam que Diego estava internado no hospital.

Na noite do acidente, ao chegar em casa, Ana Maria foi direto para o quarto e se jogou em sua cama, chorando muito. Em seguida ajoelhou-se na beira da cama e orou de mãos cruzadas:

— Meu Deus, por que o Senhor deixou isso acontecer com o Diego? Ele não merecia tanto sofrimento. Agora ele está paraplégico. É um castigo para ele? Ou para mim? Mas o que eu fiz de

tão ruim para merecer isso? Eu sempre me esforcei para cumprir todas as leis da religião, inclusive as mais difíceis.

Ela soluçava enquanto orava, engolindo as lágrimas que corriam pelo seu rosto, tais quais correm intensas as águas das grandes cachoeiras. Suas noites seguintes também não foram as melhores. Ela nem conseguia dormir, pois passava a madrugada pensando em como contaria a seu pai que seu amigo acidentado era na verdade Diego. Sim, ele questionara a filha durante aqueles dias e ela respondia que era um amigo da faculdade. Muitas outras ideias já se passaram pela cabeça daquela mulher confusa, mas havia uma pergunta que não saía de sua mente: quem cuidaria de Diego depois que ele saísse do hospital? Ele não tinha família, nem amigos.

Ana Maria era a única pessoa que lhe restara no mundo. Essa já não era mais uma questão

sentimental, era uma questão de humanidade. Era exatamente isso que ela faria. Sim, ela decidiu vender suas coisas de maior valor, alugar uma casa num bairro simples romano e lá cuidar de Diego pelo tempo que ele precisasse. Não, ela jamais deixaria Diego aos cuidados de um asilo para inválidos, muito menos aos cuidados de um enfermeiro ou enfermeira estranhos, ele precisava ter ao seu lado alguém que o amasse.

Obviamente que seu pai jamais aceitaria isso, mas essa já era uma questão acertada por Ana Maria. Certamente ela perderia o respeito dele, porém essa moça tinha a liberdade de escolha e já era adulta e nada poderia impedi-la de fazer isso. Aquela moça doce que jamais faltara a uma missa, a partir dali seria mal falada por muitos e apoiada por poucos, ou talvez por ninguém.

Sem que seu pai soubesse, ela vendeu suas coisas e joias de maior valor. Vendeu até mesmo o seu

PERIGOSAS ACHERON

piano, que foi retirado do apartamento quando Giulio não estava lá. Ela teve ainda a ajuda dos empregados da casa que juraram manter sigilo até que ela mesma conversasse com seu pai sobre isso.

Faltava pouco para ter a conversa definitiva com ele, mas antes dessa conversa, decidiu mudar um pouco a sua aparência. De repente, ela sentiu vontade de mudar alguma coisa em si como uma maneira de expressar e exteriorizar todas as mudanças que aconteciam em sua vida naquele momento.

Ana Maria cortou seus cabelos, não muito curtos, na altura das orelhas. Assim passou a usar o estilo Chanel. O pai já notara que a filha começara a ter estranhos comportamentos desde o atropelamento de seu amigo. Quando a viu com o cabelo cortado tão curto estranhou ainda mais, pois seus cabelos compridos sempre foram o símbolo e a lembrança de sua amada esposa falecida. Eric era outro que

PERIGOSAS ACHERON

não se conformava com o fim de seu relacionamento com sua amada brasileira. Já sabia que Diego era o acidentado, mas não tinha ideia de quais eram os planos dela.

Incrivelmente, ela e o americano romperam até mesmo a amizade que outrora tinham, justamente por causa do fim do namoro. E a mente dele era constantemente atormentada pela triste realidade de não ser amado pela mulher que ele tanto queria.

Ana Maria adentrou o edifício administrativo da empresa de seu pai. A secretária Paola anunciou a Spezzato a chegada de sua filha ali. Muito surpreso, ele recebeu-a.

— Minha filha, entre! Que surpresa vê-la por aqui. Pensei que estivesse na faculdade. Aconteceu alguma coisa? — perguntou já desconfiado.

— Sim, pai, aconteceu. Eu vou direto ao assunto. Sabe aquele meu amigo acidentado que lhe contei?

— Sim, sei. Como eu não saberia? Você não sai

daquele hospital.

— Pai, o meu amigo acidentado não é um colega da faculdade. Meu amigo acidentado é o Diego. Ele está paraplégico e vai continuar nessa condição por um tempo longo. Ele está sozinho, não tem família ou amigos, não tem ninguém.

— Eu lamento. Mas não podemos fazer nada para mudar isso.

— Pai, eu jamais o deixaria entregue a um asilo para inválidos. O senhor sabe muito bem que eu amo o Diego e que ele me ama. Então esta manhã eu saí de casa, mudei-me para outro endereço onde vou viver e cuidar dele. Entenda que o Diego está sozinho e precisa de alguém para amá-lo e ajudá-lo a vencer esse momento difícil. Quando ele estiver curado eu voltarei para casa e para a faculdade se o senhor, pai, me aceitar de volta. Aluguei uma casa e vou pagar todas as minhas despesas com o dinheiro que consegui vendendo meus bens —

revelou tudo de uma só vez, mal parando para respirar.

Spezzato ficou paralisado diante desta absurda notícia que acabara de ouvir. Mal pôde acreditar que aquelas insanas palavras saíram da boca de sua filha. Com um tom desnorteado na voz, ele disse:

— Que absurdo é esse que você acaba de me dizer? É alguma brincadeira?

— Não, pai, não é nenhuma brincadeira. É a mais pura verdade. Vou cuidar dele porque ele precisa de mim.

— Você enlouqueceu completamente. Como foi embora de casa se ainda hoje de manhã bem cedo, antes de raiar o dia, fui até seu quarto e você estava lá dormindo, calma feito um anjo?

— Esperei você ir para o trabalho, peguei o resto das minhas coisas e fui embora. Amanhã vou falar com o Diego no hospital.

Ele ainda não está sabendo que vamos morar

PERIGOSAS ACHERON

juntos. Não disse nada a ele antes para não preocupá-lo. Adeus, pai. Vim até aqui somente para avisá-lo.

Giulio se enfureceu. Levantou-se da cadeira e, com os olhos fitos em Ana Maria declarou sem piedade:

— A partir do momento que você sair por aquela porta e se juntar àquele homem você não será mais minha filha.

— Não estou me juntando a ele. Eu vou cuidar dele.

— Você ainda pode desistir dessa ideia maluca agora mesmo. Desista de fazer isso e eu esquecerei tudo que acaba de me dizer. Contrate um enfermeiro pra cuidar dele.

— Não desistirei.

— Você não faz ideia o quanto será perigoso viver ao lado daquele homem? Eu trouxe você a Roma para estudar e não para se tornar uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

libertina e se envolver com um gay! — ele gritou com toda a raiva de sua alma.

— Adeus, pai! — despediu-se cabisbaixa.

— Não sou mais seu pai — respondeu grosseiramente.

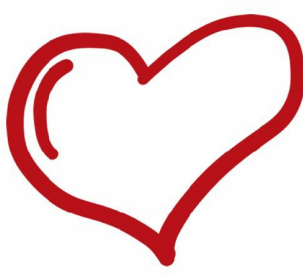
Ela retirou-se do escritório de seu ex-pai. Estava cabisbaixa e infeliz por ter sido execrada pelo seu genitor, o único que lhe restara. Agora aquela moça que antes era tão saudável e cheia de vida se tornara oprimida e órfã de pai também. Ela e Diego estavam iguais agora, no mesmo patamar dos jovens órfãos abandonados.

A notícia brevemente se espalhara e até Irma ordenou que Celenia rompesse sua amizade com a amiga rebelde.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo

9



Através da triste janela de vidro no corredor daquele gélido hospital, Ana Maria observou Diego deitado e debilitado, dormindo em seu leito. Ele já sabia que estava paraplégico... Só não sabia que sua amada era quem cuidaria de amenizar o seu sofrimento logo que ele saísse dali. Lágrimas caíram dos olhos cansados daquela pobre moça. Lentamente, ela se aproximou da porta e adentrou o quarto.

Ao abrir seus olhos Diego deparou-se com ela, seu anjo.

— Ana Maria, é você? Minha visão está um

pouco embaçada. — questionou com voz fraca.

— Sim, sou eu — respondeu com um olhar de pena.

— Está diferente, cortou o cabelo. O que faz aqui?

— Tenho estado aqui com você desde o momento em que sofreu o acidente, há muitos dias. Esperei que estivesse melhor para podermos conversar. O médico me falou que agora você já está melhor para conversar.

— Então já sabe que estou inválido?

— Sim, fui a primeira a saber. Mas o doutor disse que sua paraplegia não é permanente, em dois ou três anos poderá voltar a andar — tentou consolá-lo.

— Mas até lá o que será de mim? Com certeza me mandarão para um asilo de inválidos. Vão querer me aposentar, mas estarei sozinho — lamentou com debilidade.

— É por isso que estou aqui. Tenho algo a lhe dizer sobre isso.

— O quê?

— Eu vou cuidar de você até quando for necessário. Vendi todas as minhas coisas, aluguei uma casa decente para morarmos durante esse tempo. Não deixarei você sozinho. Já saí da casa do meu pai — surpreendeu-lhe.

— Você enlouqueceu? Isso é um absurdo. Não pode largar a sua vida por minha causa. Volte para sua casa hoje mesmo.

— Não posso. Meu pai já me deserdou, dizendo que não sou mais filha dele porque decidi cuidar de você.

Diego mal podia acreditar no que acabara de ouvir naquele momento e ousou usar todas as suas forças que restavam para ordenar:

— Peça perdão ao seu pai e volte para sua casa hoje mesmo. Ficarei bem num asilo qualquer, ou

PERIGOSAS ACHERON

então vivendo sozinho.

— Isso já não é mais possível. Eu amo você e nada mudará isso. Além do mais, você precisa de alguém ao seu lado. Será que ninguém entende? Estou fazendo isso para cuidar daquele que amo.

— Está comprometendo toda a sua vida por mim! As pessoas não terão mais respeito por você quando souberem que está morando comigo, já pensou nisso?

— Então, se é assim, podemos nos casar. Assim ninguém poderá falar mal ou nos julgar — ela sugeriu, com a mais profunda sinceridade.

— Agora você foi longe demais. Casar? Ana Maria, isso é um compromisso muito sério para você que é tão nova. Não quero comprometer o seu futuro dessa maneira tão radical. Escute, sei que você me ama, porém não aceitarei tal proposta. Se fizermos isso, seu pai nunca mais a aceitará de volta. Enfrentaremos uma guerra ainda pior do que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

já temos. Não pense que seu pai desistiu de afastá-la de mim. Espere e verá, eu o conheço e não demorará muito para que ele volte a nos atormentar e me oferecer dinheiro para deixá-la.

— Você me ama? — ela perguntou-lhe, cabisbaixa.

— Sabe que eu te amo, nunca deixei de te amar. Tudo aquilo que fiz foi uma loucura. Se eu tivesse lhe perdoado isso não estaria acontecendo agora. Acredito que agora não é um bom momento para assumirmos esse compromisso tão sério. Casamento não é uma brincadeira, entenda.

— Então, se não aceita se casar comigo não deve se preocupar com o que os outros vão dizer sobre nós morarmos juntos. Ainda estou certa de que devemos nos casar. Se tivermos que enfrentar uma guerra com meu pai por causa disso, enfrentaremos de cabeça erguida.

— Podemos conversar sobre isso depois?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas é claro. Preciso apenas que me responda; aceita que eu cuide de você e que moremos juntos?

— Eu tenho escolha? Disse-me que está desabrigada e sem família.

— Está certo. E quanto ao casamento?

— Já disse, falaremos sobre isso depois.

— Tudo bem, eu já vou. Tchau. — beijou-lhe a testa.

— Tchau — despediu-se com certo sorriso nos lábios.

Saíra profundamente deprimida daquela conversa que tivera com Diego. Sim, ela levava em consideração o estado debilitado em que ele se encontrava, mas seu coração estava partido em relação à repulsa manifestada por ele sobre o casamento.

Porém, ela só não sabia que no fundo da alma, o que Diego mais desejava era se casar com ela. Suas

PERIGOSAS ACHERON

justificativas de recusa foram verdadeiras, pois fora pego de surpresa com a proposta, mas durante o resto daquele dia ele refletiu muito sobre isso e decidiu enfrentar a guerra que compararia com Giulio por se casar com a filha dele.

No dia seguinte Ana voltou ao hospital e recebeu a notícia de que Diego já teria alta em breve. Mais uma vez ela foi até o quarto conversar com seu amor:

— Tenho uma boa notícia, enfim. Amanhã poderá ir para casa. O médico acaba de me dizer.

— Ana, eu quero te dizer que eu aceito — interrompeu-a, ansioso.

— Aceita o quê? — ela perguntou, com extrema dúvida.

— Como assim o quê? Eu aceito me casar com

você.

Ela quase não acreditou na resposta dele. Seu coração acelerou e ela não soube o que dizer. Já havia se esquecido do pedido que fizera no dia anterior.

— O que há? Está surpresa? Esqueceu-se do pedido que me fez ontem. Disse que depois conversaríamos sobre o assunto. Confesso que é uma situação engraçada para mim, pois nunca imaginei que eu receberia uma proposta de casamento no leito do hospital e para piorar inválido. Mas eu te amo, embora muitos não acreditem. Enfrentarei o ódio do seu pai. Pensei melhor na sua honra e é melhor que estejamos casados. Assim ninguém poderá nos acusar de nada.

— Providenciarei o nosso casamento no cartório civil. Tenho dinheiro para fazer tudo que precisamos.

Um semblante visivelmente triste e decepcionado dominou o rosto de Diego. Ela percebeu e logo o questionou:

— O que foi? Por que está com esse rosto triste?

— Lamento não poder lhe dar um casamento decente, na igreja, como você merece. Uma pena que eu não seja um noivo decente, que a mereça — declarou cabisbaixo.

— Não diga isso. Não me importo se o casamento será somente entre nós dois e é claro que você é um noivo decente e me merece. Pare de falar bobagens. O importante é estarmos juntos. Celenia será uma das nossas testemunhas. Ela me ajudará, tenho certeza. Eu te amo e estarei sempre com você — disse sorrindo.

Lágrimas correram pela face de Diego e Ana inclinou-se um pouco no leito e abraçou seu amado em um gesto de puro sentimento. Ele retribuiu com toda a sua força, dizendo:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado, meu anjo.

O amor é algo que não pode ser compreendido por muitos. Isso porque muitas pessoas no mundo afirmam que amam, mas na verdade nem sabem o que é este sentimento, tampouco a sua importância. Seria uma loucura a decisão de Ana Maria? Teria sido também uma loucura Diego aceitá-la? Talvez nunca ninguém saiba ou, no mínimo, não tenha a resposta para essa pergunta tão simples, mas tão difícil de ser respondida. Isso mostra que o simples, às vezes, acaba sendo o mais complicado.

No dia seguinte, cheio de decepção que sofrera por ter perdido sua filha para o mundo, Giulio estava extremamente furioso. O ódio transparecia claramente em sua face e todos já sabiam o que havia acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

Irma e Victorio ficaram chocados com a notícia, mas ela foi quem mais se indignou. Deu ordens para que Celenia se afastasse da amiga brasileira, pois Ana passou a ser considerada uma pessoa de má influência à filha.

Aquele pai cheio de razão sentiu vontade de correr atrás da filha e trancá-la em casa, mas seu orgulho ferido não permitiu que revelasse tal vontade. Afinal, ele já declarara firmemente que ela já não era mais sua filha. Dentro de si ele alimentava a seguinte ideia de que mais cedo ou mais tarde ela vai voltaria correndo para casa e pediria ajuda, ele tinha certeza. Também deu ordens a todos os empregados para jamais receberem-na novamente, nem pessoalmente nem sequer uma chamada telefônica que viesse dela.

O táxi deixou-os na via do Trastevere. A própria Ana Maria com a ajuda do motorista colocou Diego na cadeira de rodas. Ela agradeceu ao homem

gentil, que também ajudou com a mala de roupas, em seguida, conduziu seu amado amigo para nova casa, onde juntos viveriam para sempre.

Era uma casa simples, sem nada que pudesse representar o luxo, mas era digna e confortavelmente suficiente para duas pessoas que se amam viverem.

— Chegamos, meu amor. Este é o nosso novo lar. Com certeza muito melhor do que aquele lugar cinzento onde você morava na viela. — ela apresentou a nova residência a ele.

Diego observou tudo ao redor, deu um breve suspiro desconsolado e olhando fixamente para o rosto de Ana perguntou desiludido:

— Tem certeza que está fazendo a coisa certa? Não acha melhor voltar para o seu pai?

— Mas que pergunta é essa? Nós vamos nos casar! Pare de se arrepender de suas decisões corretas! Não vamos mais falar sobre isso, esqueça

meu pai! Porque eu sim pretendo esquecê-lo! Não dependo dele para viver. Tenho a herança da minha mãe. Não é muita coisa já que ela me deixou apenas um carro e umas joias. O dinheiro da venda do automóvel e das joias eu deixei guardado durante todos esses anos na minha poupança. É o suficiente para vivermos até que eu pagar minha faculdade até que consiga um emprego. Agora vamos entrar — respondeu um tanto nervosa.

O semblante pálido do rapaz doente revelou naquela hora uma fraqueza e ao mesmo tempo uma comoção pela atitude de Ana.

— Obrigado — foi tudo que ele disse.

Eles entraram. Ana mostrou os cômodos da casa e depois preparou os quartos dos dois.

— Por enquanto pode ser assim, dormiremos em quartos separados. Sei que ficaremos mais à vontade — Ana disse com sorriso sem graça.

Diego não disse nada, apenas concordou fazendo

PERIGOSAS ACHERON

sinal com a cabeça.

Ela, apesar de já estar adquirindo certa maturidade, ainda sentia-se despreparada para enfrentar tudo. Estava arriscando tudo por amor. Tinha apenas vinte anos de idade. Sua falta de experiência em certas coisas da vida era fato. Diego não era bobo e percebeu isso muito bem quando ela falou sobre os quartos separados. Com certeza ele estaria pior se agora, em seu momento de maior desgraça, estivesse sozinho. Ana Maria era o seu anjo.

Era ela que enxugaria as suas lágrimas quando a dor se tornasse insuportável, que daria seus remédios na hora certa, que o levaria ao médico, à fisioterapia... Enfim ela seria a sua cura e muito em breve sua legítima esposa.

Ninguém é perfeito neste mundo, portanto ninguém está completamente livre de maus pensamentos. E com Ana não era diferente. A sigla
PERIGOSAS ACHERON

HIV lhe causava pânico. Em sua mente isso era um verdadeiro tormento, mas seu amor era maior e por ele suportaria tudo.

Faltavam poucos dias para o casamento e a primeira semana de convivência entre os dois foi relativamente calma. Houve sim muita conversa sobre diversos assuntos, inclusive sobre o matrimônio. Uma palavra negativa saiu da boca de Ana de uma maneira inesperada por Diego e até por ela mesma. As palavras foram as seguintes:

— Diego, não se preocupe. Se nos arrependermos de tudo isso poderemos nos separar e nos divorciarmos.

De repente, ele mudou o assunto. Começou a dizer o quanto estava feliz por estarem juntos, mesmo com as dificuldades que enfrentariam.

Passava de uma hora da madrugada. Aquela noite estava tranquila. Até que Diego acordou, decidido a levantar-se. Sim, decidiu tentar ficar de pé. Talvez

PERIGOSAS ACHERON

estivesse tendo um transtorno de consciência ou naquele momento ele não quisesse aceitar a sua invalidez.

Ele acendeu a luz do abajur e por cinco minutos ficou pensando de que maneira se colocaria de pé e caminharia até o banheiro. Sua cadeira de rodas estava logo ali ao lado de sua cama pronta para lhe servir, mas ele ignorou-a completamente. Em sua mente poderia perfeitamente andar aquela mísera distância entre sua cama e o banheiro.

— Eu preciso andar. Não quero mais essa cadeira de rodas. — Diego disse a si mesmo.

Aos poucos ele ergueu o cobertor e foi se colocando a beira da cama.

— Eu vou andar, eu vou andar — dizia a si mesmo, com confiança.

Quanta ilusão! Com os braços ele ergueu o corpo, acreditando que conseguiria ficar de pé. E como se a lei da gravidade zombasse do rapaz, ele caiu

esticado, de bruços no chão. Com apenas a luz do abajur acesa, tudo que ele enxergou naquele momento foi o piso. Agora que ele estava ali caído quem o levantaria? Ana Maria, é claro! Quanto constrangimento!

Mas a revolta do inválido era tão grande que não se preocupou nem um pouco em como iria se levantar. Naquela hora de extrema indignação ele só sentiu vontade de gritar e lamentar sua terrível condição. Suando frio de tanta raiva, ele usou toda a força que ainda tinha nos braços para dar socos no chão com as mãos fechadas enquanto gritava:

— Não! Não! Meu Deus, não!

No quarto ao lado Ana Maria dormia um sono calmo quando foi interrompida pelos gritos de Diego. Com o coração disparado, ela mal teve tempo de esfregar os olhos antes de sair correndo direto para o quarto dele. Acendeu a luz e ao encontrá-lo jogado no chão exclamou

extremamente espantada:

— Meu Deus! Diego, o que aconteceu?

Ela estava ajoelhada diante dele, caído naquele chão frio, ele respondeu:

— Eu quis me levantar. Acreditei que poderia andar. Não me conformo com essa situação.

— Você não pode andar. Deveria ter usado sua cadeira de rodas — ela advertiu-o, erguendo-o do chão.

Não foi fácil para ela levantá-lo e, conforme ela o fazia, viu que ele chorava.

Diego lamentava que o arrependimento pelos seus erros não o livrou das consequências dos mesmos. Sua amada fazia de tudo para consolá-lo com as mais belas palavras. Tentava sempre animá-lo e às vezes conseguia um sorriso dele, mas em muitas outras ocasiões dele só vinham mais lágrimas de angústia.

Um mês se passou desde que Diego e Ana Maria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enfim se casaram. Foi uma cerimônia simples no cartório. Celenia e mais dois colegas da faculdade serviram de testemunhas a pedido da noiva.

Diego vestiu um terno digno de um cavalheiro e ela um terninho feminino na cor bege. Na verdade, aquele casal pouco estava preocupado com seus trajes matrimoniais. O que eles queriam mesmo era permanecerem juntos para sempre ou ao menos estarem próximos o máximo de tempo que fosse possível. Ninguém governa absolutamente o destino. O futuro é fruto de muitas coisas e escolhas tanto pessoais quanto alheias.

Ao contrário do que todos podem pensar, a noite de núpcias do casal foi marcada pela angústia que a doença incurável traz. Diego passou mal a noite inteira. Teve febre, os mais diversos efeitos colaterais causados pelos remédios que tomava, vomitou.

PERIGOSAS ACHERON

Verdadeiramente, aquela não foi nem de longe uma noite prazerosamente memorável. Ana Maria até chorou escondida pelos cantos por estar se deparando com a melancólica e insuportável situação. Voltar atrás? Jamais! Ela nunca faria isso.

Era manhã de sábado ensolarada quando Ana Maria decidiu levar seu amado para passear pela cidade, distrair-se um pouco, sentir o amor mais livre e mais perto. Ana Maria conduziu Diego na cadeira de rodas por Roma afora. De imediato, ele não aceitou a ideia do passeio. Estava desanimado, sem vontade de aparecer em público, depressivo e triste de muitas outras maneiras. Mas ela insistiu para que o marido se animasse para ver a vida acontecer ao lado de fora daquela casa. Ela até levou o café da manhã na cama para ele nesse dia. Muito a contragosto, ele acabou cedendo e

aceitando a intimação da esposa para saírem juntos.

Passearam pela Praça Del Popollo e, conforme percorriam os locais, Diego aos poucos se animava e até chegou a conversar com ela. Mas aquele dia não poderia ter reservado pior surpresa. Infelizmente deram de cara com Eric na praça.

Sim, o ex-namorado de Ana Maria e também maior rival de Diego estava lá na Praça Del Popollo, acompanhado de uma colega da faculdade. Ao ver Ana Maria empurrando a cadeira de rodas exclamou irônico:

— Ora, ora, quem eu vejo por aqui! Se não é o mais novo casal romano! Que coincidência, Ana Maria, nos encontrarmos aqui. Então tivemos a mesma ideia de passear na praça. Realmente estou surpreso. Foi para isso que largou a faculdade? Para cuidar de um aleijado?

Imediatamente ela se pôs diante da cadeira de rodas e disse, fitando Eric:

PERIGOSAS ACHERON

— Olá, Eric. Pois é, foi uma infeliz coincidência encontrá-lo por aqui! Tenha mais respeito com o meu marido. Ele não é nenhum aleijado. Apenas está se recuperando de um acidente e vai voltar a andar, fique sabendo. Mais um ano ele já estará andando.

Eric franziu a testa em sinal de não ter compreendido a expressão “marido” usada por sua ex-namorada.

— Marido? — ele questionou surpreso.

— Sim, meu marido. Diego e eu nos casamos já faz um tempo. Foi uma cerimônia simples no cartório. Somente eu, ele e as testemunhas. Afinal, nos amamos e é isso que importa. Aproveita que você gosta de falar da vida dos outros e faz um favor para mim; avise o meu pai que eu me casei. Diga a ele que agora o Diego é perante a lei meu marido e não há nada que ele possa fazer para mudar esse fato. Obrigada, passe bem — ela

PERIGOSAS ACHERON

concluiu, impressionando-o com a novidade, seguindo seu caminho.

Eric estava pálido. Era impossível disfarçar sua expressão de espanto e indignação pelo que ouvira Ana Maria dizer-lhe. Casada! Sim, ele ficou tonto relembrando centenas de vezes aquela catastrófica palavra em sua mente já conturbada por aquela terrível notícia. O pior de tudo era que ele estava incumbido de informar a novidade ao senhor Spezzato. Meio confuso, Eric quase ignorou por completo a presença de sua colega que presenciou tudo, e começou a andar sem rumo pela praça, parecia um bêbado.

— Eric, você está bem? — sua colega perguntou.

— Não, não estou. Preciso ir para casa, chame um táxi — ele respondeu, com as mãos na cabeça.

— Sim, chamarei o táxi. Pelo que percebo não foi bom para você ter encontrado aquela moça com rapaz na cadeira de rodas. Quem eram? — ela

afirmou, tirando seu celular do bolso para chamar o veículo.

— Depois eu te explico. — ele respondeu transtornado.

Para apagar a cena ruim de ter encontrado seu ex-namorado, Ana Maria prosseguiu o passeio com Diego de forma mais alegre. Começou a empurrar a cadeira de rodas girando-a ao redor das fontes que jorravam água saída das bocas daquelas estátuas que ora lembravam leões, ora tigres ansiosos para saírem correndo dali livres.

Diego se animou. Até sorriu com essa tentativa ousada de sua amada em fazê-lo feliz ao menos naquele momento. Se os pombos estivessem ali, naquela hora, certamente seriam espantados pelos gritos e risos eufóricos de alegria daquele jovem

casal.

Instantes depois, cessada a emoção dessa brincadeira, os dois foram-se calando. Silêncio total. Lá se foram os risos naqueles milésimos de segundos tão insignificantes, que passaram tão rapidamente, extinguindo-se para sempre aquele momento de alegria. Diego encarou Ana Maria com um olhar sério e duvidoso:

— Ana Maria, eu tenho uma pergunta a lhe fazer — disse, com um semblante triste.

Um pouco apreensiva com o que seria aquela pergunta, ela assentiu com a cabeça:

— Sim, meu amor, pode perguntar. O que é?

— Você sempre diz para todo mundo que você está comigo porque me ama. Mas seja sincera, sente pena de mim? Está comigo por pena? — ele questionou fatalmente.

Surpresa com a pergunta, ela sentiu-se meio sem fôlego. Tentava encontrar palavras para responder-

PERIGOSAS ACHERON

lhe:

— Eu estou com você porque eu te amo. Somente a piedade não seria suficiente para eu decidir me casar com você. Eu te amo, acredite.

Diego parecia não estar muito convencido com essa resposta. De fato, ele sabia que ela o amava, mas ainda assim acreditava que a piedade que ela sentia por ele era maior do que o amor. Isso pelos gestos e expressões de mera tolerância que ela demonstrava toda vez que ele tinha uma crise de mal-estar ou então uma crise depressiva.

Na mente dele era como se ela estivesse apenas suportando-o. O que o consolava era saber que mesmo com a piedade havia o amor e era sobre este amor que estava alicerçado suas esperanças de um dia realmente serem felizes com ele curado.

Esquecendo seus receios e dúvidas por pelo menos um minuto, Diego admirou sorrindo com serenidade o rosto de sua esposa. Ela se agachou,
PERIGOSAS ACHERON

ficando de frente a ele, também sorrindo. Seus olhos brilharam e nunca houve momento tão tranquilo e maravilhoso quanto aquele. Sem perceber, era como se o tempo parasse e se eternizasse naquele instante. Eles se beijaram, um beijo que terminou com um abraço que reluzia a ternura daquele amor que jamais poderia se acabar.

Ana Maria era católica fiel, mas desde que casou-se com Diego ainda não assistira nenhuma missa, não por pura falta de tempo. Ele sempre passava mal e também não podia deslocar-se sempre. Passado alguns meses ele já estava bem melhor. Por isso, ela não pôde deixar de prestar suas contas com Deus e então declarou a Diego:

— De agora em diante iremos à missa todos os domingos de manhã, sem falta!

Ele, obediente que era à sua esposa, balançou a cabeça em sinal de concordância.

Sua primeira missa de casados ocorreu na

PERIGOSAS ACHERON

Basílica de Santa Maria. Ao vislumbrar a fachada daquele grande monumento erguido pelo Papa Inocêncio II, Ana Maria sentiu paz dentro de si. Todas aquelas formas sacras inspiravam-lhe mais amor por sua religião. O friso de mosaico do século XII mostrando a virgem Maria rodeada pelas dez virgens com lamparinas acesas, sinal de sua virgindade e pureza, e o pórtico coroado por imagens de santos em gestos arrebatadores causavam-lhe terna emoção junto à brisa daquela manhã.

Ao chegarem a Basílica, a missa já havia começado há algum tempo. A edificação estava mais ou menos cheia, havia lá mais mulheres do que homens, umas freiras da região e também alguns seminaristas. Assim que Ana e Diego entraram, todos olharam para trás devido ao suave ruído da cadeira de rodas. O padre também parou de falar por alguns segundos, observando o casal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

adentrar o recinto. Ana Maria sentou-se na última fileira dos fundos, próxima ao portal de entrada, local em que melhor acomodaria Diego em sua cadeira. Depois dos olhares silenciosos a missa prosseguiu normalmente.

Com o passar do tempo Diego recuperava a sua saúde e seus movimentos. Um ano depois ele ainda sofria com as sequelas e os efeitos colaterais dos remédios. Em uma manhã, Ana Maria se deparou com um Diego ardendo em febre.

— Meu Deus, Diego! Você está ardendo em febre. O que está sentindo? Eu deveria ter levado você ao médico antes, mas teimoso do jeito que você é, se recusa a me dizer, afirmando que não estava sentindo nada e que iria passar! Onde está meu celular? Vou chamar a ambulância!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela vasculhou tudo até encontrar o celular e chamou o socorro. No hospital Central, o doutor Bocelli deu-lhe seu parecer sobre o estado de saúde do paciente.

— Doutor Bocelli, como ele está? Ele vai ficar bem? — ela questionou com a face desgastada, quase sem respirar.

— Acalme-se moça. Seu marido tem uma infecção e precisará ficar internado por alguns dias aqui no hospital. Ele vai ficar bem, já estamos ministrando os medicamentos. Deveria tê-lo trazido aqui mais cedo, antes que a situação piorasse — o doutor advertiu-a.

— Eu sei, doutor, mas ele é teimoso. Não quis ir ao médico quando eu mandei! Aí está o resultado — lamentou desconsolada.

Diante do leito do esposo, ouviu a pergunta dele:

— Ana Maria, eu vou morrer? — sussurrou com voz fraca.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, você não vai morrer. Mas precisa se cuidar mais. — respondeu quase friamente, com os olhos rasos d'água.

Dois anos se passaram depois do casamento.

Diego voltou a andar com a ajuda de uma muleta atada a seu braço. Durante esse tempo, Giulio Spezzato, ao saber do casamento de sua filha decidiu ignorar totalmente a existência dela. Mas isso não durou muito tempo, pois uma súbita indignação dominou sua alma, de modo que ele decidiu ter sua filha de volta. Estava disposto a pagar por isso qualquer preço, seja lá qual fosse.

Ana Maria voltou para a faculdade faltando apenas um ano para se formar, e Eric informava Giulio de tudo que sabia. Aproveitando esse momento de ausência da filha foi ter uma conversa

franca com seu genro. Primeiro ele telefonou, marcando um encontro. Inesperadamente, Diego aceitou conversar. Tudo deveria ser mantido em sigilo. Lá pelas tantas, o diálogo resultou na seguinte proposta:

— Diego, se realmente ama minha filha, pense. Deseja mesmo que ela passe a vida inteira debruçada sobre você em um leito de hospital, sentindo piedade do próprio marido? Tem certeza que terá sua consciência tranquila sabendo que põe a vida dela em risco com essa sua doença fatal? Aceite os 50.000 euros e vá embora de Roma. Viva sua vida em paz! Não se preocupe com nada. Já conversei com meu advogado: logo que você for embora a dissolução desse casamento será providenciada, com o abandono de lar será até mais fácil sair a sentença de divórcio. Você deixará uma carta escrita e uma gravação de despedida para ela. Isso também facilitará o adeus. Dessa vez não

PERIGOSAS ACHERON

poderá recusar, você mesmo acaba de me confessar que nesses últimos dois anos minha filha se tornou uma mulher cansada e deprimida. Apesar dela tentar aparentar felicidade, sabe muito bem que ela já sofreu muito por sua causa.

Essa negociação durou uma semana, tempo suficiente para Diego decidir o que faria. Após pensar racionalmente sobre o assunto, decidiu aceitar a oferta. Refletiu: é indigna essa vida que eu estou oferecendo para minha jovem princesa. Por isso, devo ir embora e deixá-la em paz. Obviamente ele a amava mais que tudo, porém, por tanto amá-la e temer que um dia pudesse machucá-la novamente devido a sua doença ou até mesmo trocando-a por um homem — pois ele bem conhecia a sua fraqueza — foi que decidiu aceitar os euros e ir

embora de Roma.

Tudo aconteceria em dois dias. Diego realizaria sua fuga durante a manhã, hora em que ela não estaria em casa. Ao gravar o vídeo e escrever sua carta de despedida chorou com sinceridade.

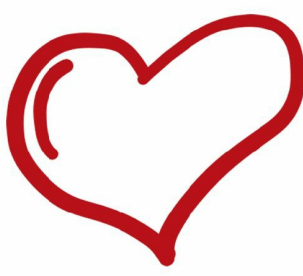
À sua amada ele também deixaria o recibo do pagamento que recebera para abandoná-la.

Ana Maria reflorescia em seus vinte e poucos anos de idade. Planejava viajar com Diego, já que ele já estava recuperado. Somente não imaginava que essa viagem não se concretizaria.

Diego decidiu aproveitar ao máximo os últimos dois dias que passaria ao lado de sua esposa. Às vezes seus olhos lacrimejavam e Ana não sabia por que isso estava acontecendo. Eram as lágrimas da despedida que chegavam para trazer a dor.

Capítulo

10



Muitas vezes, em seu íntimo, Ana Maria desejava que isso não estivesse acontecendo. Sim, ela desejava que um novo dia não surgisse para que ela não tivesse que suportar a angústia de ver seu marido naquela situação deprimente. O amor verdadeiro jamais virá sem dor. Mais cedo ou mais tarde, há sempre algo ruim que acontece e então tudo se torna uma cruel realidade.

Diego chamou sua esposa para um último passeio na Praça de São Pedro. Ela obviamente não sabia de nada, mal imaginava que estava prestes a ser abandonada para sempre por aquele que ela mais

prezava. Sim, aquele seria um último momento para viver juntos. Cinquenta mil euros e mais uns quilômetros de distância em breve trariam a infelicidade para a vida dela.

Já no centro da praça, Diego largou a bengala no chão e de pé, diante de Ana, pôs as mãos nos ombros de sua amada.

Declarou com ares de ternura e voz de despedida, olhando no fundo dos olhos do seu anjo.

— Ana Maria, meu amor, meu anjo, eu quero beijar o teu rosto — sussurrou, beijando-lhe o rosto. Em seguida, fez o mesmo na bochecha, na testa, na boca e por fim no queixo de sua doce esposa. — Eu quero entrelaçar meus dedos nos fios dos teus cabelos — passou suas mãos nos cabelos dela. — Quero minha alma na tua e ficar com você para sempre. Eu te amo e sempre vou te amar. Por favor, nunca se esqueça disso, aconteça o que acontecer — concluiu suas palavras, abraçando-a

fortemente.

— Tenha calma, Diego, não entendo o que disse. Teremos a vida inteira para estarmos juntos — ela afirmou enquanto ele a abraçava, quase a esmagando contra seu corpo.

Terminados os segundos daquele abraço, suas faces foram se encontrando, seus lábios foram se tocando e então, se beijaram com o beijo do adeus. Naquele momento tão sublime durante o qual seus sentimentos reluziam no calor daquele amor, suas almas se uniram em uma só, pelo menos naqueles segundos que poderiam repetir-se se Diego não tivesse prestes a abandoná-la. Na verdade, por ele aquele momento seria eterno. Queria ficar ali beijando Ana Maria sem parar, para sempre! Ela, por sua vez, jamais entenderia a razão da euforia de seu marido em querer amá-la assim com tanta intensidade naqueles simples minutos.

Depois de tudo isso ela pediu calma:

— Tudo bem. Acho que já é o bastante por hoje. Vamos para casa, lá conversaremos mais.

No táxi de volta para casa, Diego pensou consigo: “Ana Maria, eu vou ter que ir embora. Como farei para esquecer os teus beijos? Ah, se eu soubesse! Como fazer para tirar você da minha cabeça? Se alguém me dissesse! Ana Maria, para onde eu for pensarei que você estará lá, mas sofrerei quando ver que você não vai estar.”

Enfim chegou o dia da partida. Diego deixou uma carta e uma gravação de adeus para sua esposa, colocou tudo bem à vista sobre a cama do casal para que logo que Ana chegasse a visse.

Ele arrumou as malas, chamou um táxi e sem olhar para trás nem mesmo uma vez, foi embora com seus cinquenta mil euros. O táxi que o levou

embora naquele instante tornou-se mais uma barca da morte do que um meio de transporte: a barca da morte da felicidade.

A esposa chegou animada da universidade. Naquele dia ela planejava fazer um almoço especial para Diego, agora que ele já estava com sua dieta mais livre. Por conta de sua quase cura já podia estender seu cardápio.

Na volta da faculdade ela passara no mercado para comparar as coisas para o almoço. Chegou à casa sorridente, chamando pelo marido. Deixou as sacolas na mesa da cozinha e começou a procurar Diego por todos os cômodos. Por último, ela procurou no quarto. A primeira coisa que estranhou foi encontrar as portas do guarda-roupa abertas e a parte de seu esposo vazia.

Olhou ao redor e não entendeu nem um pouco o que estava acontecendo. Afinal, humildemente ela havia se preparado naquele dia apenas para fazer

PERIGOSAS ACHERON

um almoço. De repente sentiu medo, respirou fundo na tentativa de compreender o que aquilo significava. Finalmente percebeu o envelope e o CD em cima de sua cama. Sentou-se, primeiro pegou o envelope. Nele estava escrito “Leia essa carta. Em seguida, pegou o CD envolto em uma embalagem na qual estava inscrito: Assista a essa gravação.

Ela leu a carta, o que já foi o suficiente para desaguar em lágrimas e começar a compreender o porquê de seu marido ter se comportado de maneira tão estranha nos últimos dias. Era como se ele estivesse se despedindo e enfim estava.

Ele estava se despedindo, dizendo adeus para sempre. Com a sensação de ter morrido, ela foi até a sala e assistiu àquela gravação. O que mais a magoou e ofendeu-a em tudo isso não foi o fato de Diego ter ido embora e ter a abandonado, alegando ser indigno de seu amor. O que mais destruiu o

PERIGOSAS ACHERON

coração dela foi o fato de seu marido ter aceitado o dinheiro do pai e ainda ter deixado a ela o recibo, comprovando o pagamento.

Naquele mesmo instante ela não quis mais saber de nada. Arrumou suas coisas em duas malas, chamou um táxi e voltou para a casa de seu pai, que inclusive já estava à sua espera. Sim, ela voltou para os braços do pai, pois naquele momento ele era a única pessoa que ela tinha na vida. Mesmo tendo sido ele o causador de sua tristeza, entendeu que ele estava somente querendo provar-lhe que com Diego ela não seria feliz. Seu pai conseguiu provar que o homem que ela tanto amava era um sujeito inconstante e que não a merecia.

Em uma conversa franca com Giulio, admitiu estar vencida naquele mesmo dia no escritório do pai:

— Pai, o senhor tinha razão. O Diego nunca mereceu o meu amor e com ele eu nunca seria

PERIGOSAS ACHERON

feliz!

— Minha filha, tudo que fiz foi para lhe provar que se continuasse no caminho em que estava sofreria muito mais no futuro. Estou aqui para te ajudar a superar tudo isso. Não se preocupe com nada, meu advogado providenciará tudo para efetivar o seu divórcio. Logo estará livre do sobrenome daquele sujeito — declarou abraçando-a.

Ana Maria chorou copiosamente nos braços do pai. Mas ela deveria se preparar para continuar a viver sua vida da melhor maneira possível, mesmo diante de tanta infelicidade.

Logo que adentrou o seu lar no edifício Gran Prezzo, os empregados olharam-na com olhar de piedade, como se dissessem: a pobre não teve sorte no amor, teve que voltar para casa do pai. Ao entrar na antiga sala de música ela teve uma surpresa. Encontrou lá um novo piano. Seu pai o comparou

PERIGOSAS NACIONAIS

para recebê-la de volta em casa. Esse foi o seu presente à filha que tanto amava.

Na verdade, em sua mente de homem viúvo, Ana representava sua esposa morta. Era como se ela ocupasse o lugar de sua mãe na vida de seu pai. Por isso, até então ele não se casara novamente e assim não podia viver sem ela. Sim, Giulio teve suas namoradas, mas de fato a imagem de sua falecida esposa o impossibilitava de se relacionar de maneira séria novamente.

Ele comemorou com seu melhor amigo Victorio a volta da filha. Os dois brindaram o acontecimento com uma taça de champanhe francês legítimo. Victorio obviamente estava totalmente alheio ao caso e fez isso apenas para acompanhar o amigo. Irma, por sua vez, autorizou novamente a amizade entre a filha Celenia e Ana Maria. Tereza, já crescida, correu ao quarto da irmã para comunicarlhe a volta de Ana ao Gran Prezzo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

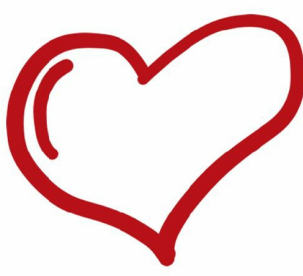
— Celenia! Celenia! A Ana voltou a morar com o tio Giulio! O marido dela gay foi embora com cinquenta mil euros!

Celenia no começo não entendeu quase nada, mas depois sua mãe explicou-lhe todo o ocorrido e assim essa jovem que também tanto sofreu com a maldição do amor foi logo consolar a amiga.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo

11



Enfim, depois de um tempo amargando a tristeza daquela grande perda em sua vida, finalmente ficou pronta a sentença de divórcio de Ana Maria e Diego.

Com tristeza na alma e muito decepcionada com a vida e com o mundo, ela passava distraída seus últimos dias de aula na Universidade Gregoriana. Não, ela não entraria em férias e nem estava se formando. Era seu espírito que gritava para ir embora daquela cidade terrível e voltar para o Brasil.

Ana Maria não odiava Roma, mas sim as más

lembranças que essa cidade lhe trazia. Na cabeça dela, a filosofia já não servia para mais nada. Depois de ter vindo em sua mente um súbito pensamento sobre Diego, sentou-se em um dos bancos do pátio e pôs-se a chorar com os livros nas mãos.

Eric, que passava por ali, observou-a como todos os estudantes que a achavam esquisita, mas ao contrário deles não passou direto, mas vendo a situação da colega aproximou-se. Ele já estava formado, fazia sua pós-graduação. Já haviam se reconciliado, eram amigos novamente, mas seu amor pela brasileira jamais se acabara. Ao olhá-la naquele momento, sua vontade era dizer que ainda a amava.

— Ana, aconteceu alguma coisa? Você está bem? Está chorando! — ele apiedou-se dela.

— Oi, Eric, não é nada! — ela respondeu, tentando enxugar as lágrimas em vão.

— Não precisa fingir. Todos já sabem que o seu marido te abandonou e acaba de sair sua sentença de divórcio. Acredite, eu lamento muito. Fico triste que você não tenha sido feliz com ele. Depois desses anos que se passaram, eu finalmente compreendi que você não me ama e nunca poderia me amar — ele declarou, sentando-se ao lado dela.

— Tudo que eu queria ficou para trás. Meu amor, minha alegria. Eu acho que tudo acabou. Já não sei mais o que fazer. Não sou mais dona do meu destino, não sei para onde eu vou. Acreditei que o Diego fosse capaz de enfrentar o meu pai, mas ele preferiu fugir. — lamentou, com a face molhada e olhos vermelhos lacrimejantes.

— Coloque-se no lugar de seu ex-marido. Ele fez isso pensando no seu bem, não o condene. Ele teve medo de prejudicar você com a doença dele — opinou com sinceridade.

— Mas quanto drama só por causa de uma

PERIGOSAS ACHERON

doença! O nosso amor era mais importante do que tudo isso! Agora nada mais me importa. Logo voltarei para o Brasil — ela quase sussurrou.

Os dois amigos se abraçaram.

Ana Maria tinha acabado de almoçar no restaurante Spezzato, na saída, deu de cara com o doutor Matarazzo. Ele também a encarou com um olhar de piedade. Em seguida, cumprimentou-a com coragem:

— Olá! Como vai, Ana Maria?

— Olá, doutor! — ela respondeu cabisbaixa, engasgada devido ao constrangimento que a imagem do doutor lhe causava. Isso porque essa imagem a lembrava de seu infeliz passado.

Foi tudo que ela disse a ele, seguindo seu caminho sem olhar para trás.

Ana Maria já começava a arrumar suas bagagens para partir, voltar ao Brasil, sua terra natal da qual ela já acreditava que nunca deveria ter saído. Tudo deveria ser muito bem selecionado para que pudesse decidir o que jogaria no lixo e o que levaria consigo. Entre malas, roupas e coisas, uma foto de Diego caiu de dentro do seu livro.

Ela olhou para o chão e para a sua infelicidade, contemplou o rosto de seu ex-marido que na foto sorria. Naquele triste momento em seus olhos surpresos brotaram as lágrimas de infinita angústia. Um pouco apática e indiferente, ela se agachou e pegou a fotografia. Suas mãos ficaram trêmulas e uma avalanche de lembranças ruins invadiram sua mente, de tal forma que um misto de saudade e indignação dominou-lhe a alma.

Ana Maria chorou, chorou muito, e as lágrimas molharam a fotografia. O rádio estava ligado e para ferir-lhe ainda mais a alma a música Can You Feel

PERIGOSAS ACHERON

The Love Tonight começou a tocar. Sim, Ana Maria era admiradora da música inglesa romântica, mas naquela ocasião isso pareceu mais uma provocação maldosa do destino para aumentar o peso do seu castigo.

— Diego, você era tão lindo, tão maravilhoso e fiel. Por que você me abandonou? Por que fez isso comigo? Eu não serei mais a mesma sem o seu amor — sussurrou, vislumbrando a imagem na foto.

Ainda naquela noite, no auge de sua perturbação, Ana Maria desconsolada dirigiu-se até a sala de música e em seu piano tocou pela última vez a canção Per Amore.

No momento em que seus dedos deslizavam sobre o teclado, suas lágrimas se tornaram ainda mais intensas, a ponto de molharem suas mãos e as teclas. E o som daquela melodia se tornou mais que uma linda harmonia de notas musicais, se tornou a

PERIGOSAS ACHERON

tristeza e o terror de amar e não ser amada.

Eric também se preparava para partir, voltar aos Estados Unidos. Iria embora dois dias antes de sua ex-namorada. Então assim começou as despedidas. Mal sabia que deixaria um rastro de destruição no coração de Celenia, que um dia tanto o amou.

Tiveram suas rixas enquanto ele esteve brigado com Ana, mas de certa forma foram bons amigos. Passou pela cabeça dele ir embora sem dizer adeus a ela. Mas voltou atrás em sua ideia e para aliviar sua consciência, decidiu enfrentar a hora triste e considerar o tempo em que foram amigos.

Bateram na porta. Tereza abriu. Era Eric, querendo falar com Celenia.

— Celenia, o Eric está lá na sala para falar com você — avisou à irmã que estava no quarto diante do computador.

— Diga a ele que venha até aqui — Celenia respondeu com indiferença.

— Está bem, vou dizer.

Em todo o tempo que passou Celenia até tentou namorar outro rapaz, mas não conseguiu. Sua mente ainda não estava preparada para esquecer Eric, que entrou em seu quarto sem o menor constrangimento, apenas pediu licença:

— Eric, você aqui?! Entre. O que quer?

— Vim me despedir. Na verdade, dizer adeus. Estou voltando para os Estados Unidos amanhã — explicou sem graça.

— Estados Unidos! — ela se levantou do computador, surpresa e assustada com a notícia.

— Sim, voltarei para a América, para casa dos meus pais em Idaho.

— Então está indo embora! — ela exclamou sem saber o que dizer.

No fundo, sua alma de mulher sozinha estava esmagada com aquelas palavras. Sua indiferença demonstrada outrora se desfez em migalhas no

PERIGOSAS ACHERON

instante em que sua mente interpretou o significado daquele momento que acontecia. Sim, era a hora do adeus eterno. O corpo dela estremeceu.

— Celenia, estou aqui para me despedir de você e dizer que a nossa amizade foi muito importante para mim. Desculpe-me nunca ter aceitado os seus convites para assistir filmes naquela época em que eu estava numa verdadeira fossa. Venha, não fique aí parada feito uma estátua! Abrace-me! — ele pediu já com os olhos lacrimejando.

Ela não disse nada, apenas seguiu em direção a Eric e o abraçou tão fortemente que talvez aquele abraço jamais acabasse. Ao menos se dependesse dela jamais se acabaria. Sim, ela chorou. Chorou naqueles minutos as lágrimas da despedida. Como se o mundo fosse acabar depois de chorar, ainda abraçada a ele confessou-lhe soluçando:

— Eric, eu te amo, eu sempre te amei. Não sei se você percebeu isso. Nunca te disse nada porque

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia que seria inútil; você sempre amou a Ana.

Não sei se você sabia que eu sempre te amei...

— Não fique assim. Na verdade sempre desconfiei que você me amasse, mas eu também nunca quis lhe dar falsas esperanças. Gosto de você, fomos bons amigos, acho que isso vale alguma coisa. Lembra quando dançávamos juntos? Era divertido! Não chore, tudo vai passar.

Por alguns instantes ela refletiu se fazia ou não o seu pedido final. Por fim não hesitou e pediu:

— Eric! — chamou-lhe pelo nome mais uma vez.

— Diga.

— Poderia me dar um beijo, de despedida? — ousou.

Ele não respondeu com palavras, mas sim com o grande gesto tão esperado por ela. Eric beijou-a. Ela pôde sentir seus lábios pela primeira sobre os dele e imaginou como seria se tivesse sido amada pelo seu grande amor.

PERIGOSAS ACHERON

Eric continuou sua peregrinação rumo às despedidas.

Obviamente que essa seria mais difícil, pois estaria dizendo adeus ao seu anjo Ana Maria. A mulher que ele realmente amava.

A própria moça abriu a porta quando a campainha tocou e não pôde conter sua expressão de surpresa ao se deparar com Eric.

— Eric, você por aqui?

— Sim, aqui estou. Venho despedir-me.

— Entre. — ela convidou-o sem graça.

Ele entrou e os dois permaneceram de pé, no centro da sala.

— Então, vai mesmo embora de Roma? — ela fingiu demonstrar interesse.

— Sim, decidi que já é hora de voltar para minha terra natal. Meus pais estão ansiosos para me receber de volta ao lar em Idaho.

— Também estou partindo, mas para o Brasil. Irei

PERIGOSAS NACIONAIS

daqui três dias.

— É, eu sei. Até lá não estarei mais na Itália. Por isso vim para dizer adeus agora. Adeus, Ana Maria — ele disse emocionado.

— Adeus, meu amigo! — ela foi em direção a ele e abraçou-o, em lágrimas.

— Ana Maria, eu te amo de verdade e sempre vou te amar, mesmo que esse amor algum dia adormeça na minha memória. Para onde eu for, carregarei você em minha lembrança. Você é o meu anjo e para sempre será — ele declarou, também em lágrimas, enquanto tinha sua amada em seus braços pela última vez.

— Meu amigo, sou grata pelo seu amor e lamento não poder retribuir do jeito que merece. — ela lamentou-se.

Essa despedida triste terminou de um modo diferente. Eric fez seu último pedido; pediu que ela tocasse para ele a música Angel no piano.

PERIGOSAS ACHERON

— Toque para mim pela última vez — foram suas palavras finais.

Ela realizou o pedido do grande amigo. A música quase não saiu, pois suas mãos trêmulas e molhadas mal conseguiam acertar as notas. E assim a perturbada harmonia daquela canção expressou de maneira infinitamente perfeita o desespero daquele momento.

Enfim, chegara o dia! Aquele era o inverno mais cinzento de todos. Depois do adeus a seu pai, Ana Maria teve apenas a companhia de Celenia até o aeroporto Leonardo Da Vinci. Mas nada de chorar. Afinal, elas ainda se veriam sempre, pois Celenia tinha em mente viajar para o Brasil em breve.

Entraram no táxi. A bagagem já havia sido colocada no porta-malas.

— Querem que eu ligue a música? — o taxista perguntou. Depois de entreolharem-se, foi Celenia que respondeu:

— Oh, sim, pode ser!

— Tenho um ótimo CD de flashback americano!

— o taxista afirmou, ligando a música e dando a partida no carro em seguida.

Naquele momento de adeus, a música preparada pelo destino dentro daquele táxi foi Lost In Your Eyes.

Durante os últimos meses Diego se arrependeu amargamente de ter abandonado Ana Maria. Não era só vergonha, mas ele também sentia nojo dos cinquenta mil euros que recebeu para desistir de seu grande sonho: ser feliz com a esposa.

Ele soube da partida de sua querida ex-mulher. Chegou em Roma o mais rápido que pôde, mas em frente ao edifício Gran Prezzo ele soube através do porteiro que Ana Maria já estava no aeroporto.

Quase sem respirar direito de tanto desespero, apoiado em sua muleta, Diego pegou o primeiro táxi que passava ali naquela hora e seguiu rumo ao PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aeroporto. Implorou ao motorista que seguisse o mais rápido que pudesse. Sim, Diego sentara ao lado do taxista e de certa maneira estava perturbando-o com sua pressa, pois o fato de estar prestes a perder para sempre a mulher que ele mais amava, tornava a alma submergida nas trevas mais profundas da solidão. Irritado, o motorista desconcentrou-se e naquele instante em que suas mãos no volante se perturbaram, o táxi entrou na contramão, aonde outro louco ainda mais apressado vinha em alta velocidade.

Diego gritou, tarde demais para frear. Ambos os carros capotaram. Em minutos, a Via dell' Aeroporto di Fiumicino transformou — se em um aglomerado de pessoas curiosas, carros de polícia e ambulâncias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nos segundos finais da despedida, Ana Maria pronunciou as palavras de adeus à sua melhor amiga:

— Tchau, Celenia. Graças a Deus isso teve um fim. Não é possível viver sempre sofrendo. Será melhor assim — abraçou a amiga, ambas com lágrimas nos olhos.

— Tchau, amiga. Boa sorte e seja feliz apesar de tudo — consolou-a.

Com feição triste e desiludida, Ana seguiu ao portão de embarque. Antes de atravessá-lo, porém, ela olhou para trás pela última vez na esperança de avistar seu grande amor, mas ele não estava lá. Foi apenas um devaneio sem sentido que invadiu sua mente naquela fração de segundos. Avistou somente pessoas desconhecidas. Afinal, por que ele estaria lá se ele a abandonou?

Cabisbaixa, atravessou o portão de embarque e seguiu rumo ao seu destino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela entrou no avião, sentou-se na poltrona macia da primeira classe, mas dessa vez sem o mesmo prazer da sua chegada. A aeronave atravessava o céu estrelado naquela noite em que, da janela, aquela donzela solitária suspirou sua última agonia com os olhos fitos na Lua.

Um amor pode morrer? Talvez, se ele não for verdadeiro...

Mas a morte do amor chega em um momento inesperado, pois não se vive à espera dele. Porém vivemos a nos prepararmos para este dia, que vem sorrateiro tal qual um ladrão no meio da noite.

Se pararmos para pensar, talvez não seja tão difícil enfrentá-la como a última estrela que inevitavelmente um dia se apagará. Não há limites nem barreiras para sermos fortes. Basta vivermos tal qual cada belo amanhecer que brilha com a luz do sol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON